



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

RAFAEL VELLOSO MACEDO

**MURILO MENDES NOS PERIÓDICOS *BOLETIM DE
ARIEL E DOM CASMURRO***

**CAMPINAS,
2016**

RAFAEL VELLOSO MACEDO

**MURILO MENDES NOS PERIÓDICOS *BOLETIM DE ARIEL* E
*DOM CASMURRO***

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestre em Teoria e
História Literária, na área de História e
Historiografia Literária.**

Orientadora: Profa. Dra. Maria Betânia Amoroso.

**Este exemplar corresponde à versão
final da Dissertação defendida pelo
aluno Rafael Velloso Macedo e orientada
pela Profa. Dra. Maria Betânia Amoroso.**

**CAMPINAS,
2016**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 134135/2013-0

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

M151m Macedo, Rafael Velloso, 1984-
Murilo Mendes nos periódicos Boletim de Ariel e Dom Casmurro / Rafael Velloso Macedo. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Maria Betânia Amoroso.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Mendes, Murilo, 1901-1975 - Crítica e interpretação. 2. Boletim de Ariel (Revista). 3. Dom Casmurro (Periódico). 4. Periódicos brasileiros - Rio de Janeiro (RJ). 5. Anos 1930. 6. Convertidos ao catolicismo - Brasil. 7. Integralismo. I. Amoroso, Maria Betânia, 1952-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Murilo Mendes as a writer in the periodicals Boletim de Ariel and Dom Casmurro

Palavras-chave em inglês:

Mendes, Murilo, 1901-1975 - Criticism and interpretation
Boletim de Ariel (Magazine)
Dom Casmurro (Periodical)
Brazilian periodicals - Rio de Janeiro (RJ)
Nineteen thirties
Catholic converts - Brazil
Fascism - Brazil

Área de concentração: História e Historiografia Literária

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Maria Betânia Amoroso [Orientador]
Eduardo Sterzi de Carvalho Júnior
Pablo Simpson Kilzer Amorim
Alfredo Cesar Barbosa de Melo
Vinícius Nicastro Honesko

Data de defesa: 23-02-2016

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

BANCA EXAMINADORA:

Maria Betânia Amoroso

Eduardo Sterzi de Carvalho Júnior

Pablo Simpson Kilzer Amorim

Alfredo Cesar Barbosa de Melo

Vinícius Nicastro Honesko

**IEL/UNICAMP
2016**

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

À minha pequena sobrinha, Lara, pois vejo nela uma força que, aliada à sua curiosidade e à sua alegria, renova minhas esperanças mesmo diante de um mundo caduco.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Célia e Derly, por todo apoio e pelo suporte incondicional; e aos meus irmãos, Priscila e Lucas, pela cumplicidade e pelo companheirismo de sempre.

Aos meus amigos, por compartilharem comigo as ilusões, necessárias para seguirmos em frente, e também as decepções, quando a realidade se mostra implacável.

A Anna, pelo amor e carinho que me tem dedicado, e pela leveza que traz consigo nas risadas de todos os dias.

À professora Maria Betânia Amoroso, pela orientação, pelos ensinamentos, e sobretudo pela paciência, não apenas durante a realização desta pesquisa, mas desde os meus primeiros passos no curso de Estudos Literários.

Aos professores Pablo Simpson e Eduardo Sterzi, pela leitura precisa, e pelos relevantes questionamentos expostos durante a defesa deste trabalho.

A todos os funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, e especialmente a Rosemeire (Rose), da Secretária de pós-graduação, pelo empenho na resolução de um problema inesperado e, conseqüentemente, por ter tornado possível a finalização desta pesquisa. Sinto-me também muito grato aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), pela solicitude e pelo auxílio durante todo o trabalho.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho pretende investigar a contribuição do poeta Murilo Mendes enquanto intelectual participante dos debates de seu tempo. Para isso, nosso foco foi sua contribuição nos periódicos *Boletim de Ariel* e *Dom Casmurro* ao longo dos anos 30. A partir da reconstrução desse ambiente de debate, pretende-se observar os temas aos quais o poeta se dedicou e o modo como foram abordados. Este estudo é a continuação de um trabalho que envolveu a recolha e a indexação da produção jornalística do poeta entre os anos de 1931 e 1957. O recorte, no entanto, marca nossa opção pela análise de textos publicados ao longo da década de 30, período que marcou a entrada do Brasil na modernidade e também a conversão do poeta ao catolicismo.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Mendes, Murilo, 1901-1975 – Crítica e interpretação. 2. *Boletim de Ariel* (Revista). 3. *Dom Casmurro* (Periódico). 4. Periódicos brasileiros – Rio de Janeiro (RJ). 5. Anos 30. 6. Convertidos ao catolicismo – Brasil. 7. Integralismo.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the contribution of the poet Murilo Mendes as a intellectual participant on the debates of his time. In order to do this, our focus was his contribution to the periodicals *Boletim de Ariel* and *Dom Casmurro* in the 1930s. From the reconstruction of this debate environment, we intend to observe the subjects to which the poet dedicated himself and how they were addressed. This study is the continuation of a work that involved the gathering and indexing of journalistic production of the poet between the years 1931 and 1957. The clipping, however, shows our choice for the analysis of texts published throughout the 30s, a period that marked Brazil's entry into modernity and also the conversion of the poet to Catholicism.

KEYWORDS: 1. Mendes, Murilo, 1901-1975 – Criticism and interpretation. 2. *Boletim de Ariel* (Magazine). 3. *Dom Casmurro* (Periodical). 4. Brazilian periodicals – Rio de Janeiro (RJ). 5. Nineteen thirties. 6. Catholics converts – Brazil. 7. Fascism – Brazil.

Sumário

Introdução.....	10
1. O poeta no <i>Boletim</i>	14
1.1. Cinema e pintura, o olhar diferente do poeta.....	17
1.2. O espírito do século: o predomínio do ensaio e da biografia.....	24
1.3. “A Galinha Cega” e o ponto fora da curva.....	32
1.4. O momento do romance proletário.....	35
1.5. O “anti-confusionista”: a literatura social e o <i>essencialismo</i> como alternativa....	38
2. O debate católico em <i>Dom Casmurro</i>	57
2.1. A reação católica no Brasil e seus principais representantes.....	58
2.2. A Igreja e a política: a aproximação com o Integralismo.....	65
2.3. A oposição do poeta frente a partidarização da Igreja.....	70
2.4. Uma visão sobre o catolicismo universalista.....	77
3. Considerações finais.....	83
Referências Bibliográficas.....	86
Anexo.....	90
<i>Boletim de Ariel</i>	92
O impasse da pintura.....	93
Apresentação da ‘Galinha Cega’	94
Nota sobre <i>Cacau</i>	95
<i>Calunga</i>	96
Ismael Nery, poeta <i>essencialista</i>	98
A Poesia e os Confusionistas.....	101
Manuel Bandeira cai no conto do vigário.....	103
Atrairei tudo a mim (S. João, XII, 32)	105
<i>Dom Casmurro</i>	108
O Perfil do Católico.....	109
O catolicismo e os integralistas.....	113
Integralismo, mística desviada.....	116
Resposta aos integralistas.....	119
Breton, Rimbaud e Baudelaire.....	122
Cordeiros entre lobos.....	125
Prendam o Papa.....	128
A Comunhão dos Santos.....	131
Poesia Católica.....	134

Introdução

Além de sua extensa obra lírica, o poeta mineiro, Murilo Mendes (1901-1975), contribuiu com um grande número de textos para jornais e revistas. Segundo o levantamento de Luciana Stegagno Picchio¹, seus textos começam a aparecer na imprensa já na década de 1920, em *A Tarde*, um diário independente de Juiz de Fora, no qual Murilo Mendes, sob o pseudônimo de De Medinacelli, escrevia a coluna *Chronica Mundana*². Após essa primeira participação, periódicos como *Revista Acadêmica*; *Lanterna Verde*; *Letras Brasileiras*; *Para Todos*; *Revista de Antropofagia*; *Verde*; *Revista Nova*; *O Jornal*; *A Ordem*; *Folha de Minas*; *Correio da Manhã*; *Diário Carioca*; *Vanguarda*; *Jornal do Brasil*; *Jornal do Comércio* (Recife); *Suplemento Literário*, *Minas Gerais* (Belo Horizonte); *O Estado de São Paulo* e *Folhetim* também publicariam seus textos. Apesar de encontrarem-se espalhados em variados periódicos, três deles reúnem a maioria dos artigos: O mensário *Boletim de Ariel*, da Editora Ariel, o jornal semanal *Dom Casmurro* e o suplemento *Letras e Artes*, do jornal *A Manhã* – ambos cariocas.

Frente à fortuna crítica que se produziu ao redor de sua obra lírica, seus textos em prosa, incluindo sua produção para jornais e revistas, permanecem ainda pouco estudados. O crítico Júlio Castañon, em livro de 1993, chamava a atenção pelo fato de se tratar “[...] de um conjunto de artigos em quase sua totalidade inéditos em livro e muito pouco explorados pelos estudiosos, tanto no sentido de seu estudo propriamente dito, quanto no levantamento desse corpus.”³. Desde então, alguns trabalhos se dedicaram à execução dessa tarefa.

Quanto ao levantamento do corpus, destacam-se as publicações, em livro, das séries: *Formação de discoteca e outros artigos de música*⁴; e *Recordações de Ismael Nery*⁵, publicadas, originalmente, no suplemento *Letras e Artes*; e a revista *Anuário de Literatura*⁶, que reuniu os artigos publicados no jornal *Dom Casmurro*. Entre os estudos de sua prosa, ressaltamos os de Marta Nerhing, *Murilo Mendes crítico de arte: a invenção do finito*⁷, no qual são analisados alguns artigos publicados em *Letras e Artes*; o de Júlio Castañon, já citado anteriormente; e,

¹ MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*; organização e preparação do texto Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, pp. 1716- 1720.

² SCHER PEREIRA, Maria Luiza (org.). *Imaginação de uma biografia literária: os acervos de Murilo Mendes & ZIMBRÃO Da SILVA, Teresinha Vânia (org.).* *Chronicas Mundanas e outras crônicas: as crônicas de Murilo Mendes.* Coleção Derivas, Juiz de Fora: UFJF, 2004.

³ GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Territórios/ Conjunções: poesia e prosa crítica de Murilo Mendes.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993, p. 81.

⁴ MENDES, Murilo. *Formação de discoteca e outros artigos de música.* Introdução: MOURA, Murilo Marcondes de. São Paulo: EDUSP/ Editora Giordano, 1993.

⁵ MENDES, Murilo. *Recordações de Ismael Nery.* 2ª ed. São Paulo: EDUSP; Editora Giordano, 1996.

⁶ *Anuário de Literatura.* Edição Especial Murilo Mendes, número 9, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

⁷ NERHING, Marta. *Murilo Mendes crítico de arte: a invenção do finito.* São Paulo: Nankin, 2003.

especificamente, sobre seus artigos para o jornal *Dom Casmurro*, os trabalhos de Raul Antelo, “Murilo, o Surrealismo e a Religião”⁸, e o de Maria Betânia Amoroso, “Murilo Mendes nos jornais: entre a política e a religião”⁹. Os textos do poeta para o *Boletim de Ariel*, no entanto, não foram ainda reunidos, embora apareçam em alguns estudos sobre o autor¹⁰.

Dando continuidade a um trabalho de recolha e indexação de seus artigos publicados entre os anos de 1931 e 1957¹¹, o presente estudo se propõe a investigar a participação de Murilo Mendes nos debates de grande repercussão na década de 1930, tendo como foco os textos presentes nos periódicos *Boletim de Ariel* e *Dom Casmurro*. Posto que nosso objetivo principal foi o de localizar o poeta mineiro nas discussões que ali se deram, fez-se necessária a contextualização tanto dos principais temas tratados no *Boletim* quanto do movimento católico durante esse período. E, para tanto, recorreremos a artigos de outros autores, assim como àqueles publicados em outros periódicos¹².

Observadas as circunstâncias de produção de seus textos, pudemos nos atentar aos traços que os caracterizam, percebendo como se deu seu percurso enquanto poeta-crítico do seu tempo. Tempo este marcado pela sua complexidade, como nos aponta Davi Arrigucci Júnior em bela introdução feita à organização dos artigos “Recordações de Ismael Nery”. De acordo com o autor, tratava-se:

⁸ ANTELO, Raul. “Murilo, o Surrealismo e a Religião”. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1565>>. Acessado em 12 dez. 2015.

⁹ AMOROSO, Maria Betânia. “Murilo Mendes nos jornais: entre a política e a religião”. *Literatura e Sociedade*, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, São Paulo, nº 16 (2012). Além desse trabalho, a autora realizou importantes estudos sobre a prosa de Murilo Mendes, dentre os quais estão “Retratos-Relâmpago: Despedida e Comemoração” (Revista USP, v. 93, p. 103-111, 2012); “O retrato do amigo” (In: *Murilo Mendes: retratos-relâmpago*, 2013, Juiz de Fora: UFJF/MAMM, 2011. v. 1. p. 111-126); e “A escrita aforismática de Murilo Mendes” (no prelo).

¹⁰ Júlio Castañon, em seu trabalho citado anteriormente, foi um dos que primeiros estudiosos do poeta a fazer referência aos artigos publicados no *Boletim de Ariel*.

¹¹ *Murilo Mendes: colaborador em jornais e revistas*. Trata-se de monografia realizada sob a orientação da Prof^ª. Dra. Maria Betânia Amoroso, no qual foram reunidos e indexados os artigos do poeta mineiro publicados em diferentes periódicos entre os anos de 1931 e 1957. Tal trabalho foi apresentado ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, em 2011, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Estudos Literários.

¹² Na revista *A Ordem*, por exemplo, encontram-se textos fundamentais para a contextualização do movimento de reação católica observado nas primeiras décadas do século XX.

[...] da chegada da modernidade, do movimento modernista e das contradições acirradas que vêm com o avanço do capitalismo e o desejo de atualização de certos setores da burguesia brasileira, posta diante dos tempos modernos, com os começos da industrialização e a emergência do movimento operário. É o momento histórico em que atuam poderosas tensões ideológicas, entre cosmopolitismo e nacionalismo, entre esquerda e direita, entre comunistas e fascistas (que erma antes verdeamarelaamente integralistas). É o momento em que brotam as sementes de renovação católica a que iriam aderir intelectuais até então quase nunca religiosos [...]. É quando vem à tona da consciência crítica a realidade brasileira, encarada como problema, ao mesmo tempo que os espíritos se deixam siderar pelas novas correntes de pensamentos vindas de fora e pelas vanguarda artísticas internacionais, como se dá com intelectuais ligados ao modernismo, empenhados no grande movimento de transformação da inteligência brasileira [...].¹³

Os intensos debates travados em torno dos temas citados movimentaram a intelectualidade brasileira que, em sua maioria, participava deles por meio de sua colaboração em jornais e revistas do período. E, com Murilo Mendes, não seria diferente.

Na primeira parte do trabalho, em que são analisados os textos publicados no *Boletim de Ariel*, fica clara a sua preocupação com o rumo das artes e com o modelo de crítica que se realizava naquele momento. Em textos como “O impasse da pintura”¹⁴, por exemplo, o poeta observa a importância da conexão entre as variadas linguagem artísticas – como o cinema e a pintura – e como isso ainda era ignorado tanto pela crítica quanto por alguns artistas. No *Boletim*, Murilo também esteve envolvido nos debates em torno do papel social da arte, principalmente, no que se deu sobre o romance social. Seus textos, nesse sentido, indicam a postura de quem procurou evitar o uso de discursos previamente referendados por ideologias externas à própria literatura como ferramenta crítica.

O que não significa que deixou de reconhecer o papel social tanto da literatura quanto das outras artes, porém o fez segundo uma visão muito particular, distante das categorizações formuladas por outros críticos à época. É o que se encontra em “Apresentação da ‘Galinha Cega’”¹⁵ e “Nota sobre *Cacau*”¹⁶. Nesses artigos, Murilo procurou deslocar o fazer literário para fora da disputa política que imperava no ambiente intelectual brasileiro, ao mesmo tempo em que valorizou a representação de indivíduos marginais e a própria poesia diante da preferência por gêneros como o ensaio e a biografia.

O contato com o as ideias do amigo Ismael Nery – que Murilo Mendes definiu como filosofia *essencialista* – também marcam sua participação no *Boletim*. Seu artigo “Ismael Nery, poeta essencialista”, ao descrever uma possível metodologia poética do amigo, traz as bases

¹³ MENDES, Murilo. *Recordações de Ismael Nery*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Editora Giordano, 1996, p. 12.

¹⁴ MENDES, Murilo. “O impasse da pintura”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, out. 1931, p. 10.

¹⁵ MENDES, Murilo. “Apresentação da ‘Galinha Cega’”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1932, p. 41.

¹⁶ MENDES, Murilo. “Nota sobre *Cacau*”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1933, p. 317.

para se entender a postura crítica do poeta diante da realidade que se manifestava ao seu redor, e o modo como procurou abordá-la, não apenas no *Boletim de Ariel*, como também no jornal *Dom Casmurro*. Já em suas últimas contribuições, após converter-se à religião católica, nota-se a presença de um catolicismo muito peculiar que, aliado ao *essencialismo* de Nery, compõe a grande ferramenta crítica de Murilo Mendes.

Investigar alguns aspectos do catolicismo, assim como o entendia Murilo Mendes, foi o que se tentou realizar na segunda parte do trabalho. Observando os artigos que formam a série publicada em *Dom Casmurro*, no ano de 1937, procuramos entender qual foi o posicionamento do poeta diante de um movimento que buscava a atualização e a modernização da Igreja Católica. Durante a chamada *reação católica*, intelectuais como Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima tomaram à frente do laicato católico e pretenderam expandir a influência da religião para além do plano espiritual. É o que se observa, por exemplo, na tentativa de aproximação entre a Igreja e a Ação Integralista Brasileira (AIB), liderada por Plínio Salgado.

Tal movimento levou o católico Murilo Mendes a manifestar-se em artigos como “O catolicismo e os integralistas”¹⁷; “Prendam o Papa”¹⁸ e “Resposta aos integralistas”¹⁹, nos quais atacou o que entendeu como uma tentativa de transformar a Igreja Católica em um partido político, o que, segundo o poeta, não estaria de acordo com o espírito universal da instituição. Em outro momento desta mesma série, Murilo procura rever as distâncias entre os ideais marxistas e os propósitos do verdadeiro catolicismo, ao mesmo tempo em que critica e ridiculariza o comportamento do católico mais próximo do materialismo burguês do que dos ensinamentos de Cristo, como ocorre em “O Perfil do Católico”²⁰. Por fim, o poeta nos apresenta uma síntese entre poesia e catolicismo que, envolvida pela filosofia *essencialista*, compreenderia tanto uma metodologia poética como uma visão de mundo.

O que se realiza, aqui, é uma tentativa de mostrar a atuação do poeta enquanto intelectual crítico que, ao desenvolver uma maneira totalmente heterodoxa de investigação, acaba desfocalizando seus objetos, até então, bem delineados e restritos pelas visões polarizadas que dominavam o debate ideológico na década de 30. E é isso o que se pretende apresentar a seguir.

¹⁷ MENDES, Murilo. “O catolicismo e os integralistas”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 13, 5 ago. 1937, p. 2.

¹⁸ MENDES, Murilo. “Prendam o Papa”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 18, 9 set. 1937, p. 2.

¹⁹ MENDES, Murilo. “Resposta aos integralistas”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 15, 19 ago. 1937, p. 2.

²⁰ MENDES, Murilo. “Perfil do Católico”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 8, 10 jul. 1937, p. 2.

1. O poeta no *Boletim*

O “mensário-crítico-literário”, *Boletim de Ariel*, segundo a historiadora Tania Regina de Luca, foi “um empreendimento da Ariel Editora Ltda”²¹, empresa fundada por Agripino Grieco e Gastão Cruls²², que exerceram também as funções, respectivamente, de diretor e de redator-chefe, nos primeiros anos da publicação. Ainda pouco pesquisado em sua totalidade, o *Boletim de Ariel* reuniu textos de importantes nomes da intelectualidade brasileira na década de 30, dentre eles o poeta Murilo Mendes. Seus textos, publicados entre os anos de 1931 e 1938 – e que compõem a primeira sequência de artigos em um mesmo periódico desde que deixara de escrever sua coluna *Chronica Mundana*²³, no jornal *A Tarde*, de Juiz de Fora, na década de 20 – destacam-se em meio aos demais textos ali publicados pelo modo como inserem o poeta num ambiente de calorosos debates – não só literários e artísticos, como também sociais e políticos da década de 30.

Apesar de identificarmos aqui o *Boletim de Ariel* como um importante veículo de divulgação de ideias e local de diálogo entre grandes figuras da intelectualidade brasileira, alguns estudos como o de Luís Bueno²⁴ e o de Tania de Luca também reconheceram seu caráter de empreendimento, dando destaque ao seu papel de divulgador das obras publicadas pela Editora Ariel. A historiadora, no referido trabalho, analisa alguns periódicos produzidos no Brasil entre os anos de 1919 e 1944 e, sobre o *Boletim* afirma que:

²¹ LUCA, Tania R. de. *Leituras, projetos e (Re)vistas do Brasil (1919-1944)*. 1ª Edição. São Paulo: Editora da Unesp, 2011, pp. 119-120.

²² Sobre Grieco, Alfredo Bosi (1994) destaca que o diretor do *Boletim* “foi um dos mais atentos e vivos leitores da nova literatura (pp. 492-493)”. Já para João Luiz Lafetá (2000), ele foi um crítico “dotado da agilidade mental e da versatilidade que caracterizam bem certo estilo de jornalismo literário (p. 41)”. Quanto a Gastão Cruls, foi médico de formação, aventurando-se em alguns livros de contos. Alcançou relativo conhecimento apenas com seu romance *A Amazônia misteriosa*, de 1973.

²³ SCHER PEREIRA, Maria Luiza (org.). *Imaginação de uma biografia literária: os acervos de Murilo Mendes & ZIMBRÃO Da SILVA*, Teresinha Vânia (org.). *Chronicas Mundanas e outras crônicas: as crônicas de Murilo Mendes*. Coleção Derivas, Juiz de Fora: UFJF, 2004.

²⁴ BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo, SP; Campinas, SP: EDUSP: Editora da Unicamp, 2006.

O fato de surgir como porta voz de uma empresa por si só não determina necessariamente as características da publicação. Porém, pode-se argumentar que o fato de ser um impresso periódico que deveria ser *adquirido* pelo público potencialmente interessado nos produtos e ações de uma editora e seus responsáveis, tendia a contribuir para o esmaecer do tom polêmico e da capacidade de agregar indivíduos em função do compartilhar de posições estéticas e políticas, ainda mais porque quanto maior a força econômica e/ou simbólica do empreendimento-mecenas, maior a preocupação de preservar a imagem da marca frente ao público, o que contribui para a predominância de um ecletismo bem comportado, que não ferisse suscetibilidades do gosto médio.²⁵

Luís Bueno, por sua vez, buscou, em alguns jornais e revistas dos anos 30, uma ferramenta para compor o quadro crítico sobre a produção romanesca brasileira desse mesmo período. O autor observou tal aspecto empreendedor, ao contrastar dois momentos distintos do Modernismo. Segundo ele, a ênfase na preocupação estética observada na geração de 22 havia contribuído para o surgimento de manifestos e de revistas em que diferentes grupos divulgavam suas ideias. Fato que não se observou na chamada geração de 30 que, mais voltada às questões sociais e políticas, teve no *Boletim* um importante local de debate, embora o periódico não defendesse a posição de nenhum grupo.

Se o desejo de fazer uma arte brasileira, incluindo o uso de uma linguagem mais coloquial e uma aproximação da realidade do país, é um dado de permanência do espírito de 22, durante a década de 30, a realização estética em si mesma é muito diferente – o predomínio do romance ao invés da poesia já é evidência suficiente desse fato. A forma de atuação também é outra. Os modernistas produziram manifestos e profissões de fé, fundaram revistas e formaram grupos, mesmo depois de estarem evidentes as diferenças dentro do grande grupo inicial. Os escritores de 30 não produziram um único manifesto estético. A principal revista do período, o *Boletim de Ariel*, não era o espaço de manifestação de um grupo ou de um movimento: era na verdade, um empreendimento comercial da Ariel editora, em nada semelhante à *Revista de Antropofagia* ou à *Klaxon*, ou a qualquer revista modernista.²⁶

O caráter empresarial e a falta de uma filosofia própria, observados nos trabalhos citados, parecem mais evidentes quando conferimos a visão que o próprio redator-chefe tem de sua publicação. O texto com que Gastão Cruls inaugura a primeira página do *Boletim* reforça a ideia de um ambiente em que havia pouco espaço para a polêmica. Segundo Cruls:

O *Boletim de Ariel*, embora com aspirações mais altas, pede muito menos a seus leitores. Aqui, se também prepondera o mesmo espírito de escorço rápido e da nota despretensiosa acerca do que mais interessante e significativo ocorrer no mundo das letras, das ciências e das artes, tanto no Brasil como no estrangeiro, tudo se valorizará pelo nome de seus signatários, sempre colaboradores de realce, escolhidos entre o que de melhor houver nas nossas elites intelectuais.²⁷

²⁵ LUCA, Tania R. de, op. cit., p. 119.

²⁶ BUENO, Luís, op. cit., p. 66.

²⁷ CRULS, Gastão. “Conversa fiada ...”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, out. 1931, p. 2.

Entretanto, como bem ressalta Cruls, o valor de seu *Boletim*, que seria publicado entre os anos de 1931 e 1939, estaria na sua capacidade de reunir grande parte da intelectualidade brasileira. Além de Murilo Mendes, ali estiveram presentes autores que, publicados pela Editora Ariel, também foram seus colaboradores. Entre eles estavam Jorge Amado, Gilberto Amado, José Maria Belo, Raul Bopp, Otávio de Faria, Odilon Nestor, Lúcia Miguel Pereira, Cornélio Pena, Graciliano Ramos, Marques Rebelo e José Lins do Rego. Dessa forma, apesar do “esmaecer do tom polêmico”, traço sugerido por Tania de Luca, e da falta de uma identificação direta com alguma ideologia, percebida por Bueno, por concentrar textos de intelectuais influentes, o *Boletim* acabou se tornando palco de discussão de grandes temas no ambiente cultural e político brasileiro.

A postura de Gastão Cruls indica uma atitude mais leve diante, principalmente, dos debates travados no âmbito político. Todavia, não podemos deixar de salientar que muitos dos indivíduos que constituíam as “nossas elites intelectuais” apresentavam divergências ideológicas bem acentuadas e que foram frequentemente expostas em seus artigos. É importante ressaltar que colaboravam ali, além dos já citados Jorge Amado e Graciliano Ramos, também Aderbal Jurema e Valdemar Cavalcante, intelectuais que nesse momento se identificavam com o pensamento de esquerda. Da mesma forma, estiveram presentes Lúcia Miguel Pereira, Octavio de Faria, Tristão de Athayde, Roquette-Pinto, autores mais próximos da corrente conservadora, espiritualista e de direita.

Uma rápida leitura dos artigos de alguns destes intelectuais nos mostra uma esfera de debate que se polariza, em alguns momentos, com maior ou menor intensidade. Não se apresenta, entretanto, um debate político escancarado, uma vez que as opiniões – salvo as manifestadas com maior vigor – encontravam-se diluídas em breves resenhas ou em textos críticos sobre uma gama variada de assuntos, nos quais o clima de “morde e assopra” entre os colaboradores, por vezes, insinuava-se. O fato de seus colaboradores terem sido, em sua maioria, autores publicados pela Editora Ariel²⁸ foi relevante para a manutenção de uma postura cavalheiresca que imperava em quase todos os textos. Contudo, esse clima amistoso não impediu que, em determinados momentos, escapassem-lhes manifestações ideológicas mais

²⁸ *Coivara* (1931); *Elsa e Helena* (1931) e *A Amazônia que eu vi* (1931), de Gastão Cruls; *Educar-se para Educar* (1931), de Francisco Venâncio Filho; *Alma sem abrigo* (1931) e *A vulgarização do saber* (1933), de Miguel Ozorio de Almeida; *Vozes da minha Terra* (1931), de Roquette Pinto; *Em Surdina* (1933), de Lúcia Miguel Pereira, ; *Cacau* (1933) de Jorge Amado; *Doidinho* (1933), de José Lins do Rego; *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos; *Fronteira* (1935), de Cornélio Penna; *Maquiavel e o Brasil* (1931) e *O destino do Socialismo* (1933), de Octavio de Faria; *Dança sobre o abismo* (1933), de Gilberto Amado; *Evolução da Poesia Brasileira* (1933), de Agripino Grieco.

diretas. E é neste ambiente de debates marcados por diferentes ideologias – em que visões estéticas confundiam-se com tendências políticas –, que encontramos os textos de Murilo Mendes.

O conjunto de textos publicados no *Boletim* nos revela o interesse do poeta mineiro por todas as manifestações artísticas, embora a maior parte de seus artigos seja sobre literatura. Logo em sua primeira participação, no número inaugural do *Boletim*, Murilo já nos apresenta um texto cuja estrutura e organização não remetem àquilo que, frequentemente, seria observado em artigos de outros colaboradores da revista. Num momento em que crescia o interesse de alguns intelectuais pelo cinema, e em que os discursos de cunho político social já se faziam presentes nos artigos, Murilo Mendes ensaia uma reflexão mais ampla sobre o tema, num movimento que viria a se manifestar em toda a sua produção para o *Boletim*: o de aproximar os diferentes campos da arte.

1.1. Cinema e pintura, o olhar diferente do poeta

Na primeira metade da década de 30, alguns autores já tratavam da nova arte. No *Boletim*²⁹, até o ano de 1932, Jack Sampaio, Genolino Amado, Arthur Coelho e Lúcia Miguel Pereira foram alguns dos que tomaram o cinema como seu objeto, ou lhe fizeram algum tipo de referência. Antes disso, já em 1929, Octavio de Faria, que foi um dos entusiastas do cinema no Brasil³⁰, no artigo “O cinema e o século vinte”³¹, publicado na revista *A Ordem*, já se pronunciava sobre o assunto. Octavio de Faria avistava uma possível crise não só nas artes plásticas, mas em todo o universo artístico, com a chegada do cinema. Segundo ele, a nova arte viria:

Condenada pelos intelectuais que só viam nela a sua tendência à universalidade de prisma e encarada pelo público apenas como um divertimento a mais, vinha envolvida ainda nas malhas de um processo mecânico, de uma falsa pista seguida e de uma tendência à comercialização lastimável.³²

²⁹ A arte cinematográfica, principalmente nos primeiros anos do *Boletim*, foi tema recorrente, com textos críticos tanto sobre a técnica cinematográfica quanto sobre sua relação com aspectos sociais e políticos do período. Embora, no decorrer da década, seu espaço nos artigos tenha diminuído, a partir de 1935, surge na publicação uma coluna fixa na qual são destacados, junto a breves comentários, os filmes em cartaz.

³⁰ Octavio de Faria, além de crítico, ensaísta, romancista e tradutor, participou também da fundação do Cineclube Chaplin, onde, ao lado de Plínio Sussekind Rocha, Almir de Castro e Cláudio Melo, dedicou-se ao estudo do cinema. Ali passaram importantes nomes do Cinema Novo entre eles: Joaquim Pedro Andrade, Leon Hirszman e Paulo Cesar Saraceni.

³¹ FÁRIA, Octavio de. “O cinema no século vinte”. *A Ordem*, Rio de Janeiro, jan. 1929, p. 360-367.

³² *Ibidem*, p. 362.

Algumas destas primeiras impressões não desapareceriam, mas o reconhecimento do cinema como a grande arte do século XX ficaria evidente. O texto de Octavio de Faria marca a admiração que alcançara o cinema e a visão, muito comum na época, de que ele seria capaz de condensar todas as outras artes de uma só vez:

Nenhuma arte com efeito se adapta melhor às exigências da vida de hoje. À necessidade de ação. Seja de ação consciente, seja de ação inconsciente. Seja de viver pessoalmente um romance, seja de senti-lo viver numa tela. À necessidade de atingir de uma vez só o total de uma situação emotiva. De todas as artes sendo a que menos necessita dessa *transposição* de que todas as outras lançam mão e que as torna hoje mais ou menos incompatíveis com a vida de todo o dia.³³

As mudanças observadas pelo crítico indicam um caminho “evolutivo”, percorrido pela arte, que culminaria com o cinema. A imagem de uma única forma de arte capaz de captar a vida moderna com toda a sua velocidade e complexidade parece realizar-se a cada linha de seu artigo. Nele, o autor recupera passagens de Georges Charensol³⁴ e de Élie Faure³⁵ nos quais a superioridade da arte cinematográfica diante das demais é reafirmada. Na visão de Charensol, o cinema se apresentaria como uma arte superior, pois reuniria qualidades tanto das artes plásticas quanto da literatura. Já para Élie Faure, a ameaça é mais evidente, pois sugere um possível desaparecimento da pintura e da escultura diante do potencial de uma arte ainda pouco explorada³⁶:

[...] la peinture et la sculpture son peut-être condamnées à disparaître dans leur forme et leur destination actuelles. La complexité de l'âme et des moyens de l'homme d'aujourd'hui s'accroît de jour en jour. Qui peut prévoir la destinée d'un instrument tel que le cinématographe, par exemple?³⁷

Frente a diferentes posições sobre a nova técnica, Octavio de Faria manifestou-se contrário à ideia de que o cinema viria extinguir as outras artes. Entretanto, ressaltou que a sétima arte conseguiria melhor representar a realidade do século XX:

³³ FARIA, Octavio de. “O cinema no século vinte”. *A Ordem*, Rio de Janeiro, jan. 1929, p. 362.

³⁴ Georges Charensol (1899-1995) foi jornalista e crítico de arte francês. Em 1925 foi empregado como redator na revista literária francesa *Les Nouvelles Littéraires*, permanecendo no cargo até 1940. Retorna em 1949 como redator-chefe e responsável pela rubrica de cinema.

³⁵ Élie Faure (1873-1937) foi um importante historiador de arte e ensaísta cuja obra *Histoire de l'art*, em cinco volumes, permanece como referência no assunto.

³⁶ Os trechos referentes aos dois autores franceses foram recuperados diretamente do artigo de Octavio de Faria. Quanto à sua citação de Georges Charensol, o autor não traz nenhuma referência. No caso das citações de Élie Faure, há apenas uma indicação de que foram extraídas de seu livro *Histoire de l'art*.

³⁷ FAURE, Élie. *Histoire de l'art* apud FARIA, Octavio de. “O cinema no século XX”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, jan. 1929, p. 363.

Eu não acredito na queda das outras artes, nem diante do cinema, nem diante de outra arte, qualquer que ela seja, porque me parece que há ideias que ficam melhor expressas numa arte que em outra [...] Mas essa ideia de que deva existir uma arte capaz de contentar o nosso século, de traduzir a sua realidade, me parece profundamente verdadeira.³⁸

Ao final do artigo, Faria já não consegue esconder sua admiração pela nova arte, tampouco o modo como a enxerga superior às demais:

Capaz de exprimir todos os estados da alma, capaz de narrar o real e de construir o imaginário, senhor do tempo e do espaço, capaz de criar todos os ritmos, de relacionar todos os movimentos, de coordenar em uma sinfonia só por transposição a palavra e todas as notas de cor e luz, capaz de atingir o consciente e o inconsciente, capaz de dizer e de fazer perceber, capaz de atingir a beleza das máquinas e dos focos de luz, do arranha-céu e da ponte de ferro metálico, da linha reta que arte despreza quase sistematicamente pela curva, arte essencialmente sintética, que não se satisfaz com a ação e exige a psicologia da ação e vai adiante ainda exigindo uma relação entre as ações para a criação de um todo, o cinema, única arte capaz de exprimir o complexo do século vinte, tende para uma primazia sobre as outras artes, de que ainda não nos é dado imaginar as bases, nem marcar os limites mas que uma observação demorada e leal deixa perceber já francamente em “processus” de elaboração.³⁹

De outro modo observou, Murilo Mendes, o nascer dessa nova arte. No *Boletim*, foi um dos primeiros a lhe fazer referência. Em “O impasse da pintura”, o poeta tece comentários acerca da pintura e sobre como as novas técnicas (cinema e fotografia) afetariam, não só as artes plásticas, mas o modo de se pensar a produção artística. A formatação do texto, no qual Murilo parece transitar livremente entre os temas, não se assemelha àquelas que encontramos nos artigos anteriores e, podemos dizer, na maioria dos que foram publicados no *Boletim* na mesma década.

³⁸ FARIA, Octavio de. “O cinema no século vinte”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, jan. 1929, p. 365.

³⁹ Ibid. p. 367.

A pintura está em crise. A máquina fotográfica e o cinema, como é universalmente sabido, modificaram de maneira importante as condições de existência dela. Depois de infindáveis especulações sobre faturas abriram-se as “válvulas da imaginação” e se fizeram todas as combinações possíveis de formas de cores e de assuntos. A pintura, como tem sido compreendida até agora, é um produto da organização capitalista da sociedade. Por conseguinte sofre atualmente as consequências da superprodução. As sociedades burguesas queimam quadros? Não, queimam café. Bonito. Pouparam os quadros. O produtor do quadro é mal pago, vive mais ou menos de “médias”, os companheiros não fazem greve, o dono da galeria, capitalista, ganha um dinheirão nas costas do pintor, e o adquirente mais a família dele tem a renda prazer. Um ou outro pintor mais felizardo, que consegue se livrar dessa pressão imperialista, vinga o resto da classe fazendo desenho político, sátira de costumes, etc. Parece que a orientação atual se faz no sentido de dar à pintura uma finalidade educativa. O quadro enfeite de parede tende a desaparecer, pois o espírito da arquitetura moderna rejeita a decoração – ou por outra, a decoração é naturalmente feita pela distribuição das massas e a disposição das luzes. Mesmo as representações líricas na pintura se veem quase sempre prejudicadas pelas exigências de cor, assumem logo um aspecto decorativo. Aspecto esse que desaparece, por exemplo, com a técnica do branco e preto. O cinema não substituirá a pintura, mas, pintura, em movimento, suceder-lhe-á. Com a vantagem do seu caráter de universalidade.⁴⁰

O texto de Murilo Mendes nos apresenta, antes de tudo, uma maneira de encarar a relação entre as artes que se diferencia da apresentada no artigo anterior. Enquanto a Octavio de Faria interessa determinar, numa escala evolutiva, uma sequência de superações em que, para cada época ou momento histórico, corresponderia um tipo específico de produção artística, Murilo procura romper com essa noção de linearidade. O crítico reconhece na técnica cinematográfica um aspecto evolutivo que corresponde à sua melhor adaptação ao que a vida moderna exigia, enquanto o poeta mineiro a coloca lado a lado com outras artes, optando por observar as relações entre elas estabelecidas.

Murilo reconhece a necessidade de se pensar tais mudanças, afinal, com o cinema e a fotografia, as “válvulas da imaginação” foram abertas e o mundo das artes caminharia em direção a outras experiências. Entretanto, esse caminho envolve a aproximação entre as várias formas de arte e não uma hierarquização, ou o reconhecimento da primazia de uma sobre as demais. A ideia aqui é de contiguidade; vislumbram-se as infinitas possibilidades da pintura diante do surgimento de novas técnicas. O poeta opta por realizar um exercício reflexivo em que se pense as variantes da pintura frente ao cinema e à fotografia. Nesse sentido, interessa a Murilo transgredir as fronteiras estabelecidas entre as diferentes linguagens, colocando-as em constante movimento.

O olhar do poeta sobre as novas técnicas de produção artística distancia-se também daquilo que se vê no artigo “Cinema”⁴¹, de Jack Sampaio. Este preferiu observar a nova arte

⁴⁰ MENDES, Murilo. “O impasse da pintura”. *Boletim de Ariel*, out. de 1931, p. 10.

⁴¹ SAMPAIO, Jack. “Cinema”. *Boletim de Ariel*, out. 1931, p. 16.

segundo sua relação com o modelo industrial de produção. Partindo da expressão “indústria cinematográfica”, sua análise não apresenta o mesmo otimismo de Octavio de Faria, assemelhando-se a este apenas no seu modo restrito de observar o cinema:

Como conciliar estes dois termos? Realmente parece haver conflito entre “indústria” e “arte”. Parece haver, e há, ou antes: havia. Nossa época, porém, vê realizar, senão uma conciliação, pelo menos um acordo entre esses dois termos. A arte, em muito dos seus ramos, industrializou-se; a indústria, por seu lado, fez concessões à arte. Por que? Consequências do regime capitalista, da concorrência, do desenvolvimento do senso estético no povo. Hoje, todo ser humano se arroga de apreciar, de criticar e julgar a estética de tudo que o circunda. Daí a necessidade para a indústria de produzir coisas que agradem.⁴²

Se para Jack Sampaio, o cinema deve, inicialmente, ser analisado segundo sua situação de produção em escala industrial, as observações feitas por Murilo parecem questionar este tipo de abordagem. Ao descrever o processo de produção de quadros, fazendo referência ao modo como a pintura “tem sido compreendida” até então, o poeta parece indicar a insuficiência e a pouca abrangência de uma crítica que permanecesse presa a essa estrutura. Diante das transformações e das inúmeras questões postas com o surgimento do cinema e da fotografia, o poeta reconhece certa ingenuidade de se pensar a obra de arte como simples produto ou como objeto artístico que se converte em material político.

A partir de 1932, o que se percebe nos artigos publicados no *Boletim* sobre o tema é que a preocupação de quem faz a análise não está no cinema em si, mas sim no debate ideológico que se cria ao seu redor. É o caso do texto de Genolino Amado, de julho de 1932, no qual o autor reclama o retorno de um cinema preocupado em retratar a realidade e, valendo-se da comparação com o parnasianismo literário, critica o que chamou de “parnasianismo cinematográfico”:

[...] o ideal de arte pela arte, que há tanto tempo deixou a literatura, encontrou na tela animada um novo elemento de preservação. [...] É realmente impressionante a modificação do ponto de vista que se operou na crítica cinematográfica. No período romântico do cinema, tal como aconteceu na fase romântica da literatura, todo o interesse se concentrava no conflito humano apresentado. Não se cogitava da “forma”, mas do sentido do espetáculo cinematográfico. [...] O princípio da arte pela arte, da estética pura, sem finalidades humanas ou sociais, firma-se entre os grandes diretores. [...] O cinema entrou em sua fase pior, período do preciosismo expressional, da superstição da “forma”. O mesmo espírito que levava os poetas a buscar, em vez das intensas sensações da vida, o arranjo torturado das rimas ricas, dirige agora a produção cinematográfica.⁴³

⁴² SAMPAIO, Jack. “Cinema”. *Boletim de Ariel*, out. 1931, p. 16.

⁴³ AMADO, Genolino. “Os Parnasianos e o cinema”. *Boletim de Ariel*, jul. 1932, p. 25.

Este é, segundo o autor, o momento em que o cinema passa a ser pensado como algo desligado de “suas finalidades humanas e sociais”, resultando, assim, no que ele chama de “superstição da forma”. De outro modo pensava Arthur Coelho, que relata uma experiência que teve com o diretor russo Sérgio Einsenstein, em uma palestra ministrada por este na Universidade de Colúmbia⁴⁴. No artigo “A relatividade no cinema de Eisenstein”⁴⁵, Coelho discorda de uma afirmação feita pelo diretor. Na ocasião, Einsenstein – que estava em Hollywood, cidade símbolo da indústria cinematográfica – teria criticado o cinema comercial, cuja prática ligava aos norte-americanos, e assegurado ser o cinema russo a salvação da cinematografia enquanto arte⁴⁶.

Fato do qual discordou Coelho, contrapondo o cinema como entretenimento (realizado pelos norte-americanos), que é aquilo de que realmente gosta a massa, e o cinema russo, carregado de símbolos e que só alimenta a parcela dos espectadores que já possuem certo nível cultural. Lançando mão, igualmente a Genolino Amado, de uma comparação com a literatura, Arthur Coelho aproxima o cinema russo ao Futurismo literário:

O cinema russo, como o futurismo nas letras, é uma reação transitória. Ambos têm os seus aspectos interessantes, e como movimento rebelde, como ação revolucionária, servem para – quem sabe? – fundir novos padrões. Mas um e outro andam à procura de um “método” de expressão sedimentada, e esse método quando fixo, leva-os à invariavelmente às bases estabelecidas pelo consenso das massas, principalmente no que toca o cinema, pois para a compreensão do povo e seu entretenimento é que ele é produzido. Que a descreve – seja com a câmera ou com a pena – só o faz para ser entendido. E a sua fabulação e engenho não também concorrer para esse entendimento. As metáforas aberrantes e o abuso dos símbolos, que ultrapassam o limite de um certo nível de inteligência coletiva, dão no filme o cinema russo, e na literatura os excessos do futurismo. Ambos ficam sem ser entendidos. Os filmes russos estão muito bem para a Rússia e, de certa maneira, para uma elite cheia de curiosidades que os vai ver como complemento da sua cultura: a grande massa, porém, há sempre preferir o cinema alegre e otimista da América (ou mesmo da Europa ocidental), por cujas cenas pavoneiam essas mulheres tentadoras que Hollywood canoniza em rolos de celuloide e todo mundo gosta de ver.⁴⁷

⁴⁴ Segundo Arthur Coelho, o escritor Monteiro Lobato, na ocasião, encontrava-se na Universidade de Columbia, e teria sido por ele convidado a assistir a conferência do cineasta russo.

⁴⁵ COELHO, Arthur. “A relatividade no cinema de Eisenstein”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jun. 1932, p. 18-19.

⁴⁶ Arthur Coelho, no mesmo artigo, faz alusão a uma entrevista concedida pelo diretor russo ao semanário *Variety*, em que é possível observar seu ponto de vista em relação ao modo como era encarado o cinema pela indústria hollywoodiana: “Não tenho o que dizer dos americanos, principalmente daqueles não ligados ao negócio de filmes. Trataram-me muito bem. Em Hollywood, porém, vi-me cercado por um balaço tal de pavor, que a mim mesmo começava a meter medo. Todos, no estúdio, me olhavam com marcada suspeita, temerosos de que eu lhes pregasse uma surpresa. Mas esse terror dos americanos do filme não se ligava à minha procedência russa, nem ao bolchevismo do meu credo político: tinham medo que eu fizesse um filme fora dos moldes de Hollywood, criando algo novo – porque Hollywood tem horror à novidade. Pobres magnatas! Esquecem-se de que são os arrancos de louco [...] que fazem o progresso nas artes. E o cinema, antes de ser um negócio, é uma arte!”.

⁴⁷ COELHO, Arthur. op. cit., p. 18-19.

Se Murilo procurou romper os limites das diferentes linguagens, analisando em seu artigo a aproximação entre cinema, fotografia e pintura, nos textos de Genolino Amado e de Arthur Coelho, a proximidade entre literatura e cinema surge apenas como recurso comparativo que serve de base para um debate cujo foco está nas diferentes ideias dos autores acerca da relação arte/sociedade. Nesse sentido, o que se percebe nestes textos é que o cinema, enquanto arte, fica em segundo plano. Aquilo que, a princípio, ganha destaque são os embates ideológicos marcados pelas oposições trabalhadas pelos autores: forma/conteúdo; elite/grande massa; e Estados Unidos/Rússia. Dessa forma, o objeto analisado torna-se coadjuvante frente às grandes questões políticas que o momento histórico impunha.

A crítica realizada pelo poeta distancia-se de tal forma desse modelo que seu próprio texto nega uma estrutura lógica imediata ao tratar de um tema que, como vimos, foi relativamente explorado por outros intelectuais não apenas no *Boletim*. A justaposição de elementos que fazem alusão a conceitos, teorias e linguagens distintas nos remete à uma das principais características tanto de sua poesia quanto de seus textos em prosa: a assimilação de diferentes linguagens e de procedimentos de outras artes em sua escrita⁴⁸. Nesse sentido, podemos recuperar o que Murilo Marcondes de Moura diz acerca da montagem cinematográfica como procedimento utilizado pelo poeta mineiro:

[...] A montagem cinematográfica é definida ostensivamente como artifício artístico que contém os três elementos centrais em todos os procedimentos examinados aqui, e que são particularmente importantes para a concepção de poesia de Murilo Mendes: em primeiro lugar, a atitude combinatória; em segundo lugar, a ideia de que os elementos combinados precipitam a aparição de algo “novo”, ou um terceiro elemento “diferente”; finalmente, e como consequência, o que está por detrás da defesa da montagem (“a força básica do cinema”) é a defesa de uma arte criadora, que se recusa ao papel de simples reprodução da realidade e que pretende, ao contrário, agir sobre ela, transfigurando-a.⁴⁹

Mesmo se tratando de uma análise de sua poesia, o trecho acima ilumina nossa reflexão acerca do artigo de Murilo Mendes. Os procedimentos, que retomam também a proximidade do poeta com o *surrealismo*, estão ali presentes e reforçam a sua crítica à uma concepção limitada de arte enquanto representação da realidade, como se observou no artigo de Genolino Amado. Além disso, a espera do “algo novo” fica marcada pela visão do poeta sobre as possibilidades que a aproximação entre cinema, fotografia e pintura trará. Junte-se a isso a presença

⁴⁸ Ver a respeito GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Territórios/ Conjunções: poesia e prosa crítica de Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

⁴⁹ MOURA, Murilo Marcondes de. *Murilo Mendes: a poesia como totalidade*. São Paulo, SP: Giordano, 1995, p. 32-33.

da arquitetura moderna que, recusando a decoração, coloca em questão a pintura tomada apenas em seu aspecto decorativo. O transitar por entre os diferentes campos da arte acaba compondo a reflexão de Murilo Mendes e o afasta da posição de críticos como Octavio de Faria para quem o cinema superaria as demais ou, de outra forma, que o cinema seria a arte mais adequada aos novos tempos.

A maneira de observar os efeitos do cinema sobre a pintura, assim como o seu modelo não usual de análise – preferindo examinar seu objeto sem se valer de uma aplicação rápida de conceitos pré-moldados por discursos ideológicos, e alterando, em conjunto, formas artísticas e linguagens já existentes –, fez com que Murilo deslocasse o centro do debate que, então, apresentava-se no *Boletim*. Fugindo à estrutura argumentativa mais categórica observada em outros artigos, o primeiro texto de Murilo para o *Boletim* indica diferentes perspectivas de leitura sobre a questão da influência do cinema e da fotografia. Mesclando trechos em que expõe técnicas de produção artística com conceitos caros ao pensamento marxista, o poeta parece zombar de raciocínios limitados que tendem a observar os objetos por um único ângulo.

Como alguém que olha para o que está sendo discutido naquele momento, e balança a cabeça – não em total discordância – mas sim num gesto de quem convida a uma reflexão mais profunda, Murilo Mendes passa pelo debate que envolveu o cinema, a fotografia e o rumo das outras artes, expondo um modo peculiar de abordar seus temas. O que viria a seguir, principalmente no ano de 1932 – como visto nos artigos de Arthur Coelho e de Genolino Amado onde se contrapunham as ideias de arte revolucionária e da arte entretenimento – seria uma prévia da polarização ideológica que afetaria de forma significativa os textos encontrados no *Boletim*.

1.2. O espírito do século: o predomínio do ensaio e da biografia nas páginas do *Boletim*

Foi comum encontrar nas páginas do *Boletim* artigos em que a literatura se apresentava como grande oportunidade para que intelectuais discorressem sobre temas de qualquer outra natureza. Isso abriu espaço para que o debate ideológico tivesse mais destaque que a própria produção literária que, a princípio, seria o foco da publicação. A situação política mundial, as novas descobertas científicas, e algumas das grandes teorias sociais começavam a se espalhar pelas páginas do *Boletim*, muitas vezes, diluídas em resenhas literárias. É o que se pode ver no

artigo de Afrânio Peixoto sobre o livro de Bertrand Russel, *Marriage and Moral*⁵⁰. Em sua reflexão acerca da mudança no paradigma moral do casamento, o crítico consegue entremear afirmações a respeito da divisão dos eixos do mundo entre duas teorias: a marxista e a psicanalítica.

Para Peixoto, “a linha fictícia que serve de eixo ao mundo tem uma extremidade no polo econômico, outra no polo afetivo sexual”⁵¹, sendo Marx e Freud nomes que, naquele momento, mereceriam atenção. A relevância do pensamento freudiano⁵² também foi marcada por Gastão Cruls. Em breve comentário sobre uma tradução francesa de Thomas Mann, *Sang Reservé*, o redator-chefe da revista não só afirma estar o tema do incesto “em plena voga”, como também descreve aquele momento como uma “época em que tudo se permite e [em que] os mais ousados temas psicológicos são trazidos para o domínio da literatura [...]”⁵³.

Se por um lado as temáticas marxista e freudiana começam a aparecer nas páginas do *Boletim*, por outro, a filosofia católica também se fez presente já no primeiro número da revista. Em um texto de maior vocação argumentativa que os anteriores, Alceu Amoroso Lima resenha o livro *Religion et Culture*, de Jacques Maritain, publicado em 1930, apresentando alguns pontos que marcariam as divergências entre essas posturas ideológicas. Para o crítico católico, o livro de Maritain seria uma “obra da plena maturidade” e que estaria fazendo “no pensamento contemporâneo uma revolução ante a qual empalidecem todas as revoluções sociais e políticas do nosso tempo”⁵⁴. Maritain, segundo o autor, propõe a reintegração dos conceitos de cultura e

⁵⁰ PEIXOTO, Afrânio. “Le mariage et la morale, de Bertrand Russel”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, out. 1931, p. 3.

⁵¹ Idem.

⁵² É interessante registrar aqui dois artigos de Tristão de Athayde sobre o autor austríaco. Publicados, respectivamente, em 5 e 12 de maio de 1929, em *O Jornal*. Intitulados “Freud”, I e II, estes textos trazem a leitura do importante crítico literário brasileiro, recém-convertido ao catolicismo, e foram bem analisados por João Lafetá, em 1930: *a crítica e o Modernismo*. Recuperando a citação feita por Lafetá, encontramos a seguinte comparação entre Nietzsche e Freud, feita por de Tristão de Athayde: “Ao passo que Nietzsche procurava examinar o homem *subindo* [...] - Freud procurava explicar o homem *baixando*. Baixando no indivíduo, a cada momento, pela subordinação do consciente ao subconsciente; baixando no indivíduo em sua vida cronológica, pela subordinação do adulto à criança; baixando na espécie humana pela subordinação do homem civilizado ao homem selvagem; e baixando enfim na escala biológica, pela subordinação do ser humana ao ser animal” (LAFETÁ, João Luiz. 1930: *a crítica e o modernismo*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000, p. 86).

⁵³ CRULS, Gastão. “Sang Reservé”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1931, p. 5.

⁵⁴ Quanto à posição de Alceu Amoroso Lima frente ao debate ideológico, nesse momento, observemos o que diz João Luiz Lafetá, ao traçar seu perfil: “O primeiro desses traços, que surge em todos os artigos e está na base de toda a sua posição ante vários problemas que enfrenta, é a crítica constante ao materialismo, que enquadra na denominação genérica de 'naturalismo'. O materialismo, nas ciências como na filosofia e na arte, chocando-se com os postulados espiritualistas e finalistas do catolicismo, será apontado como o erro essencial do mundo contemporâneo, fonte e origem de todos os males que afligem o homem. Assim, sua tarefa crítica aparece, primordialmente, como um combate acirrado contra a grande maioria das correntes de pensamento da época. Frente ao marxismo, à psicanálise, ao pensamento histórico ou sociológico evolucionista, à psicologia experimental ou à economia e à política de bases materialistas, sua atitude é sempre de reação e crítica, contrapondo-os àquilo que considera a visão globalizante do mundo e do homem, à filosofia que, no seu modo de entender, não perde de vista nem a matéria nem a substância e confere-lhes o seu exato lugar na hierarquia

religião, afirmando que a disjunção desses conceitos havia criado o mundo moderno onde a nova “cultura antropocêntrica” teria sido alcançada através de três etapas: “o *naturalismo* ainda cristão do século XVII”; o “*otimismo burguês*” dos séculos XVIII e XIX e o “*pessimismo revolucionário*”, que marcaria o sentido das novas fórmulas de civilização, sendo, segundo Maritain, a Rússia o seu principal modelo.

O rumo do embate intelectual estava, de certa forma, apresentado já no início da década de 30, porém, ainda pouco definido se comparado ao que se observaria entre os anos de maior polarização ideológica. Apesar de ainda reinar um clima de indefinição de ideias, podemos dizer que os artigos tratados anteriormente são um prenúncio de uma divisão no meio intelectual que se acentuaria a partir do ano de 1932. Neste ano, não só a polarização fica mais evidente como também surgem as primeiras críticas sobre a limitação que esta poderia impor ao “livre pensamento”. Isso fica marcado no artigo de Gilberto Amado, “A crise da livre crítica no Brasil”⁵⁵, de janeiro de 1932.

O escritor baiano afirma que a intelectualidade brasileira estaria cindida em duas correntes que buscavam “estrangular o livre pensamento, a livre crítica”: a corrente católica e a corrente comunista. Ambas, segundo o autor, seriam reflexos de movimentos europeus contrários ao espírito do século XIX, mas que, aqui no Brasil, teriam se reduzido a “formas bruscas violentamente opostas uma da outra”. O motivo disso: ser o Brasil uma “tribo não diferenciada pela cultura”, onde “tudo toma um caráter simplista”. A crítica à cultura brasileira é pontual. O alvo de Gilberto Amado seria a linha militante católica que ganhava destaque naquele momento. O catolicismo, enquanto manifestação cultural do brasileiro, perdia-se diante da postura militante de certos “chefes teóricos da Igreja”:

O catolicismo no Brasil, que era a religião de todos nós, religião de país de sol, religião de mãe de família, de carinho, de casa-grande, de altares imensos e festivos, religião em que todo mundo se sentia bem e à qual com mais ou menos ardor pertenciam todos os brasileiros [...], o catolicismo assume agora atitude militante e agressiva no terreno das ideias. Não satisfeita de dominar a sociedade, deseja dominar o pensamento. Exige dos brasileiros adesão entusiasta. Qualquer divergência ou distração, mesmo sobre detalhe, é combatida sem piedade⁵⁶.

necessária das coisas” (LAFETÁ, João Luiz. 1930: *a crítica e o modernismo*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000, p 82-83).

⁵⁵ AMADO, Gilberto. “A crise da livre crítica no Brasil”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1932, p. 3.

⁵⁶ Em resposta ao artigo de Gilberto Amado, o padre Leopoldo Aires publica um texto no nº 24 da revista *A Ordem*, de fevereiro de 1932. Nesse texto, o Pe. Aires retoma a visão de Gilberto Amado sobre o catolicismo antes de desconstruí-la: “No conceito do sr. Gilberto Amado, a Religião está sujeita à metamorfose que lhe impõe o meio cósmico (religião de sol), o meio racial e familiar (religião de mãe de família), o sentimentalismo (religião de carinho), o meio tradicional puro (religião de casa grande), o formalismo puro (religião de altares imensos e festivos). Em resumo, o sr. Gilberto conceitua a Religião pelas suas formas secundárias. Entretanto, Religião é conceito que exprime jamais a subserviência a quaisquer elementos humanos”. Quanto à declaração do escritor baiano sobre a vontade do catolicismo em dominar o pensamento depois de já ter dominado a sociedade, responde

Para o autor, o catolicismo festeiro e “morno” da prática cotidiana, que não fazia mal a ninguém, perdia espaço para aquele que, tendo à frente intelectuais católicos de peso, passava a buscar, com maior vigor, um espaço de destaque no debate das ideias. A postura católica que, segundo Gilberto Amado, era exigida pelos novos “chefes teóricos” - “improvisados ainda que dignos de maior acatamento” - estaria afastando muitos brasileiros que nela não se adequavam:

[...] será um desastre que na defesa do patrimônio sagrado da sociedade em cujo nome o catolicismo reage, ao que dizem os seus líderes atuais, com tanta violência, não possam entrar quantos se acham no mesmo círculo de interesses. Desse círculo se achariam excluídos para logo, de acordo com a doutrina de eminente escritor católico do Brasil contemporâneo⁵⁷, sob a pecha de inimigos da sociedade, os chefes mesmos dos partidos conservadores na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Alemanha, em toda a Europa, em toda a América, em todo o Mundo.⁵⁸

À corrente comunista o autor dedicou pouca atenção; explicou o seu crescimento, criticando a postura de alguns católicos – a qual caracteriza como “tática política de uma inabilidade sem precedentes nos anais da Igreja [...]” – e alertou sobre a possibilidade de a mocidade, “curiosa, como em toda a parte”, acabar sendo atraída pela ideologia marxista. Essa divisão apontada por Gilberto Amado também incomodou Afrânio Peixoto. Em “O crepúsculo das letras”⁵⁹, de fevereiro de 1932, o ensaísta traria uma reflexão sobre o momento de inconstância política e de como tal ambiente desfavoreceria a produção literária. Na sua visão, épocas em que se produziu literatura de forma intensa foram também períodos “de esperança, de tranquilidade relativa, de abundância geral”, constituindo, dessa maneira, o que tratou de “sumptuário da arte e da literatura”:

o Pe. Aires: “É possível dominar a sociedade, sem dominar-lhe o pensamento? Domínio significa jurisdição. E jurisdição, ou é total, no sentido de sua homogeneidade, tendo em vista seus vários elementos jurisditáveis, ou não é. Como possível seria ditar uma norma à vida social ou individual, se essa norma não vem abonada em princípio aceito pela inteligência? Como dissociar a vida ativa dos princípios da razão? E a vida católica, nas suas formas, quer intelectual, moral e prática, é uma tão bem tecida urdidura de princípios e normas, que romper uma ordem é desordenar tudo mais. Não há absolutamente divórcio possível entre o dogma e a moral: eis tudo”. O autor do texto ainda trata da “ignorância religiosa” do brasileiro: “Eu sei que a sociedade brasileira gosta de afirmar católica: confirmam-no as próprias palavras do sr. Gilberto. Sei também que muitos, ditos católicos, são rebeldes à doutrina da Igreja. Isso, porém, exprime um fenômeno sobre que insisto: a profunda ignorância religiosa dos brasileiros, inclusive do escol – seja social ou intelectual”. (*A Ordem*. Rio de Janeiro, n. 24, fev. 1932, p. 158-159).

⁵⁷ Trata-se, provavelmente, de Alceu Amoroso Lima.

⁵⁸ AMADO, Gilberto. “A crise da livre crítica no Brasil”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1932, p. 3.

⁵⁹ PEIXOTO, Afrânio. “O crepúsculo das letras”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, fev. 1932, p. 3.

O tempo de Péricles na Grécia; o de Augusto, em Roma; o Renascimento em toda a parte subcultura da Europa – o de Luiz XIV; o da Rainha Vitória ... foram esses períodos, e a situação política e econômica do mundo os explica, literariamente (...) [mas] quando o mundo pega fogo na mais espantosa das guerras ... não há mais lugar para o sumptuário, para a ficção, para a literatura pura. A literatura de agora é social, como foi a de Demosthenes, protestando; como foi a de Tácito, castigando; como a Escolástica, reensinando a crer e a pensar; como a do século XVIII, filosofia enciclopédica do Aufklärung; como a do século XX, político-marxista ... Oratória eleitoral, história tendenciosa, religião e conhecimento, divulgação científica, economia, técnica ... São valores imediatos. Estamos assistindo a um crepúsculo literário (...) Não há lugar para poesia, embora haja ainda um ou outro poeta. Os indivíduos são exceções, às vezes aberrantes. Conta a sociedade. E a literatura apenas lhe exprime a felicidade.⁶⁰

Para Peixoto, a crise do livre pensamento se daria principalmente pela falta de uma “boa literatura” ou pela necessidade de textos de outra natureza (gênero) que a imposta pelo contexto político. Outros artigos tratariam dessa preocupação com a literatura enquanto arte do bem escrever, muito ligada à ideia de prazer proporcionado pela leitura. É o caso dos artigos “Cabocla”⁶¹, de Lucia Miguel Pereira, e “Grasset e a morte do romance francês”⁶², de Octavio de Faria. A autora, ao tratar do romance *Cabocla*, de Ribeiro Couto, afirmava que, diferentemente do que encontrou na referida obra, a maioria das obras nacionais eram “de reação contra o meio”; pois perderam o caráter ameno e agradável que proporcionavam a distração pela qual procurava a massa. Na visão da escritora, no Brasil, editavam-se mais ensaios que romances, sendo que, muitos destes, carregados de inquietações; já não traziam “o tato, a medida, e sobretudo, o sereno equilíbrio dos bons *conteurs*”⁶³.

Já Octavio de Faria viria a se posicionar sobre a declaração do editor Bernard Grasset sobre a morte do romance francês. Em seu texto, o autor reconhece que o equívoco de Grasset era perfeitamente justificável, uma vez que se pronunciara num momento de crise em que “os grandes romancistas [...] tinham parado de produzir e dirigiam agora suas forças em direções diferentes”⁶⁴. Na visão do crítico brasileiro, tratava-se de um tempo de grande dúvida para muitos escritores, levando alguns a se aproximarem de outros gêneros e a praticarem outras formas de atividade intelectual. Como exemplo, o artigo de Octavio de Faria traz os casos de Bernanos, que conservava “todo o vigor de espírito que seus romances tinham patenteado”, mas que agora os utilizava numa biografia; de Mauriac, que após um romance de menor força, voltou-se para “Deus, contando os seus sofrimentos de cristão, as suas esperanças, a história das almas que,

⁶⁰ PEIXOTO, Afrânio. “O crepúsculo das letras”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, fev. 1932, p. 3.

⁶¹ PEREIRA, Lucia Miguel. “Cabocla”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1932, p. 8.

⁶² FARIA, Octavio de. “Grasset e a morte do romance francês”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio 1932, p. 6.

⁶³ PEREIRA, Lucia Miguel. op. cit.

⁶⁴ FARIA, Octavio de. op. cit.

como a de Pascal, viveram com a preocupação constante da divindade”; e de Andre Maurois, que passara a se dedicar ao ensaio, à biografia, ao conto e à especulação filosófica.

O que esses últimos artigos nos revelam é que, à mudança no interesses dos intelectuais brasileiros, segue-se outra observada na própria produção literária. As hipóteses levantadas tanto por Lúcia Miguel Pereira quanto por Octavio de Faria são confirmadas quando observamos os textos publicados no *Boletim* já em meados de 1932. Verifica-se que ganham espaço os ensaios políticos, sociológicos e filosóficos, além de um número considerável de biografias de algumas personalidades de destaque, como líderes políticos e intelectuais de peso na história do mundo. Embora o maior interesse dos colaboradores da revista continuasse sendo as obras de ficção, fica evidente certa inquietação quanto ao conturbado momento político mundial e a sua influência disso no desenvolver de suas atividades literárias⁶⁵.

O gênero biográfico ditava o ritmo das publicações⁶⁶ pela Europa e, conseqüentemente, textos que tratavam de tais obras passaram a aparecer com maior frequência nas páginas do periódico. Em fevereiro de 1932, Paulo Silveira comparou a biografia de Napoleão escrita por Jacques Bainville à realizada por Emil Ludwig⁶⁷; no mesmo mês, Adhemar Vidal fora lembrado, em breve comentário, pelo seu *O incrível João Pessoa*. Da mesma forma, foram comentadas as obras de Konrad Bercovici e de Giovanni Papini, biografias de Alexandre da Macedônia e de Santo Agostinho, respectivamente. Octavio de Faria, em agosto de 1932, trata da obra do francês François Porché que buscou retratar, no teatro, a vida e a obra de Lênin. Segundo o crítico brasileiro:

⁶⁵ Em sua análise sobre a contribuição crítica de Agripino Grieco, João Lafetá recupera a declaração do autor feita a Homero Senna, na qual, ao criticar o movimento modernista por não ter sido um movimento de rompimento com o passado, tem-se a sua visão acerca do que se dava naquele momento: “Além do mais, o movimento modernista de certa maneira fracassou, pois pretendendo ser uma revolução contra o passado, determinou esse surto prodigioso de estudos históricos. Há um enorme interesse do público pelas biografias, pelos ensaios de interpretação da nossa evolução política, pelos livros de memória [...]” (LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000, p. 73).

⁶⁶ O escritor André Maurois lança, em 1928, o livro *Aspectos da Biografia*, no qual discute algumas características do gênero.

⁶⁷ SILVEIRA, Paulo. “Sempre Ele!”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, fev. 1932, p. 4.

Desde a publicação em 1918 do famoso artigo de Georges Sorel, os estudos sobre Lênin tem sido incessantes e frequentemente contraditórios. Entre os extremismos de alguns autores burgueses que se recusam a medir o tamanho impressionante a que Lênin tingiu, e o extremismo da endeusação de certas brochuras de propaganda comunista, vem se colocar uma série de estudos, mais ou menos, imparciais, alguns deles realmente de grande interesse. Lênin tem sido, aliás, especialmente feliz nos biógrafos que tem tido. Gorki pintou-lhe o esplêndido perfil que talvez seja sua obra-prima. Nadia Kroupskaia recordou-lhe os anos de luta com a fidelidade e a precisão de um espírito formado à imagem do marido. Trótsky conseguiu um de seus melhores livros fixando de Lênin momentos de vida inesquecíveis. Sobre ele Guilbeaux construiu a sua obra segura e firme, visão de partidário convicto de que está realmente com a razão. Outros autores burgueses, agora, tentaram fixar o retrato do reformador. E se Pierre Chasles não conseguiu sintetizar perfeitamente toda a sua vida, já o ensaio de Pierre Lafus: *Lenine ou le Mouvement* apresenta a imagem de um revolucionário que, se aqui e ali é um pouco forçada no sentido da tese do autor, em linhas gerais é perfeitamente aceitável.⁶⁸

Adhemar Vidal, por sua vez, realizou uma breve descrição da personalidade de Hitler e do atual momento da Alemanha. Em “Dois Revolucionários”, o crítico brasileiro nos apresenta o líder alemão e o que chamou de “hitlerismo” da seguinte forma:

Outro personagem curioso é o sr. Adolf Hitler, um homem que já foi garçom de café e tem uma paixão pela pintura, fez a guerra e foi ferido, escreve livros na cadeia, salientando um seu biógrafo que ele não pode escolher a qualidade de “histérico por natureza”, notável em quase todos os gestos de sua ondulante existência. Espírito combativo, amando a vanguarda, logo que terminou o maior conflito da história entendeu de ser político militante e, para iniciar os passos, adotou como sistema falar alto e dizer desaforos nos lugares mais públicos. Sua inteligência sentiu ao primeiro contato com as ruas de Berlim a miséria generalizada que por lá vivia. A hora lhe era propícia para uma experiência de técnica fascista. E daí a ideia de um partido que principiou ajudado pelos seus não menos violentos amigos, doutor Goebels e capitão Strasser, partido esse que teve logo como programa o mais radical nacionalismo da atualidade. Hoje é uma potência de projeção internacional. Produto evidentemente da miséria popular; produto do misticismo social, tudo indica não passar o hitlerismo de um movimento puramente intermediário.⁶⁹

A produção de biografias foi seguida por um grande número de ensaios. Estes, por sua vez, refletiam a preocupação de alguns intelectuais com as mudanças que ocorriam de maneira acelerada, nesse início de década. Lado a lado permaneciam os artigos que analisavam o momento de incertezas na Europa⁷⁰ e os que pensavam a política e a cultura do Brasil. Quanto ao

⁶⁸ FARIA, Octavio de. “O Lênin de François Porché”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1932, p. 9.

⁶⁹ VIDAL, Adhemar. “Dois Revolucionários”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1932, p. 37.

⁷⁰ Uma das incertezas do momento diz respeito à possibilidade de uma nova guerra. Quanto a isso, a resenha de Ubaldo Soares sobre o livro *La Guerre est pour Demain*, de Ludwig Bauer, nos traz a seguinte reflexão: “Os complexos problemas mundiais e particularmente europeus, criados pelas consequências da grande guerra, ainda não encontraram [...] intérpretes dotados da serenidade necessária à sua elucidação [...]. O livro do austríaco Ludwig Bauer, referendado pelos elogios de Einstein, Thomas Mann e Stephan Zweig, profundamente sincero e objetivo, constitui o depoimento de maior valia sobre o problema que a todos atormenta: a visão sinistra de uma nova guerra”. (SOARES, Ubaldo. “*La Guerre est pour demain*”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio 1932, p. 25).

momento brasileiro, exemplificam a presença destes temas análises como a de Alberto Torres sobre do livro *O Brasil na História*, de Manoel Bonfim, no artigo “Como ensinar História”⁷¹; a breve resenha de *Política Geral do Brasil*, de José Maria dos Santos, realizada por Saul Borges em “A Deformação Republicana”⁷², ou mesmo o texto de Genolino Amado, “Contra o Coração”⁷³, em que versa sobre o sentimentalismo do brasileiro⁷⁴.

Já quanto à política internacional, havia grande interesse de parte dos colaboradores do *Boletim* sobre a complexa situação de alguns países europeus. Nesse instante, a Alemanha, pela ascensão de Hitler, a Itália, pela figura de Mussolini, e, principalmente, a Rússia, pelas mudanças que seu novo regime impôs ao modo de se pensar política, levaram à produção de um grande número de textos⁷⁵. O trecho a seguir é parte de um texto de Edgard de Cerqueira Falcão, datado de maio de 1932 e publicado no *Boletim* de agosto do mesmo ano com o título “Um anacronismo que corre o mundo”, e diz o seguinte:

O advento do regime soviético, na Rússia, ao trazer modificações radicais nas condições de vida daqueles que habitam a vastíssima região do outrora império dos czares, envolveu num manto de mistério o cenário onde se agitam as mais violentas paixões que o mundo tem presenciado nos tempos que correm, consubstanciadas nas reivindicações sociais extremistas do bolchevismo. Jornalistas de todas as partes se têm transportado ao país dos “soviets” a fim de se pôr em contato com as diferentes camadas da população. Desnecessário se torna dizer que as mais desencontradas opiniões foram impressas a esse respeito (...). O jogo de interesses contrariados divide os homens em dois campos: os que aplaudem a presente organização, enaltecendo-a sem reservas, julgando-a o ideal em matéria de administração pública, e os que a repudiam sistematicamente, taxando-a de retrocesso à barbárie, estado anárquico dominado apenas pela sede de vingança, representada pela trucidação em massa dos que não comungam no credo vermelho. Cada vez mais a controversa política aumenta, deixando aqueles que se interessam, sem partidarismo, pelo conhecimento da verdadeira situação russa, em estado de completa desorientação.⁷⁶

⁷¹ TORRES, Alberto. “Como ensinar História”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1932, p. 9.

⁷² BORGES, Saul. “A Deformação Republicana”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1932, p. 9.

⁷³ AMADO, Genolino. “Contra o Coração”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1932, p. 13.

⁷⁴ No citado artigo, Genolino Amado afirma que “Coração, no Brasil, não quer dizer amor ao que é belo, mas tolerância com o que é feio. Não significa desejo de premiar a inteligência, mas inclinação a aceitar e até mesmo premiar a estupidez”.

⁷⁵ As inquietações acerca do regime russo levantaram inúmeros questionamentos por parte de intelectuais brasileiros, sobretudo pela sua tentativa de aplicação da filosofia marxista. O livro *As falsas bases do Comunismo*, de Alfredo Severo, em comentário não assinado, recebe a seguinte crítica: “É um ataque ao regime que subverteu a monarquia moscovita. O autor, tenente-coronel do nosso Exército e professor do Colégio Militar, lança uma crítica das mais rigorosas aos processos administrativos e econômicos dos que, esquecidos dos fatores morais, apenas se preocupam, na direção dos povos, com os elementos de baixa materialidade” (*Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, mar. 1932, p. 12). Alberto Passos Guimarães resenha, em julho de 1932, o livro de Maurício de Medeiros, *Outras revoluções virão*, em que se “analisa a paisagem administrativa do Brasil desde os primeiros governos da república”, e aproveita para tecer uma crítica ao regime fascista de Mussolini.

⁷⁶ FALCÃO, Edgar de Cerqueira. “Um anacronismo que corre o mundo”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1932, p. 23.

O mundo caminhava rumo a Segunda Grande Guerra, as personagens principais deste conflito ganhavam destaque, evidenciava-se a questão social e os intelectuais que colaboravam no *Boletim* participaram atentamente do debate que se impunha. O artigo “O Lênin de Malaparte”, de Octavio de Faria, parece sintetizar perfeitamente o que se observou, nas páginas do periódico durante o ano de 1932:

Na extraordinária afluência de livros que focalizam o problema social dos nossos dias – impressões de jornalistas e de homens de pensamento sobre os países onde as experiências sociais são mais vivas, retratos de figuras revolucionárias ou estudos sobre teorias econômicas – já é raro se encontrar qualquer obra que se leia sem a imediata impressão de se estar diante de um assunto já tratado e quase esgotado. Mussolini e Lênin já passaram vinte vezes diante dos nossos olhos, Stalin e Hitler continuam à espera de quem lhes fixe a verdadeira significação, mas não faltam sobre eles ensaios superficiais e cheios de incompreensão [...]. Poucos assuntos, de fato, terão sido tão exaustivamente explorados como essa questão social que preocupa o mundo inteiro nesse momento⁷⁷.

1.3. “A Galinha Cega” e o ponto fora da curva

É neste ambiente em que predomina o debate ideológico, em que os ensaios e as biografias ocupam grande parte das páginas do *Boletim de Ariel*, que encontramos o segundo artigo de Murilo Mendes. Em “Apresentação da ‘Galinha Cega’”⁷⁸, ao tratar do livro de contos “A Galinha Cega”, de João Alphonsus Guimaraens⁷⁹, o poeta defende a iniciativa do autor de dar destaque aos “indivíduos postos à margem” num momento em que personalidades políticas eram biografadas e estudadas à exaustão. Não se trata de Hitler ou Mussolini, são os “repórteres, datilógrafas, costureiras, quase suicidas, motorneiros, garçons, gatos, boticários” e também uma galinha cega os personagens representados pelo autor. Este também, um sujeito comum, “entre gordo e magro, com aproximadamente, 1,70m”, mas que, devido ao seu instinto poético, foi capaz de observar os seres que, em meio às disputas ideológicas, passavam despercebidos.

⁷⁷ FARIA, Octavio. “O Lenine de Malaparte”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, dez. 1932, p. 58. Neste artigo, o autor trata do livro de Curzio Malaparte, *Intelligenza di Lenin*, de 1930.

⁷⁸ MENDES, Murilo. “Apresentação da ‘Galinha Cega’”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1932, p. 41.

⁷⁹ Trata-se do terceiro filho do poeta simbolista João Alphonsus Guimaraens.

O livro dele é indiretamente um panfleto contra o espírito do século. Ele abandona o plano quinquenal, as paradas de Hitler, as correrias dos *gangsters*, os *meetings* dos sem-trabalho, os concursos de Los Angeles e volta-se para os indivíduos que estão sendo postos à margem, acreditando que o sentimento, anarquista como é, jamais nivelará os povos. Continua calmamente a escrever novelas em Belo Horizonte durante a revolução, que nem Beethoven compoendo a 4ª sinfonia enquanto Napoleão bombardeava Viena. Tem tempo de socorrer uma galinha que bate as asas, tonta, sem enxergar – considerando que uma galinha é uma entidade biológica como outra qualquer, com seu código próprio e seus direitos.⁸⁰

Em vista do que se publicava naquele momento – enquanto o mundo observava a política russa e a ascensão de Hitler – tanto o livro de João Alphonsus quanto o artigo de Murilo Mendes aparecem como exceções. O livro de contos de João Alphonsus, por acreditar no “sentimento” que, “anarquista”, é o que lhe leva a defender os sujeitos postos à margem por uma compreensão de mundo que impõe uma única ordem às coisas. O texto de Murilo, por quebrar uma sequência de artigos que exaltavam ensaios e biografias como se a literatura se interessasse apenas pelas grandes personagens e pelos grandes temas. Aquilo que o poeta encara como “a visão poética” parece ser o ponto de partida de uma leitura que – se as circunstâncias indicam estar a literatura subjugada às questões políticas – propõe a valorização do seu caráter inventivo; e se a preocupação dos escritores é tratar da vida de importantes personagens do passado e do presente, interessa-se pelas pessoas comuns, pelo cotidiano e o que nele surge de menos relevante, como a vida de uma galinha que não enxerga.

Murilo encontra valor na postura de João Alphonsus que, segundo ele, não se adequa à nenhuma “fórmula rígida” e tampouco aceita qualquer categorização. A opção por uma “visão poética”, aliada ao “sentimento, anarquista”, extrapolaria a rigidez das categorias oferecidas, indicando que tudo, e não apenas os grandes temas, é objeto para a literatura (poesia). Nesse sentido, a própria ideia de literatura enquanto representação é questionada. João Alphonsus, ao fazer literatura a partir da história dessas personagens marginais, não se coloca a obrigação de representar uma classe social da mesma forma que fizeram romancistas ligados ao romance proletário. Distante também das representações gloriosas das biografias das grandes personagens da história, o que lhe interessa, segundo Murilo, é lançar mão do poder de sugestão da literatura, “fazendo funcionar continuamente a humanidade que todas as coisas têm”⁸¹.

Não seria, portanto, uma valorização da literatura enquanto entretenimento, num momento em que se sobressaem a produção de ensaios e de textos teóricos. A postura crítica de Murilo Mendes não é a mesma apresentada por Lúcia Miguel Pereira, no artigos observado

⁸⁰ MENDES, Murilo. “Apresentação da 'Galinha Cega'”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1932, p. 41.

⁸¹ Idem.

anteriormente. O poeta não surge como defensor de uma literatura da amenidade, como proposto pela autora. Tampouco concorda com o que afirma Afrânio Peixoto, quando relaciona o nascer de grandes obras literárias a períodos de estabilidade política. Basta vermos a comparação estabelecida por Murilo Mendes entre João Alphonsus e Beethoven, ambos criando obras de grande valor artístico em épocas extremamente conturbadas.

Murilo parece seguir o mesmo caminho verificado em seu primeiro artigo. O autor já nos dá mostras de um movimento que seria observado na maioria de suas contribuições para o *Boletim*. Por não se prender ao dualismo imposto pelas ideias que circulavam, dava aos seus textos outro ritmo, próprios de um gênero como o ensaísmo, no qual suas reflexões parecem partir das pequenas coisas para os grandes temas. O poeta não se submete aos temas levantados pelos outros participantes do debate, nem ao modo como estes são conduzidos. Suas análises e comentários são únicos e particulares enquanto, na sua maior parte, os demais são “partidários” de uma ideologia estrita. Ao contrário da lógica observada nos artigos anteriores, a do registro dos grandes temas em debate, Murilo parece transcrever o movimento ondulante do pensamento. O “ensaiar” sobre elementos que escapam ao olhar das categorizações faz surgir novas questões pouco evidentes, como uma “mística nova”, a mística da máquina⁸², que não é percebida, assim como não o é “a peninha no rabo da Galinha Cega”.

Máquina por mais aperfeiçoada que seja nunca arrancaria do homem seu instinto poético – pelo contrário, o progresso contínuo dos maquinismos poupará o tempo do homem – e que irá ele fazer depois senão inventar novos mundos poéticos? De resto a própria máquina já nos conduziu a uma mística nova.⁸³

⁸² Roquette-Pinto, em texto de primeira página com o título “Homem Antigo” também reflete sobre o advento da máquina e seus desdobramentos na sociedade. “[O Homem Antigo] criou escravos de aço. Deu-lhes, ao mesmo tempo, força quase infinita e delicadeza sem limite. Soube educá-los, no torno, modelando órgãos, ajustando aptidões. ELE passou aos seus escravos de aço, repetindo na idade moderna o gesto do que foi acorrentado, a centelha da inteligência. [...] ELE criou os escravos de aço, que brincam com a luz visível e com a luz que ninguém vê; e acabou com a geografia abolindo a distância, aproximando os solos e misturando as gentes. ELE mandou seus escravos de aço escalavrar o seio da Terra, para que as forças húmicas latentes fizessem jorrar das pedras, das areias e das argilas, mais numerosas que as estrelas, os frutos da riqueza [...]. Os escravos de aço libertaram o homem, do maior e mais implacável inimigo da vida: o tempo, devorador da existência. Se a terra não é o paraíso possível, que as máquinas conseguiram construir, é só porque o egoísmo do homem não quer paraíso para muitos. No velho *Éden* havia um *Adão* só... Atribuir a desgraça mundial desta hora triste à ciência e à arte – é dar aos canhões a culpa das guerras. Um operário em oito horas faz, com a máquina, serviço de cinco. Pois que trabalhe um e quatro morram de fome! É a voz do Homem Antigo, senhor da máquina e patrão. Trabalham todos algumas horas, diz o Homem Moderno e no resto do tempo cada qual que se melhore no corpo e na alma, que aproveite os instantes que a máquina lhe deixa livre para polir a sua personalidade, tomando conhecimento direto do que a vida tem de nobre; aprendendo que a existência não é só, nem pode ser, dormir, comer e trabalhar e oferece outros encantos além dos gozos da reprodução, únicas alegrias dos que desfrutam hoje das oito horas... Não são os dóceis escravos de aço que estão matando o Mundo. É o egoísmo do seu criador”. (ROQUETTE-PINTO, Edgar. “O Homem Antigo”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio 1932, p. 1).

⁸³ MENDES, Murilo. “Apresentação da ‘Galinha Cega’”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1932, p. 41.

1.4. O momento do romance proletário

Até o final de 1932, o biografismo e o ensaísmo foram os gêneros mais comentados pelos intelectuais que faziam parte do quadro de colaboradores do *Boletim*, e o complicado momento político mundial foi a tônica da discussão que ali se estabeleceu. Em 1933, o que ficou marcado nas páginas do periódico foi o amplo debate acerca do papel social da literatura, mais precisamente sobre os chamados romances proletários. É o momento em que o gênero romance passa a atrair maior atenção da crítica, colocando frente a frente intelectuais com posturas ideológicas opostas, na tentativa de ditar os novos rumos da literatura nacional. Os partidários de uma literatura engajada procuraram embasar suas propostas partindo do pressuposto de que já não haveria mais espaço para o romance burguês, uma vez que já se notava a ascensão da classe proletária e o seu caminhar rumo à revolução. Os mais conservadores, por sua vez, diante do problema social e das questões que envolviam a ideia de coletividade, tomaram como pobre a literatura que tivesse como objetivo promover uma ideologia ou um credo político individual ou de um grupo.

Houve uma “explosão do romance proletário” – como observou Luís Bueno – a partir de julho e agosto de 1933, com a publicação quase que simultânea de *Cacau*, de Jorge Amado; *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade; e de *Os Corumbas*, de Amando Fontes, sendo este último considerado o grande romance do ano. Segundo Bueno, o debate se estenderia até 1935, e, nesse momento “se rotinizará uma leitura dos novos livros, por parte da crítica, que partirá da adesão ou não de seu autor ao romance proletário”⁸⁴. Um dos problemas encontrados por autores e críticos simpatizantes deste tipo de literatura foi o de não haver consenso sobre o que viria a ser, de fato, um romance proletário. Muitos foram os artigos que, no *Boletim* e em outras publicações, tentariam edificar uma fórmula para a realização de tal empreitada literária. Muitos destes chegavam mesmo a se assemelhar a “guias práticos”, como se fossem um pequeno manual para o escritor que desejasse compor seu romance proletário.

Assim pareceram alguns dos artigos de autores como Jorge Amado, Aderbal Jurema, Heitor Marçal, entre outros, nos quais, muitas vezes, além das tentativas de definição do romance proletário, destacavam-se os ataques à classe burguesa e à direita intelectual brasileira.

⁸⁴ BUENO, Luís. op. cit., p. 160.

Uma das primeiras tentativas de se determinar o romance social encontra-se no artigo “Literatura Proletária”⁸⁵, de Heitor Marçal. Apesar de o título preparar o leitor para possíveis esclarecimentos acerca desse conceito, isso não se realiza. De forma muito incipiente, o autor, em meio a um relato de suas experiências como leitor, apenas faz menção a um movimento da literatura que, naquele momento, tendia a olhar com mais atenção para as vidas miseráveis que existem no mundo. O autor identifica tal processo a uma “literatura operária”, “livre das tradições burguesas”, e cujo formato reconheceria no livro *O Gororoba*, de Lauro Palhano, publicado em 1931.

No ano de 1933, entretanto, os artigos com o mesmo propósito de conceituar o romance proletário foram mais contundentes, deixando, muitas vezes, evidente sua carga ideológica. O texto de Alberto Passos Guimarães⁸⁶ é um exemplo disso. Publicado em agosto de 1933, o artigo trata da decadência da sociedade e dos valores burgueses e reconhece a existência de uma nova arte que, diante da queda da burguesia, passaria a representar a “emancipação” da classe trabalhadora:

O ambiente burguês, em que se movia a velha literatura, desbota a olhos vistos. Os seus valores se sumiram. Os seus mitos ganharam os céus numa fuga incrível e desapareceram. Todo material plástico da velha literatura é, hoje, uma massa mole, sem cheiro nem gosto: restos de um espiritualismo venéreo, destroços de um exagerado amor a nós mesmos, disfarçado numa técnica mística de fraternidade. Por falta de um campo sadio, a literatura burguesa agoniza. É que, com a desmoralização de seus valores, foi-se o seu conteúdo. Lidando com temas falsos, agitando-se no meio de cenários de papel, não poderá resistir às contradições e aos conflitos que estão arrastando as coisas do mundo para um desfecho total. Com essa mudança de fundo, com essa transformação de princípios, derrubando antigos conceitos, teria de surgir, não uma fórmula inédita de expressão, que simplesmente desse novo aspecto ao velho sentido da vida, mas uma outra compreensão das coisas, envolvendo um conteúdo real, rico em valores. Há uma nova arte. Mas esta arte não é simplesmente a renovação do processo de composição, nem dos gêneros, nem das formas. Há uma nova arte como consequência direta da renovação do ambiente social [...] Há uma arte nova, ligada ao movimento de emancipação de uma classe, refletindo todos os aspectos da luta por essa emancipação [...].⁸⁷

Para autores como Alberto Passos Guimarães, seria natural o surgimento do romance proletário, uma vez que faliem os valores burgueses e que, com isso, não haveria espaço para a literatura que os representasse. Entretanto, sua avaliação se prende mais ao aspecto social do problema, deixando as referências ao aspecto formal se concentrarem no trecho em que afirma:

⁸⁵ MARÇAL, Heitor. “Literatura Proletária”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1932, p.19.

⁸⁶ Segundo Luís Bueno, Alberto Passos Guimarães foi “um conhecido intelectual comunista e fizera parte do círculo que se reunia no Bar Central, em Maceió, de que também fizeram parte Graciliano Ramos, Santa Rosa e Rachel de Queiroz, entre outros” (BUENO, Luís. op. cit., p. 161).

⁸⁷ GUIMARÃES, Alberto Passos. “A propósito de um romance: Cacau”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1933, p. 288.

“[...] esta arte não é simplesmente a renovação do processo de composição, nem dos gêneros, nem das formas”. Tal informação nos leva a pensar que, na visão do autor, embora fosse o exato momento para ao surgimento do romance proletário, a arte revolucionária, quanto à sua expressão, não envolveria, necessariamente, mudanças, ou seja, bastaria trocar uma classe pela outra. Assim, a classe operária assumiria os papéis da classe burguesa, e um romance, antes burguês, tornar-se-ia um romance proletário.

Jorge Amado, de outra forma, em seu artigo “P.S.”⁸⁸, analisa o romance *Os Corumbas*, de Amando Fontes – muito elogiado pela crítica, como visto anteriormente. O escritor baiano descreve a literatura proletária como “uma literatura de luta e de revolta. Sem herói nem heróis de primeiro plano. Sem enredo e sem senso de imoralidade. Fixando vidas miseráveis sem piedade mas com revolta”. A diferença entre a visão de Jorge Amado e a de Alberto Passos Guimarães, segundo Bueno, estaria em certa preocupação estética observada pelo primeiro:

[...] o mais relevante nessas rápidas observações de Jorge Amado é apontar os acréscimos de natureza literária que resultam de uma preocupação maior com a revolta das massas, o coletivo: a ausência de enredo e o fim do herói. Ao propor um romance esvaziado dessas categorias narrativas, ele faz um tipo de programa estético que prega o rompimento com o elemento definidor do romance burguês, ou seja, o conflito entre um sujeito, o protagonista, e os valores da coletividade. Se os problemas da sociedade contemporânea são derivados da luta de classes, portanto coletivos, não faria mais sentido pensar em como o indivíduo lida com as estruturas sociais, é preciso antes ver como as massas são exploradas pela burguesia e como elas lutam para fazer cessar essa exploração. A ação individual é, nesse caso, mais uma num conjunto amplo de ações, a merecer não mais que uma parcela da atenção do romancista. O enredo perderia seu centro e se esfacelaria na multiplicação de narrações dessas ações e, como todas elas fossem igualmente importantes, a noção do herói – ou protagonista – ficaria definitivamente prejudicada.⁸⁹

A crítica que faz à obra de Amando Fontes, mesmo exaltando seu talento de romancista, é na verdade um esclarecimento diante de algumas afirmações feitas à época sobre o romance. Ao contrário do que se dizia, para Jorge Amado, *Os Corumbas* não era um romance proletário. O escritor baiano justifica sua impressão afirmando que o equívoco estaria justamente na preocupação de Amando Fontes em retratar a família burguesa decadente, deixando em segundo plano a vida de luta da classe operária, a qual suscitara no leitor apenas um sentimento de piedade. Além de romper com a ideia da valorização do coletivo, o romance de Amando Fontes, segundo Jorge Amado, “[...] inspira é uma imensa piedade por esses destinos, pelos operários de per si, dando ao leitor vontade de auxiliá-los. [...] É piedade de intelectual burguês pela

⁸⁸ AMADO, Jorge. “P.S.”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1933, p. 292.

⁸⁹ BUENO, Luís. op. cit., p. 165.

miséria do proletariado. Não é a revolta do operário contra o causador da sua miséria”⁹⁰. Na visão de Jorge Amado, haveria, sim, a necessidade de realizar mudanças estruturais em romances que quisessem ser considerados proletários. E uma das mais importantes seria a mudança de foco, que passaria da problemática do indivíduo para a valorização dos aspectos coletivos, devendo este último ser mais explorado pelo romancista.

1.5. O “anti-confusionista”: a literatura social e o *essencialismo* como alternativa

Diante do proposto por alguns autores acerca do romance social, Murilo Mendes publica, em setembro de 1933, o artigo “Nota sobre *Cacau*”⁹¹, no qual se encontra uma breve análise dos romances: *Cacau*, de Jorge Amado, e *Parque Industrial*, de Pagú. Aqui, logo de início, o poeta já nos apresenta algo muito relevante para a questão do romance proletário: a necessidade de se pensar sobre a própria constituição da classe operária no Brasil, naquele momento.

Será *Cacau* um romance proletário? Pergunta Jorge Amado logo na entrada do livro. Antes de mais nada precisávamos de saber o que é que o autor entende como romance proletário. Acho que a mentalidade proletária está ainda em formação; agora é que o proletário está tomando consciência de seu papel histórico; portanto, sobretudo em países de desenvolvimento capitalista muito atrasado como o nosso, ainda não existe uma mentalidade proletária.⁹²

Enquanto outros escritores já tomavam a revolução como certa, Murilo prefere a cautela crítica de quem conhece o tema tratado, e percebe que ficam ofuscadas algumas questões fundamentais. O poeta desloca a problemática do romance proletário para uma reflexão anterior, sobre a própria classe operária brasileira. Em seguida, defenderá a ideia de que um escritor deve tratar daquilo que lhe interessar, desde que haja uma profunda integração entre ele e seu objeto, não importa se este é a sociedade burguesa decadente ou o movimento operário em ascensão. Por isso, sua postura, diante do romance de Pagú, foi a de duvidar deste empenho da autora. Quando observa que ali se trata de “uma reportagem impressionista, pequeno burguesa, feita por uma pessoa que está com vontade de dar o salto mas não deu”, Murilo sugere que o envolvimento da autora com a questão proletária não foi o suficiente para que *Parque Industrial* retratasse com precisão o que seria a vida de tal classe.

⁹⁰ AMADO, Jorge. “P.S.”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1933, p. 292.

⁹¹ “Nota sobre *Cacau*”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1933 p. 317.

⁹² Idem.

Naturalmente o escritor que não encontrar motivos de inspiração na vida já em decomposição, da sociedade burguesa, terá que observar a vida dos proletários, e, se quiser ser um escritor revolucionário, terá que se integrar no espírito proletário, do contrário fará simples reportagem. O caso recente de Pagú é típico. “Romance proletário”, anuncia a autora no frontispício do *Parque industrial*. Houve engano. É uma reportagem impressionista, pequeno burguesa, feita por uma pessoa que está com vontade de dar o salto mas não deu. Assiste-se à entrada de fábrica, à saída de fábrica, a encontros do filho do grande capitalista com a filha do operário, etc. Parece que para a autora o fim da revolução é resolver a questão sexual. Sobre o *Parque industrial* propriamente pouca coisa se fica se sabendo. Já este livro *Cacau* tem outra consistência. O autor examina a vida dos trabalhadores de fazenda de cacau com uma visão ampla do problema, e não sacrifica o interesse humano do drama ao pitoresco.⁹³

Na análise de Murilo, parece que a dúvida de Jorge Amado, exposta no início de *Cacau*, sobre o que seria de fato o romance proletário, permitiu um trabalho melhor executado tanto no que diz respeito à sua entrega ao abordar a classe operária, quanto no fazer literário⁹⁴. Já a autora, lembrando o que afirmara Alberto Pereira Passos anteriormente, parece ter se mantido fiel à estrutura do romance burguês, embora tenha dado certo protagonismo à classe operária. Este movimento, para Murilo, não teria caracterizado a luta dos trabalhadores com a devida importância.

A participação de Murilo nessa discussão não acabaria por aí. Quanto mais polarizado se mostrava o debate, maior foi seu empenho em apresentar os limites das posições mais extremadas. Em 1934, o cenário que se apresentava era este: de um lado, autores envolvidos com o pensamento de esquerda, cobrando empenho daqueles que procuravam fazer literatura social; de outro, os que foram vistos como conservadores por defenderem, de certa forma, a manutenção de uma literatura isenta de influências de cunho social e político, e por questionarem a qualidade deste tipo de produção pautada por ideologias e credos pessoais. Dentre os primeiros, além de Jorge Amado, encontra-se também Aderbal Jurema, em cujos textos procurou sempre separar o trabalho de autores verdadeiramente envolvidos com a revolução dos que eram produzidos em nome de uma burguesia decadente. Segundo ele, já não haveria mais espaço para intelectuais que não exercessem algum tipo de engajamento ou militância, e, dessa forma, só poderia haver escritores reacionários ou escritores revolucionários:

⁹³ “Nota sobre Cacau”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1933 p. 317.

⁹⁴ Quanto ao aspecto literário, Murilo Mendes chega a elogiar inclusive o uso de palavrões por Jorge Amado. Os mesmos palavrões que teriam sido motivo de algumas críticas feitas ao livro e até de sua censura: “Discordo de alguns críticos que acharam abuso de palavrões no romance. Acho os palavrões enquadrados ali com muita espontaneidade, não se descobre preocupação de exotismo, de efeito, no escritor. O palavrão é necessário, é desforço, um desabafo, chega mesmo às vezes a ser um elemento lírico”. (MENDES, Murilo. “Nota sobre Cacau”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1933, p. 317).

A decadência da literatura sem finalidade social cada vez mais se afirma no campo aberto das ideias. Os escritores da direita, menos por posição intelectual do que por formação econômica, procuram na aridez dos velhos símbolos uma ponte de apoio aonde possam resistir, por mais algum tempo, à crítica cerrada dos audaciosos destruidores dessa prosaica democracia do mil réis papel. Atualmente os valores intelectuais estão se dividindo. Já não é mais possível confundir literatura reacionária com literatura revolucionária.⁹⁵

Como exemplo de sua teoria, traz a figura de Oswald de Andrade e, ao tecer comentários acerca do romance *A Escada Vermelha*, Jurema enxerga ali sinais de um afastamento dos ideais revolucionários. De Oswald de Andrade, identificado até então com as causas da esquerda, seria cobrada, nesse novo romance, a mesma veia revolucionária apresentada pelo autor em *Serafim Ponte Grande*, de 1933. Segundo Jurema, Oswald de Andrade,

[...] escritor antiburguês, não conseguiu ser neste romance um perfeito intelectual revolucionário. Ainda atulhado de defeitos do modernismo klaxon, antropofagismo & Cia., este escritor, no qual pressentimos um dos homens mais inteligentes do Brasil, dá a impressão de que escreve por esportismo e não por necessidade de lutar contra o capitalismo. [...] Sob o ponto de vista literário não é mais admissível que este escritor continue na pesquisa penosa de frases de efeito. Existe mesmo uma preocupação constante com a novidade que não se justifica. Ficamos até em dúvida se escolheu a posição de romancista da esquerda por moda, tal a insistência em querer bancar o original.⁹⁶

Para Octavio de Faria, um dos membros do “trio dos moços intelectuais de direita no Brasil”⁹⁷, seria esse tipo de literatura panfletária que não poderia mais ser tolerado. Ao analisar as obras *Cacau*, de Jorge Amado, *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, e *Os Corumbas*, de Amando Fontes, o crítico afirmara que:

⁹⁵ JUREMA, Aderbal. “Literaturas Reacionárias e Revolucionárias”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio. 1934, p. 211.

⁹⁶ JUREMA, Aderbal. “Subindo a Escada Vermelha”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, fev. 1935, p. 141.

⁹⁷ AMADO, Jorge. “Em Surdina”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1934, p. 97. É dessa forma que Jorge Amado, ao final do artigo em que trata do romance de Lúcia Miguel Pereira, *Em Surdina*, refere-se ao trio formado por ela, Octavio de Faria e José Lins do Rego. É relevante dizer, também, que Lúcia Miguel Pereira e Jorge Amado protagonizaram uma intensa discussão não só nas páginas do *Boletim de Ariel*, mas principalmente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, ao final de 1934.

O romance do sr. Amando Fontes [...] não veio só com muito boas raízes e com uma construção que me parece ainda de melhor qualidade. Veio com grande oportunidade, num momento em que deixa de ser um simples romance para assumir as proporções de uma bandeira [...]. Pois de outro modo não se situa o seu romance em face dos ataques literários que contra a burguesia dirigiram ultimamente dois romancistas, um de grande talento – o sr. Jorge Amado – outro bem menos dotado, mas às vezes com certo espírito – o sr. Oswald de Andrade – ambos usando da mesma forma literária: o romance, ou alguma coisa que com ele se confunde. Bem entre parênteses aqui, quero crer que há uma razão pela qual se deve lastimar que a revolução proletária não tenha ido avante entre nós: é que alguns burgueses de talento, revolucionários da pena, estão se vingando do fracasso revolucionário com destruição literária da burguesia. Em romances e em poemas, em peças e em artigos de jornal, sujando-a de todos os modos possíveis e com a riqueza de linguagem de colégio e de engraxate, esses escritores não se envergonham mais de usar e abusar de todas as chapas do mais vulgar “pathos” dos boletins de propaganda comunistas: o filho do capitalista infelicitando a pequena operária indefesa, o filho do fazendeiro infelicitando a inocente filha do colono, e isso uma, dez, cem vezes... [...].⁹⁸

Separados os times, o que se percebe é que, quando algum autor, ou obra, foge dos padrões que ambos procuraram estabelecer, chegam mesmo a criticar o mesmo alvo, mas por motivos diferentes. Foi o caso de Oswald de Andrade, praticamente renegado pelos dois grupos. Isso nos faz pensar que os artigos de Murilo Mendes trouxeram reflexões que puseram em movimento questões que o pensamento polarizado estava longe de considerar. Se de um lado estavam a exigência do envolvimento intelectual com a causa proletária – e a necessidade de empenhar a arte nesse movimento – e, de outro, a ideia de uma literatura desinteressada, Murilo levaria a cabo uma leitura dos fatos que questionaria o que se apresentava *a priori*.

Vejamos seu artigo sobre *Calunga*, romance de seu amigo, o poeta Jorge de Lima. Aqui, Murilo reconhece que a grandeza dessa obra estaria em alcançar um empenho social – trata da miséria dos nordestinos – justamente por valorizar o fazer literário, sem procurar transformá-lo em panfletagem ideológica.

Poderão objetar que Jorge de Lima neste livro pousa um problema e não indica sua solução. Entretanto a solução compete aos políticos, aos economistas, aos técnicos. *Calunga* é um esquema poderoso da vida miserável do Nordeste. E é um documento social de grande alcance, que atinge a realização artística justamente por ter sido escrito sem preocupação de tese ou propaganda política.⁹⁹

O modo com que Murilo joga seus argumentos parece desmontar algumas verdades defendidas por autores ligados ao movimento de esquerda. O poeta questiona a apropriação do conceito de literatura social por parte destes intelectuais, afirmando que a compreensão de seu significado, até aquele momento, estaria equivocada. Sua estratégia textual parece indicar uma

⁹⁸ FARIA, Octavio de. “Jorge Amado e Amando Fontes”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, out. 1933, p. 7.

⁹⁹ MENDES, Murilo. “Calunga”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1935, p. 291.

espécie de “superioridade” já que lança mão de uma bibliografia que contesta os demais no próprio campo, isto é, usa os argumentos sobre arte e poesia de expoentes da esquerda revolucionária, nomes indiscutíveis, em certo sentido.

A confusão em torno da literatura “proletária” aumenta dia a dia no Brasil, embora Trotski, Rosa Luxemburgo e outros já tivessem posto os pontos nos ii. Esta chegou mesmo a escrever que o fim da arte é comover a alma humana, qualquer que seja a posição política dos artistas. É claro que não existe arte desinteressada, o que varia são os *alvos de interesse*.¹⁰⁰

Aquilo que Murilo não diz, mas que parece estar contido em seu texto, é que os escritores que defendem o materialismo de estreita observância ou as regras de um materialismo dialético também para a literatura não sabem que mesmo entre os líderes da esquerda, do comunismo, essas questões da arte já foram tratadas de modo diferente. Como o fizeram, segundo Murilo, Trotski e Rosa Luxemburgo, tendo a autora inclusive afirmado que “a função da arte é comover a alma humana”. A partir daqui, o poeta passa a observar a noção de arte interessada por um ângulo diferente. Não repetiria as estruturas de argumentação lógica e jornalística que se observava em outros artigos sobre arte engajada, mas se prendendo à ideia de que toda atividade artística possui um interesse, mudando-se apenas seus alvos. Murilo compõe uma reflexão que vai na contramão do discurso do *Boletim* que se caracterizava pela tendência de se compreender a literatura social como aquela em que se valoriza a ideologia comunista. Nesse sentido, seu texto destaca-se, pois, ao tratar do tema, não categoriza, mas reflete, ensaia.

Em tal postura, encontra-se também recuperada a ideia já posta no artigo “Apresentação da ‘Galinha Cega’”, quando Murilo destaca que, mesmo não filiado a nenhum partido, João Alphonsus foi capaz de aproximar-se da classe de trabalhadores que incluía, garçons, datilógrafas, motorneiros, costureiras, etc.; mantendo, ao mesmo tempo, uma “visão poética” dos fatos. Se para Rosa Luxemburgo o fim da arte seria comover a alma humana – e este seria o interesse intrínseco de cada manifestação artística – isso estaria, então, presente na obra de João Alphonsus quando o autor se preocupa em narrar a rotina de indivíduos excluídos mesmo por uma literatura de pretensões revolucionárias.

Em *Calunga*, no entanto, “visão poética” e “instinto poético” convergem para “força poética”, a qual, aliada à “boa documentação realista”, segundo Murilo Mendes, fez com que o romance de Jorge de Lima rompesse com aquilo que até ali se havia definido como literatura social. O poeta mineiro não repete o equívoco de outros críticos, tentando localizar Jorge de

¹⁰⁰ MENDES, Murilo. “A Poesia e os Confusionistas”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1935, p. 291.

Lima em um dos lados da divisão intelectual, pelo contrário, prova que o amigo “compreendeu a dupla função individual e social da literatura, colocando-se numa posição de equilíbrio”¹⁰¹. Ao reconhecer este duplo movimento, o poeta põe em xeque um dos principais aspectos do romance proletário apontados até o momento: o de que as questões relacionadas ao coletivo deveriam se sobrepor às de caráter individual. Para o poeta: “Se o indivíduo é anterior à sociedade, como poderá o escritor observar, reproduzir e recriar os fatos de significação social, se não construir a sua personalidade de maneira eficiente a poder julgá-lo com acerto?”¹⁰². Ocorre aqui uma inversão diante do que se afirmava sobre a relação indivíduo/ coletividade. Para Murilo a constituição eficiente de uma personalidade, a construção sólida de um indivíduo, é anterior à sua manifestação coletiva. Ideia já trabalhada no artigo “Nota sobre *Cacau*”, quando aponta que o autor, enquanto indivíduo, ao tratar daquilo que lhe é próximo e, ao se identificar com seu objeto, o que quer este escreva será de interesse social.

Murilo não procura analisar *Calunga* apenas por possuir ou não as características necessárias para categorizá-lo enquanto romance proletário, tampouco o desqualifica por permitir que se agreguem elementos de denúncia social. O que une tais visões até então completamente opostas, parece ser sua compreensão da literatura enquanto movimento constante. A duplicidade à qual se referiu o poeta no artigo sobre *Calunga*, surge também quando se trata de criticar o modo como a poesia foi posta de lado, diante da hegemonia do romance, do ensaio e de outros gêneros considerados mais propícios para retratar as transformações sociais e políticas do momento. Dada a preocupação com a questão social, as análises que se dedicavam a este gênero ocupavam grande parte das páginas do *Boletim*, permanecendo os textos sobre poesia em menor número. Tal quadro começou a mudar com o lançamento de importantes livros de poesia tais como *O Brejo das Almas* (1934), de Carlos Drummond de Andrade, *O Anjo* (1934), de Jorge de Lima e *Tempo e Eternidade* (1935), de Jorge de Lima e Murilo Mendes, que despertaram a atenção da crítica, fazendo com que se buscasse recolocar a poesia em um lugar de destaque. É o caso do artigo “Poesia”, de José Lins do Rego, publicado um ano depois do texto de Murilo Mendes sobre Ismael Nery. Nele, o escritor paraibano, além de defender o gênero poético, nos apresenta uma visão do livro *Tempo e Eternidade*. Segundo Lins do Rego,

O ano de 1935 pode-se dizer que foi literariamente da poesia [...] Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima e Murilo Mendes arrastaram nossa poesia para o primeiro plano... E, com tal força e com tanta seriedade que ninguém poderá afirmar que os poetas não terão mais lugar na terra.¹⁰³

¹⁰¹ MENDES, Murilo. “Calunga”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1935, p. 291.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ REGO, José Lins. “Poesia”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1935, p. 2.

Já Aderbal Jurema, em “Poesia e Saudosismo”¹⁰⁴, da mesma forma que formulou a divisão entre o romance proletário e o romance burguês, procurou na poesia uma linha de separação entre “os poetas que levam uma existência feliz” e os que se voltavam para as desigualdades sociais. Segundo ele, “A verdadeira poesia não precisa dessas coisas inverossímeis. Para os que vivem voltados para as desigualdades sociais ela surge com um sentido maior, global, mais pungente, mais lírica, mais profética e sobretudo mais humana”¹⁰⁵.

Contrário à ideia que limitava a literatura à sua função social, o poeta mineiro vê como “pândegos”, ou mesmo como ingênuos, alguns intelectuais que com ela concordassem. Em “Manoel Bandeira cai no conto do vigário”¹⁰⁶, por exemplo, Murilo questionaria o poeta pernambucano por ter afirmado, em uma entrevista concedida ao jornal *A Noite Ilustrada*, que “Os livros dos nossos romancistas atuais – os Lins do Rego, Amando Fontes, etc., – nos arrancaram com grande força de solidariedade humana às nossas preocupações individuais”¹⁰⁷. Para Murilo Mendes, seria algo muito grave ou um grande engano, quando um poeta reconhecido pela força de sua lírica concorda com a ideia de que as preocupações sociais coletivas tomaram a frente da problemática do indivíduo. Murilo Mendes respondeu com humor ao que havia dito Manuel Bandeira, e só encontrou explicação para tal declaração no fato de ter o autor de *Libertinagem* “caído no conto do vigário”. Com a mesma dose de humor e ironia que caracterizaram seus artigos até aqui, Murilo mostra-se inconformado com o fato de até Manuel Bandeira – um dos poetas que melhor realizou a aproximação entre poesia e questões sociais sem perder sua força lírica – ter se deixado levar por alguns “pândegos” de visão estreita sobre literatura, e principalmente sobre poesia.

¹⁰⁴ JUREMA, Aderbal. “Poesia e Saudosismo”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio. 1935, p. 224.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ MENDES, Murilo. “Manuel Bandeira cai no conto do vigário”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1935, p. 88.

¹⁰⁷ *A Noite Ilustrada*, 26 set. 1935, p. 19.

Quem falava assim eram ensaístas, eram romancistas aflitos para venderem seus ensaios e seus romances. Para tal era necessário boicotarem a poesia. Todos esses cidadãos começaram a aplicar sanções contra a poesia. Surgiram depois outros pândegos que “descobriram” à última hora a questão social e resolveram que a poesia está falida. E outros pândegos endossaram essa declaração. E puseram isto nas folhas. E vieram artigos, ensaios, discursos, estudos, meetings contra a poesia e os poetas. Alguns tímidos resolveram botar uma fichinha na “poesia proletária”. Achavam que a “poesia proletária” se salvaria do dilúvio da poesia. A poesia proletária seria a família de Noé da antiga literatura. Vieram outros primários, outros ingênuos e outros pândegos. Tentou-se formar a frente única contra a poesia. A postos críticos, ensaístas, comunistas de café, “simpatizantes”, literatos à milanesa, políticos, romancistas, editores. Pronto. Acabou-se a poesia.¹⁰⁸

A metáfora do dilúvio reforça, nesse sentido, a limitação que envolve o pensamento de parte da crítica naquele momento. Diante do extermínio da poesia (realizado pelo dilúvio), ou seja, frente a sua inutilidade, salva-se, ao menos, a “poesia proletária”. A piada, para Murilo, não está na concepção de uma poesia proletária, mas sim no modo como a questão é tratada. É fato que a ideia de que os problemas sociais pedem uma reflexão sobre o coletivo em detrimento dos aspectos da ordem do individual favoreceu a expansão do romance enquanto gênero ideal para retratar a problemática realidade brasileira. Entretanto, segundo Murilo, valorizar as obras de José Lins do Rego e de Amando Fontes não implica a desvalorização da poesia, a preocupação com o coletivo não deve encobrir o que é da ordem do indivíduo. O movimento, aqui, mais uma vez, vai no sentido de não limitar a questão literária (poética) ao determiná-la como resultado desse embate. De acordo com Murilo Mendes, nesse tipo de reflexão,

Há engano. É preciso tomar a sério a questão social. Isto não impede de tomar também a sério a poesia. A poesia não poderá acabar enquanto houver um alento de vida no mundo. *A poesia não pode ser interrompida porque existe a questão social.* Isto é para os trouxas. Quanto a mim, acho formidável ser poeta; sei que a poesia é eterna, definitiva e inexpugnável – e que todos os políticos, economistas, “simpatizantes”, críticos, editores e ensaístas não prevalecerão contra ela [...].¹⁰⁹

Assim como o romance não precisa defender os ideais comunistas para que seja engajado, a poesia não deve ser julgada segundo sua função social. Murilo, dessa forma, procura oferecer ao debate uma nova leitura, como se considerasse que, até aquele momento, muita bobagem havia sido dita sobre questões muito sérias.

¹⁰⁸ MENDES, Murilo. “Manuel Bandeira cai no conto do vigário”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1935, p. 88.

¹⁰⁹ Idem.

Do mesmo modo ocorre em “A poesia e os Confusionistas”¹¹⁰, termo que Murilo utilizou para definir àqueles que possuem um total desconhecimento sobre poesia, além de manifestarem uma “incultura proletária”. Seria o caso do professor Hermes Lima, citado no artigo, e que também foi lembrado pela sua total ignorância em relação a “assuntos religiosos e eclesiásticos”. Neste texto, o poeta mineiro, responde a declarações de alguns intelectuais que, na ânsia pela “revolução”, acabam não compreendendo a poesia, tampouco o modo como a literatura pode ser pelos oprimidos sem que dela se faça campanha pró regime soviético.

No primeiro momento, o poeta responde a uma declaração do professor Lima acerca da poesia de Castro Alves, publicada na revista *Momento*, de outubro de 1935. Hermes de Lima teria dito que o poeta baiano seria toda a poesia brasileira, e isto, na visão de Murilo Mendes, seria apenas uma tentativa de agradar a crítica de esquerda¹¹¹. Ironizando o estereótipo do intelectual de esquerda, Murilo afirma que, ao escrever isso, o professor teria descoberto que ficaria “bem cotado entre os esquerdistas. Sentiu-se imediatamente vermelho, rubro, e saiu para a rua pronto para fuzilar burgueses e atacar bancos. De repente notou que a arte possui um conteúdo social... Que novidade!”¹¹². Segundo o poeta, na mesma da revista *Momento*¹¹³, um artigo, não assinado, atacara o livro que escreveu junto a Jorge de Lima, *Tempo e Eternidade*, caracterizando como ridículo o fato de escreverem poemas a Jesus Cristo.

O poeta julgou, pelas características do texto, que o autor fosse um dos irmãos Jurema, Aderbal ou Odorico, e chegou a cogitar também que pudesse ser de Valdemar Cavalcanti, autor que junto aos irmãos citados, seria responsável pelo que o poeta chamou de “juremismo”. Trata-se, segundo ele, de um fenômeno cujos adeptos apresentam características como a falta de uma formação artística e “a cultura apressada, – ou melhor, a incultura proletária, o ódio a todo o indivíduo que não se declara soviético, e a obsessão que têm em se julgarem os donos da história”¹¹⁴.

Em “A poesia e os Confusionistas”, Murilo, mais uma vez, tem a postura de um intelectual que percebe falhas no modo como vinham sendo pensados o romance, a poesia e a literatura como um todo, diante da confusão ideológica da década de 30. Não faz, aqui, uma crítica aos

¹¹⁰ MENDES, Murilo. “A poesia e os confusionistas”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, dez. 1935, p. 63.

¹¹¹ O ato de exaltar a poesia de Castro Alves, é importante ressaltar, foi feito por outros intelectuais da esquerda. Aderbal Jurema – que também foi lembrado por Murilo Mendes enquanto confusionista – declarou que “[...] nos períodos em que os antagonismos de classe são mais vivos começam a aparecer as grandes vozes líricas do povo. Aí estão na história os poetas da revolução francesa e da russa. No Brasil, tivemos Castro Alves fazendo da sua poesia uma clava de combate contra a escravidão do braço africano” (JUREMA, Aderbal. “Poesia ou Saudosismo”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio 1935, p. 224-225).

¹¹² MENDES, Murilo. op. cit., “A poesia e os ...”, p. 63.

¹¹³ Por tratar-se aqui de um artigo publicado no *Boletim de Ariel* de dezembro de 1935, acreditamos que o exemplar da revista *Momento*, mencionado por Murilo Mendes, deva ter sido publicado no mesmo mês.

¹¹⁴ MENDES, Murilo. op. cit., “A poesia e os ...”, p. 63.

intelectuais da esquerda, mas sim à leitura equivocada que estes fazem do momento histórico em que vivem e aos poucos conhecimentos que demonstram sobre literatura. Quando fala de uma “incultura proletária”, o poeta recupera uma reflexão importante que se encontra no artigo “*Cacau*”. Já ali, Murilo levanta o problema de se pensar o acelerado movimento de se exaltar a classe proletária no Brasil, quando ainda era notável a fragilidade de sua consciência enquanto agente histórico.

Na sua visão, o “juremismo” seria a crítica que se realiza através de interpretações ingênuas de alguns conceitos, como o do próprio marxismo, levando alguns membros da inteligência brasileira a pautarem seus julgamentos em moldes e estereótipos bastante caricatos. Isso pode ser observado em outros artigos do próprio Aderbal Jurema, muitos deles contendo fórmulas a serem seguidas pelos escritores que desejassem executar um romance proletário; ou em seu texto sobre poesia, no qual se encontra o seguinte raciocínio: “A uma situação burguesa corresponde uma literatura burguesa. A uma revolucionária corresponde uma revolucionária. E a uma democracia proletária corresponderá uma literatura proletária”¹¹⁵.

O modo como frequentemente deslocava o debate para além de seus limites, já predeterminados por visões extremamente opostas, foi o de buscar aproximá-los até o ponto em que outras observações pudessem ser consideradas. Nesse sentido, sua visão de catolicismo atuaria como meio para a realização de tal movimento. E para compreendermos essa relação é fundamental seu artigo de julho de 1934¹¹⁶, no qual Murilo traça um rápido perfil de seu amigo Ismael Nery (1900-1934). Tal perfil constrói-se, principalmente, a partir da visão de Murilo sobre o modo como o amigo encarara a poesia em sua breve existência. O exercício de mapear sua poética envolveria, necessariamente, uma explanação sobre sua filosofia própria, nomeada, por Murilo Mendes, de *essencialismo*, e a qual definiu desta forma:

Era o *essencialismo*, baseado na abstração do tempo e do espaço, na seleção e cultivo dos elementos essenciais à existência, na redução do tempo à unidade, na evolução sobre si mesmo para descoberta do próprio essencial, na representação das noções permanentes que darão à arte a universalidade¹¹⁷.

De acordo com esta ideia, Murilo sintetizou uma concepção de que vida na qual viver seria a experiência poética em execução. Ao descrever o modo como o amigo definira sua ideia

¹¹⁵ JUREMA, Aderbal. “Poesia e Saudosismo”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio. 1935, p. 224.

¹¹⁶ MENDES, Murilo. “Ismael Nery, poeta essencialista”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1934, p. 268.

¹¹⁷ MENDES, Murilo. “Recordações de Ismael Nery (VII)”. Suplemento *Letras e Artes*. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 10 ago. 1948, p. 5.

de realização poética, percebeu que a própria vida de Ismael Nery havia sido, em sua poesia, seu maior monumento.

Essa vida complexa, tumultuosa e matemática, foi uma constante afirmação de poesia. Para Ismael a poesia não consiste, em última análise, no cultivo dos “estados da alma”, nem na contemplação das formas anteriores, nem em divagações abstratas: é a antecipação de um estado sobrenatural que o homem só atinge depois de passar por todas as experiências da sensibilidade e da inteligência. Ismael não podia ver o homem fixado num determinado instante de vida; procurava descobrir as raízes desse indivíduo, examinar a existência de seus antepassados, sua infância, seu ambiente moral e físico, seu desenvolvimento no tempo e no espaço e as possibilidades da sua projeção no futuro. Daí a sua indiferença diante de toda representação poética limitada ao registro de sensações epidérmicas, ou de impressões e anotações imprecisas, aéreas, que formam geralmente o lastro da bagagem dos poetas [...]. Eis a equação da poesia de Ismael Nery: sensibilidade micrométrica mas visão intemporal dos acontecimentos. [...] Reconhecendo a deficiência da realização artística, preferia praticar a poesia, em vez de escrevê-la. Ismael, como disse no princípio, deu na sua vida diária o mais importante testemunho da potencialidade de seu gênio poético.¹¹⁸

Se entendermos, aqui, que a concepção de vida/poesia aplicada por Murilo ultrapassa os limites do ato de escrever poemas, tomando-o enquanto experiência e atuação diante das limitações impostas pelos diferentes registros de tempo, de espaço, ou limitações de cunho moral e ideológico, poderemos aproximar tal conceito daquilo que o poeta mineiro chamou, em outros artigos, de “instinto poético”, “visão poética” e até mesmo de “força poética”. Apesar de a publicação do artigo em homenagem a Ismael Nery só ter sido publicado em 1934, desde 1931 já existia uma amizade e, por consequência, uma forte influência de sua filosofia em Murilo. Por esse motivo, vale observar nos artigos anteriores à morte do amigo, essa relação entre a produção artística e real experiência poética.

Quando analisamos o artigo acerca do romance de João Alphonsus, percebemos a postura de Murilo diante da atitude do autor que ultrapassa certas contingências de seu tempo, como o reinado de ensaios e biografias, ou mesmo os grandes fatos da política internacional noticiados todos os dias, e direciona sua “visão poética” aos que passavam despercebidos. No mesmo artigo, o poeta ainda chamaria a atenção para uma “mística nova”, a mística das máquinas, à qual, segundo ele, ainda não se tinha dado a devida importância. Segundo ele,

Máquina por mais aperfeiçoada que seja nunca arrancaria do homem o instinto poético – pelo contrário, o progresso contínuo dos maquinismos poupará o tempo do homem – e que irá ele fazer depois senão inventar novos mundos poéticos”¹¹⁹.

¹¹⁸ MENDES, Murilo. “Ismael Nery, poeta essencialista”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1934, p. 268.

¹¹⁹ MENDES, Murilo. “Apresentação da ‘Galinha Cega’”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1932, p. 41.

Em “*Cacau*”, a ideia de experiência poética se apresenta no momento em que Murilo, inclinado a defender uma literatura que não ficasse restrita ao debate político, cobrou “integração” do escritor junto ao objeto de que trata. Da mesma forma que Ismael Nery, segundo ele, “não podia ver um homem fixado num determinado instante de vida; procurava descobrir as raízes desse indivíduo, examinar a existência de seus antepassados, sua infância, seu ambiente moral e físico, seu desenvolvimento no tempo e no espaço e possibilidades de sua projeção no futuro”, o artista que resolvesse tratar da vida do operário não poderia fixa-lo apenas segundo uma classe social ou enquanto mais um personagem de romance.

Por fim, em “*Calunga*”, o pensamento de Murilo parece encontrar seu exemplo mais pertinente. Não se trata apenas da estrutura do romance que, como já foi observado, consegue dar forma ao duplo movimento da literatura, pois, embora não se trate de um romance de “esquerda”, ao realizar-se artisticamente, cumpre também seu papel social. O poeta mineiro caracteriza Jorge de Lima¹²⁰ como “poeta e artista”, definindo duplamente o conceito. O poeta-artista, nesse sentido, realizaria não só a obra em si, mas viveria a experiência poética, pois, segundo Murilo, “a poesia é uma das chaves do conhecimento da vida”¹²¹, precedendo, muitas vezes, à própria ciência.

O texto sobre Ismael Nery, em 1934, além de reforçar a ideia de um constante movimento entre vida e poesia, traz também indícios de como Murilo foi influenciado pelo catolicismo praticado pelo amigo¹²², o qual modificaria de forma sintomática tanto sua obra em prosa quanto a sua poesia. Sobre o artigo de 1934 e sobre a postura de Murilo diante dos temas em evidência naquele momento, escreveu Willy Lewin¹²³ o artigo “Saudação a Murilo Mendes”¹²⁴. Em seu texto, o crítico pernambucano comenta a conversão do poeta, destacando o quanto essa mudança surtiu efeito em sua obra:

¹²⁰ Em artigo de 1951, “A luta com o anjo”, Murilo também caracterizaria o escritor baiano segundo sua “vocaçao transcendente”, à qual relacionaria suas multifaces. Segundo Murilo, além de poeta, Jorge de Lima foi pintor-amador, escultor-amador, operador de foto, jornalista e médico, e, por esse motivo, seria um digno representante daquilo que chamou “humanismo universalista” (MENDES, Murilo. “A luta com o anjo”. *Letras e Artes*. Rio de Janeiro, 17 jun. 1951, p.3).

¹²¹ MENDES, Murilo. “Calunga”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1935, p. 291.

¹²² Segundo o que se afirma na cronologia de vida e obra do poeta, localizada em sua “Poesia Completa e Prosa”, organizada por Luciana Stegagno Picchio, no ano de 1934, “a morte de Ismael Nery provoca-lhe uma crise religiosa que o devolverá a um cristianismo de origens”, além disso, marca seu contato com o grupo francês da revista *Esprit*.

¹²³ Willy Lewin (1908-1971): foi intelectual e crítico pernambucano, que se iniciou em literatura ao lado do poeta João Cabral de Mello Neto, no Recife.

¹²⁴ LEWIN, Willy. “Saudação a Murilo Mendes”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1934, p. 321.

[...] podemos afirmar sem reservas que a conversão do poeta à Verdade católica se nos apresenta com os melhores sinais de solidez. A efusão da Graça foi das mais poderosas. Recebendo-a, não foi apenas o coração de Murilo que começou a “sentir”, mas, de um momento para outro, a sua própria inteligência tornou-se apta para “compreender” tudo, em raciocínios absolutamente calmos e frios.¹²⁵

Lewin, no auge do debate sobre literatura proletária, escreve sobre seu receio de que Murilo se tornasse um defensor desta corrente, pois era o que indicavam alguns de seus últimos poemas “publicados numa revista universitária de desoladoras perspectivas espirituais”. Citando o trecho de um poema em que Murilo afirmava que “somente os meninos capitalistas tinham anjo da guarda”, Lewin chega a reparar numa “ironia digna de um membro da coligação internacional dos ‘Sem Deus’”. Entretanto, acabaria reconhecendo que a “Graça” já o cercava “teimosamente”. Seria, na visão de Lewin, obra da “Providência” que a morte do amigo o levasse ao grande “Descobrimento”, ao catolicismo¹²⁶.

A presença do catolicismo surge quando, no artigo sobre o amigo, Murilo apresenta o que chamou de “a equação da poesia de Ismael Nery”, definida como “sensibilidade micrométrica mais visão intemporal dos acontecimentos”. Analisando tal equação, Murilo chega à conclusão de que, para se alcançar a vida “essencial”, são necessárias duas etapas: a primeira dar-se-ia no plano material, biológico, em que poderiam ser empregados “todos os meios que se acham ao nosso alcance, inclusive os meios mecânicos”, e a segunda, que seria a “penetração no plano sobrenatural, que começa no amor e na caridade, até atingir o plano supraterrrestre”:

[...] este nos dará a plenitude de nosso ser definitivo, conforme as revelações de Jesus Cristo, o poeta máximo, pois pregou a poesia que não muda, a que resiste a todos os preconceitos, a todos os modismos – enfim, a poesia dos grandes temas necessários à conservação da unidade do homem, a poesia “essencial”. Resumindo: a poesia começou no instante da criação do mundo, continua no plano temporal e se completará um dia na eternidade.¹²⁷

Não só a figura de Jesus Cristo aparece como a representação do poeta exemplar, como a Igreja Católica, denominada no artigo por “Igreja de Jesus Cristo”, seria a única capaz de conferir ao homem, “pela sua doutrina, pelos seus dogmas, pelos seus ritos”, o estado de “supra-

¹²⁵ LEWIN, Willy. “Saudação a Murilo Mendes”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1934, p. 321.

¹²⁶ A preocupação de Lewin faz sentido se observarmos como Pedro Nava caracterizou Murilo Mendes páginas antes do relato de sua conversão: “Um esquerdista dos mais exaltados, professando o marxismo-leninismo convictamente, sem contudo ser militante. Ao que consta ele nunca foi filiado ao partido comunista. Mas pregava seu credo social pela palavra aos amigos, aos conhecidos, aos desconhecidos com quem acontecia falar, e estes eram muitos, nas ocasiões em que lhe vinham desejos de protestar contra os absurdos de nossa terra [...]” (NAVA, Pedro. *O círculo perfeito*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 277-278).

¹²⁷ MENDES, Murilo. “Ismael Nery, poeta essencialista”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1934, p. 268.

naturalidade”. Segundo Murilo Mendes, tal estado teria sido aludido por André Breton no manifesto do *surrealismo*, mas seu equívoco foi tentar encontrá-lo “na deformação de certas lendas, nas especulações espíritas e na representação automática das ideias e das imagens”, quando, para o poeta mineiro, apenas a Igreja conseguiria oferecer uma concepção de mundo onde figuram os planos do real e do surreal.

Nesse sentido, a realização plena da vida/poética “essencial” só seria possível diante do catolicismo, pois apenas a Igreja Católica seria capaz de permitir ao homem o movimento livre de fixações espaço-temporais. Quando as referências à religião poderiam levar um leitor desatento a considerar que se trata apenas de mais um artigo apaixonado de um recém-convertido, Murilo recupera uma observação feita por Aníbal Machado sobre Ismael Nery, construindo, com habilidade, um argumento no qual traz o marxismo para corroborar sua análise:

Quanto à aproximação que procurei estabelecer entre a poesia essencialista e o plano poético do catolicismo, lembrarei que Aníbal Machado, com sua reconhecida lucidez e penetração crítica, e com a responsabilidade que lhe advém da sua aceitação dos postulados marxistas, não hesitou em escrever: “Ismael não pode ser compreendido à luz dos elementos mais correntes na interpretação dos homens”. E insiste: “Esse artista passará incompreendido, se julgado pela escala normal dos valores humanos”. É que Ismael só poderá ser de fato explicado à luz da revelação católica.¹²⁸

Ao fazer, através de Aníbal Machado, o marxismo, com sua base materialista, concordar que somente no plano intemporal seria possível compreender Ismael Nery e que isso só se daria por meio do catolicismo, Murilo põe em movimento dois conceitos completamente antagônicos naquele momento. Desta forma, consegue materializar em seu texto a ideia que retira das observações feitas sobre o método desenvolvido pelo amigo, destacando que “o registro de diversos fenômenos da sensibilidade é necessário ao poeta como elemento de conhecimento da matéria poética”¹²⁹.

Se exerce sua crítica seguindo o que apontou no texto “Ismael Nery, poeta essencialista”, há total coerência com que foi observado em seus artigos publicados no *Boletim*, como visto até aqui. O que muda, ao longo de sua colaboração, é que, após sua conversão o catolicismo passa compor suas análises como o espaço da realização da vida/poesia “essencial”, como visão universalizante. No entanto, no seu artigo “Atrairei tudo a mim (S. João, XII, 32)”¹³⁰, direciona sua crítica não mais àqueles que – vinculados ao pensamento revolucionário limitado – julgavam os demais pela sua adesão ou não às suas ideias, mas a alguns católicos que, demonstrando

¹²⁸ MENDES, Murilo. “Ismael Nery, poeta essencialista”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1934, p. 268.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ MENDES, Murilo. “Atrairei tudo a mim (S. João, XII, 32)”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1937, p. 106-107.

a mesma limitação, negavam a universalidade da igreja católica ao menosprezar intelectuais que não se assumissem seguidores do mesmo credo:

Um dos aspectos da Igreja que mais me atraíram nas vésperas de entrar nela, foi o da sua largueza, da sua universalidade de vistas. “Una, santa, católica, apostólica”. Foi a catolicidade, dentre estas quatro notas fundamentais, a que mais me seduziu. Incorporei-me no catolicismo, não para me diminuir, mas para me aumentar. Este espírito ecumênico da Igreja é o espírito do próprio Cristo que reunia na sua Pessoa divina e humana a síntese de todas as qualidades positivas. É por isso que me entristeço quando vejo católicos se afastarem deste espírito universal da Igreja, que acolhe com um gênio incomparavelmente realista todas as manifestações de atividades que pelo menos tangenciem a verdade cristã. Tenho tido ocasiões de folhear revistas e jornais católicos do Brasil onde se criticam escritores, poetas, romancistas, etc., que não são confessadamente cristãos, com um azedume e uma deselegância impróprias em discípulos d'A-quele que, na sua suprema polidez, declarou no Sermão da Montanha: “Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem e caluniam. Para que sejais filhos de vosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o sol sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos. (S. Matheus, V-44,45).¹³¹

Não muda apenas o alvo de sua crítica como já nos dá indícios de sua visão sobre o catolicismo. Segundo Murilo,

[...] é sabido que o individualismo burguês que nasce da Reforma, tendo quebrado o conceito de comunidade, insinuou-se até mesmo no seio da Igreja Católica, provocando a decadência religiosa que se estendeu até fins do século passado, determinando reflexos inevitáveis na arte e na literatura.¹³²

Aqui tal ideia nos faz lembrar artigos mencionados anteriormente nos quais, por vezes, o individualismo burguês fora criticado por intelectuais militantes da esquerda política, sendo visto como modo de negar a relevância da questão da luta de classes; ou em que prevalecia o ataque dos defensores do individualismo ao determinismo materialista que enxergavam em muitos autores. Divisão esta que se tornou evidente, principalmente, quando se debateu o romance proletário. Se, naquele momento, muitos tentavam definir este gênero e, conseqüentemente, quais os autores estariam envolvidos com essa causa; aqui o que vemos é a tentativa de Murilo Mendes em propagar a ideia de um catolicismo capaz de superar tal separação. Se a resolução para o problema do individualismo burguês era a revolução – segundo intelectuais como Jorge Amado – na visão de Murilo, pelo menos a que podemos depreender desse artigo, isso dar-se-ia através do Corpo Místico de Cristo, ou seja, da comunhão dos homens:

¹³¹ MENDES, Murilo. “Atrairei tudo a mim (S. João, XII, 32)”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1937, p. 106-107.

¹³² Idem.

A igreja sentiu vivamente o perigo da influência do individualismo burguês sobre a sociedade, reagindo a tempo com a restauração do grande conceito do Corpo Místico de Cristo; respeitando a personalidade de cada cristão, mas fazendo-o inserir na comunidade total.¹³³

Sua interpretação do *essencialismo* de Nery, suas observações acerca das análises limitadas de alguns críticos – num tempo em que a filiação partidária rendia mais comentários que os aspectos estéticos – encontraram na sua ligação com o catolicismo o ambiente ideal para a realização de uma crítica que chamou de “universal”. Tomemos como exemplo o trecho do artigo em que Murilo reconhece tanto em Jorge Amado quanto em José Lins do Rego aspectos do catolicismo que defende. O trecho em si não seria de grande relevância não fosse o protagonismo do escritor baiano nas muitas discussões sobre literatura e política, nas quais comunistas e católicos sempre frequentaram lados opostos, e a presença de José Lins do Rego, colocado pelo próprio Jorge Amado no “trio de moços intelectuais de direita do Brasil”, junto a Octavio de Faria e Lucia Miguel Pereira:

Anticatólicos e acatólicos são nossos irmãos transviados. Pertencem todos ao Cristo. Para falar franco, acho que Jorge Amado, José Lins do Rego e outros, embora não rezem e batam no peito, são muito mais cristãos do que certos frequentadores de igreja que tiram o chapéu diante do Banco do Brasil. Também é preciso não esquecer que, mesmo do ponto de vista rigorosamente religioso, o são de fato, pois não me consta que tenham renegado sua qualidade de batizados; que excelente discípulo de cristo não faria, por exemplo, esse Jorge Amado, que vive a lidar com o mar, com redes, peixes e pescadores! E José Lins do Rego, que também se inclina de preferência sobre os humildes e sofredores, que o Cristo e a Igreja sempre olharam e olham com especial dilação.¹³⁴

Na mesma direção vai o que Murilo afirma sobre Graciliano Ramos em um dos dois momentos em que se refere ao escritor alagoano na série *Retratos Relâmpago*¹³⁵. Após descrever uma situação em que se deparara com Graciliano em uma missa no mosteiro São Bento, Murilo discorre sobre sua surpresa diante de tal ocorrência e sobre a conversa que teve com o autor de *Vidas Secas*:

¹³³ MENDES, Murilo. “Atrairei tudo a mim (S. João, XII, 32)”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1937, p. 106-107.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ MENDES, Murilo. *Retratos Relâmpagos*. Poesia Completa e Prosa; organização e preparação do texto Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 1235.

O fato intrigou-me. Apreciaria Graciliano a linha de rigor e precisão estética da missa pontifical que, entre outros, o acatólico Mallarmé admirava, tanto assim que lhe dedicou uma grande página das *Divagations*? Dias depois, encontrando-o na livraria José Olympio, perguntei-lhe frontalmente o motivo da sua atitude: o fato de ele, um materialista, assistir com tanta atenção àquela cerimônia, acompanhando-a no texto latino-brasileiro, e de pé durante três horas. Ele me respondeu que no fundo era espiritualista, tendo aderido ao marxismo por julgá-lo a única doutrina capaz de colocar na sua justa dimensão o trabalhador brasileiro [...]. Confiou-me ainda que se houvesse no Brasil um partido cristão, sério, bem organizado, possivelmente ingressaria nele. [...] Minha primeira reação ao regressar do encontro foi de espanto e surpresa. Depois caí em mim: por que admirar-me daquele fato? Como se eu não tivesse lido muito, absorvendo-os, Dostoievski. Freud, Stevenson, Pirandello, Kafka, não tivesse vivido experiências de sondagem nas profundezas do ser humano com sua capacidade de desdobramento. Seria Graciliano um rígido “materialista”? Seria um rígido “espiritualista”? Antes mesmo daquela época eu já começara a duvidar dos esquemas e da versão oficial da nossa natureza, inclusive as autoversões. Agora então que me aproximo a passos largos da palavra eternidade – com ou sem direito a uma segunda vida – sinto se descolarem dia a dia as cômodas etiquetas que reciprocamente nos aplicamos, enquanto subsiste o enigma da nossa verdadeira identidade que talvez de resto nunca poderemos decifrar.¹³⁶

Na passagem, retoma-se aquilo que encontramos ao longo de todos os artigos do poeta para o *Boletim*: a reafirmação de uma complexidade, não só humana, mas de todas as coisas, e a insuficiência das etiquetas diante dessa realidade. No “retrato” de Graciliano, além da memória da experiência que teve lado do escritor, há o resgate de outros grandes estudiosos da multiplicidade humana como base para, mais uma vez, desautorizar o esquema de classificação divulgado com frequência no *Boletim*.

Após sua conversão, tal atitude não seria diferente. A crítica de Murilo Mendes ao pensamento estreito de alguns católicos que, segundo suas palavras, não respeitavam o espírito universal do verdadeiro catolicismo, retorna no artigo “Poesia Universal”¹³⁷, no qual, na figura de Jorge de Lima reconhecerá o poeta e o intelectual católico exemplar. No texto, Murilo fala em “vitalidade da poesia no Brasil” e enaltece as recentes publicações de Adalgisa Nery, Ivan Ribeiro, Willy Lewin e de Manuel Bandeira, antes de focar na produção do amigo Jorge de Lima. Ao descrever a evolução do poeta como artista, Murilo vê também sua evolução enquanto católico:

Eu conheci há alguns anos este poeta com uns muitos restos de jansenismo, temendo a Confissão e com escrúpulo de olhar para as imagens das Santas, (...) transformou-se num poeta católico como poucos, num poeta verdadeiramente litúrgico que consegue o prodígio de se adaptar à ortodoxia sem sacrificar a sua liberdade lírica; o que é dado a muito pouca gente.¹³⁸

¹³⁶ MENDES, Murilo. *Retratos Relâmpagos*. Poesia Completa e Prosa; organização e preparação do texto Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 1235.

¹³⁷ MENDES, Murilo. “Poesia Universal”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio 1938, p. 220-221.

¹³⁸ Idem.

Partindo de um exemplo concreto, o autor, mais uma vez, criticará o comportamento daqueles que fogem da ideia de universalidade à qual liga o catolicismo:

Numa época de confusão e de má-fé como a nossa, convém frisar que Jorge de Lima é um poeta católico integrado no espírito da Igreja, não podendo, portanto, embarcar na mistificação dos que indicam o católico como “*limitado*”. O católico autêntico é por definição um espírito universal, atento a todas as manifestações da vida e da cultura. O anticlerical que aponta o católico como “*limitado*” incide no mesmo erro do católico que ficha de “primário” todo o “não-católico”. De resto, todos os homens, todas as culturas, tendem, conscientemente ou inconscientemente, para a catolicidade, que não é outra coisa senão a recapitulação de tudo em Cristo, o Espírito Universal por excelência.¹³⁹

Notemos que se trata da mesma descrição feita a respeito dos pressupostos essencialistas. Quando afirma que o católico deve estar “atento a todas as manifestações da vida e da cultura” está bem próximo do que dissera sobre a importância, para um poeta, do “registro dos diversos fenômenos da sensibilidade”. A relação que desenvolve entre a vida/poesia essencialista e o que entende como espírito católico ajudam a traçar seu perfil enquanto crítico atuante nos debates que se apresentaram ao longo da década de 30.

Sua postura crítica também auxilia na compreensão de uma retórica muito particular. O método de aproximação de contrários – procedimento muito conhecido da poética surrealista e já bastante observado em estudos sobre sua lírica – é uma possível chave para o entendimento de seu processo crítico, uma vez que, na maioria de seus artigos, seus argumentos se sustentam na medida em que põe em movimento as contradições apresentadas por outras leituras de um mesmo objeto. Ao questionar os limites impostos por análises pautadas por pressupostos marxistas – como muitas vezes se observou em artigos de Jorge Amado, ou de Aderbal Jurema, por exemplo – Murilo procurou confrontá-la com visões consideradas conservadoras, fosse porque se identificavam com certo conservadorismo político de direita, fosse porque partiam de intelectuais ligados ao catolicismo.

Desse choque, o poeta tentava extrair um modo de se observar o objeto segundo uma nova perspectiva. Tal procedimento muito se assemelha ao que descreveu Murilo Marcondes Moura, ao tratar da relação do poeta com o surrealismo:

¹³⁹ MENDES, Murilo. “Poesia Universal”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio 1938, p. 220-221.

Os surrealistas, portanto, desenvolveram procedimentos combinatórios com vistas à apreensão dessa totalidade capaz de reunir, numa síntese superior, tudo aquilo que uma perspectiva convencional só podia visualizar como contradição. Murilo Mendes tinha em comum com os surrealistas precisamente essa *atitude* diante da realidade: ela parte do reconhecimento das dualidades e do desejo de integrá-las num todo.¹⁴⁰

É justamente esse movimento que verificamos, até aqui, nos artigos do *Boletim de Ariel*. Desde o início, o modo como constrói seus artigos indica uma postura que muito se assemelha àquela que define como a experiência da filosofia *essencialista*, a qual também reconhece na vida de Ismael Nery. Sobre os temas dos quais tratou e quanto à maneira como tentou abordá-los, podemos dizer que procurou sempre ampliar o espaço de discussão. Ao reparar na influência do cinema, e da fotografia, no modo como deveriam ser pensadas, a partir de então, as demais artes, Murilo não deixou de reconhecer um problema no modelo de produção que se impunha à pintura; entretanto, não permite que o debate sobre essa questão se restrinja a esta perspectiva. Da mesma forma foi ao discutir a questão da literatura social. Para o poeta, preocupar-se com a miséria humana, e com os problemas de ordem coletiva, não significa necessariamente levantar bandeiras pró comunismo; tampouco deveria, a literatura, esquecer-se dos problemas que ocorrem para além do círculo pequeno burguês, identificando-se apenas enquanto entretenimento, haja vista o exemplo de *Calunga*.

O crítico, que é também o poeta – uma vez que a experiência de vida/poesia deve ser realizada, frente às diferentes doutrinas políticas e econômicas, e em meio às contingências de ordem “moral e física” – encontra no catolicismo, e no conceito de Igreja Católica, o lugar ideal para que se realize, enquanto homem, em todas as suas potencialidades; e, enquanto crítico, de modo a estar atento a todos os fenômenos que o cercam.

¹⁴⁰ MOURA, Murilo Marcondes de. *Murilo Mendes: a poesia como totalidade*. São Paulo, SP: EDUSP: Giordano, 1995, p. 41.

2. O debate católico em *Dom Casmurro*

Em outra sequência de artigos, desta vez publicados no jornal carioca *Dom Casmurro*¹⁴¹, o poeta Murilo Mendes nos apresenta a mesma postura crítica que observamos nos textos para o *Boletim de Ariel*¹⁴². Seu alvo, entretanto, não mais seria o modo como o debate acerca da literatura, e de outras artes, tornara-se reduzido devido à constante preocupação de alguns intelectuais com a sua orientação política. Em 1937, o poeta publicaria uma série de textos cujo foco foi defender o que entendia como o espírito universal do catolicismo diante da implacável tendência de alguns intelectuais católicos de reduzi-lo ao imediatismo dos debates políticos da época.

Ficou visível, ao final do capítulo anterior, que, após sua conversão, em 1934 – o catolicismo passaria a ocupar seus textos com maior frequência. Na década de 30, a presença do catolicismo, em sua obra, não se resumiria apenas à produção lírica, como no livro *Tempo e Eternidade* – realizado junto ao amigo Jorge de Lima e cuja pretensão seria “restaurar a poesia em Cristo” – ela ficaria marcada também pela sua colaboração em periódicos, como analisaremos nos artigos publicados em *Dom Casmurro*. Este momento de sua produção marca sua proximidade com o grupo de intelectuais católicos que se formara ao redor do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*; relação que, segundo Maria Betânia Amoroso,

¹⁴¹ Em relação à postura do periódico diante dos debates políticos do momento, sobretudo acerca do Integralismo, Tania Regina de Luca afirma que “A questão da relação do jornal com os meios de controle da informação é bastante intrincada e variou de forma significativa ao longo do tempo. Nos primeiros anos de circulação, o semanário adquiriu reputação de publicação de esquerda, possivelmente por polemizar com os integralistas e reafirmar valores democráticos e liberais, tanto que o periódico foi impedido de circular nas semanas seguintes ao golpe de 1937, sob a alegação de fazer propaganda sutil do comunismo” (LUCA, Tania Regina de. O jornal literário *Dom Casmurro* e a condição do intelectual. In: *Os intelectuais e a imprensa*. (org.) ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flávia Fernandes de.; GUERELLUS, Natália de Santana. Rio de Janeiro, 1ª Edição, Mauad, Faperj, 2015, p. 43). A autora ainda trata de uma possível autocensura realizada pelo jornal após ter sido instaurado o Estado Novo e que teria culminado com o fim da série que Murilo Mendes produzia acerca do Integralismo. Partindo dessa hipótese, e, de acordo com as memórias de Joel Silveira, Tania de Luca destaca que: “Nesse sentido, as memórias de Joel Silveira fornecem reiterados indícios das precauções e preocupações de Brício de Abreu, logo após a decretação do Estado Novo. Uma delas dizia respeito a Murilo Mendes, então a estrela principal do *Casmurro*, segundo Silveira, e que semanalmente esmerava-se em atacar os integralistas. Sua viva narração refere-se às preocupações de Brício, típicas dos momentos iniciais do golpe, que ainda podia ser interpretado como realização de aspirações integralistas [...]. A conversa resultou na decisão, que pode ser entendida como uma autocensura, de não continuar com a série” (LUCA, Tania R. de. *Leituras, projetos e (Re)vistas do Brasil (1919-1944)*. 1ª Edição. São Paulo: Editora da Unesp, 2011, p. 153-157).

¹⁴² Cabe destacar também que, diferente do que foi observado na análise do *Boletim de Ariel* – na qual a contextualização do debate se deu prioritariamente por meio de outros artigos publicados no mesmo periódico – aqui, como nosso interesse é investigar a postura do poeta frente a questões fundamentais para a Igreja e para o laicato católico ao longo dos anos 30, em vez de recorrermos fundamentalmente às páginas de *Dom Casmurro* para contextualizar tal situação, optamos por artigos publicados na revista católica *A Ordem*, que reuniu grande parte dos textos produzidos por intelectuais católicos nesse período.

[...] não foi ainda suficientemente ressaltada a configuração do grupo de intelectuais ao qual o poeta mineiro esteve ligado: escritores e artistas que orbitaram ao redor de núcleos de católicos cariocas com topografia definida – tanto por instituições como o Centro D. Vital, a igreja do Colégio Santo Inácio e o Mosteiro de São Bento, quanto pelo grupo de amigos que se reuniam no consultório do médico e poeta Jorge de Lima ou na casa de Aníbal Machado. É preciso lembrar ainda toda uma rede de divulgação de ideias católicas que se desenha nos esforços empreendidos para a inserção desses intelectuais na vida política do país ou mesmo na criação da editora católica Agir.¹⁴³

Dessa forma, entendemos que o conjunto de textos, reunidos neste capítulo, oferece uma possível visão da relação mencionada pela autora, pois apresentam o diálogo que o poeta manteve com outros intelectuais católicos por meio destas publicações. São ao todo nove artigos¹⁴⁴ em que Murilo Mendes irá defender sua ideia de catolicismo, e apresentar o que definiria o ser católico naquele momento. Entretanto, a análise destes textos nos mostra, sobretudo, sua indignação diante da aproximação entre religião e política, mais especificamente, entre a Igreja e o Integralismo.

2.1. A reação católica no Brasil e seus principais representantes

Para compreendermos melhor a postura de Murilo diante desta situação, é necessário observar a emergência de uma intelectualidade católica brasileira, atuante, no contexto do final de século XIX e início do século XX, momento em que a Igreja Católica esboçaria uma reação diante de seu “desencontro com a modernidade”, como definiu M. Timotheo da Costa. Segundo o autor, tratava-se de uma resposta da Igreja após inúmeras contestações que vinha sofrendo desde a Reforma Protestante, no século VI, e que se ampliariam com o Iluminismo, com Marx, Nietzsche, e Freud, já no século XX. Para o autor,

¹⁴³ AMOROSO, M. Betânia. “Murilo Mendes nos jornais: entre a política e a religião”. *Literatura e Sociedade*, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, São Paulo, nº 16 (2012), p. 82-98.

¹⁴⁴ Os nove artigos publicados no jornal *Dom Casmurro* foram: “A Comunhão dos Santos”, n. 19, 16 set. 1937; “Breton, Rimbaud e Baudelaire”, n. 16, 26 ago. 1937; “Cordeiros entre lobos”, n. 17, 2 set. 1937; “Integralismo, mística desviada”, n. 14, 12 ago. 1937; “O catolicismo e os integralistas”, n. 13, 5 ago. 1937; “Perfil do Catolicismo”, n. 8, 10 jul. 1937; “Poesia Católica”, n. 20, 23 set. 1937; “Prendam o Papa”, n. 18, 9 set. 1937 e “Resposta aos integralistas”, n. 15, 19 ago. 1937.

Se trata, por cierto, de una actitud defensiva. Sin embargo, más que generar inmovilismo, el rechazo católico a los tiempos modernos, presentados como condenados y condenables, forjó un programa de acción bien definido que debería ser implementado en el mundo entero desde Roma, autoproclamada como la depositaria fiel de la civilización cristiana que el mundo contemporáneo ponía en jaque. Así, yendo más allá de la evocación nostálgica de la cristiandad medieval –cuando la Iglesia latina era “una” y contaba con gran prestigio, y cuando la misma idea de Europa adquirió contornos más precisos–, el discurso del Vaticano suponía un programa claro con vistas al futuro: reaccionar a los tiempos presentes, contraatacando.¹⁴⁵

Foi com o papa Pio XI que se definiram os contornos deste movimento católico de reação. A chamada Ação Católica passou a ser entendida enquanto “participação dos leigos organizados no apostolado hierárquico da Igreja fora e acima dos partidos, para estabelecer o reino universal de Jesus Cristo”¹⁴⁶. Ainda segundo M. T. da Costa, no Brasil, o início deste processo teria se dado a partir da Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme aos fiéis de Olinda, publicada em 1916¹⁴⁷. Trata-se de um documento em que se critica o catolicismo brasileiro como sendo uma religião apenas de hábito e de tradição. Para o cardeal, não podem os católicos, sendo “a maioria absoluta da nação”, permitir que o catolicismo não esteja em todas as engrenagens da vida social, e cita como exemplos a laicidade do Estado e do ensino. A carta foi uma tentativa de “chacoalhar” a intelectualidade católica para que se fizesse presente em todos os âmbitos da sociedade brasileira:

Que maioria católica é essa, tão insensível, quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do catolicismo? É evidente, pois, que, apesar de sermos a maioria absoluta do Brasil, como nação, não temos e não vivemos vida católica. [...] Ao católico não pode ser indiferente que a sua pátria seja ou não aliada de Jesus Cristo. Seria trair a Jesus; seria trair a pátria! Eis por que, com todas as energias de nossa alma de católicos e brasileiros, urge rompamos com o marasmo atrofante com que nos habituamos a ser uma maioria nominal, esquecida dos seus deveres, sem consciência dos seus direitos. É grande o mal, urgente é a cura. Tentá-lo – é obra de fé e ato de patriotismo¹⁴⁸.

A carta de Dom Sebastião Leme, ao conclamar o laicato católico a participar do processo de “recristianização” do país, deu início ao movimento de reação católica¹⁴⁹. Nesse sentido, o

¹⁴⁵ COSTA, M. T. da. “Los tres mosqueteros. Una reflexión sobre la militancia católica lega en el Brasil contemporáneo”. In: *Prismas*, Buenos Aires, v. 11, n. 11, 2007, p. 55-67.

¹⁴⁶ SOUZA, Luiz Alberto Gomez de. *Do Vaticano II a um Novo Concílio?* São Paulo: Loyola, 2004, p. 62.

¹⁴⁷ A Carta Pastoral é considerada por M. T. da Costa como marco inicial da reação católica no Brasil. Mas é preciso deixar claro que a chamada Ação Católica, fundada pelo mesmo cardeal Dom Sebastião Leme, e inspirada no modelo italiano de organização, foi oficializada apenas em 1935. A Ação Católica Brasileira seguiu o pedido do papa Pio XI, na encíclica *Non abbiamo bisogno*, de 1931, e foi uma iniciativa que tinha como objetivo: congregar os leigos católicos nos projetos de atuação da Igreja Católica na sociedade civil.

¹⁴⁸ *CARTA PASTORAL de Dom Sebastião Leme, arcebispo metropolitano de Olinda, saudando os seus diocesanos*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1916.

¹⁴⁹ Segundo Leonardo G. Rodrigues, foi a partir da Carta Pastoral que se observou a formação de um grupo de

livro *O Pensamento Católico no Brasil*¹⁵⁰, de Antonio Carlos Villaça, é fundamental, pois nos oferece um panorama das ideias dos principais agentes deste processo de “reação”, que marcaria, nesse instante, uma tentativa de restauração da espiritualidade em todos os âmbitos da sociedade. Segundo o autor, neste momento, três personagens tiveram destaque: Jackson de Figueiredo, Dom Sebastião Leme e Alceu Amoroso Lima¹⁵¹.

Segundo Villaça, Dom Leme foi um católico que, erguendo-se “corajosamente, sinceramente, contra o catolicismo acomodado”, desejava “a perfeita concordância entre ciência e religião”¹⁵², daí sua cobrança diante dos intelectuais católicos. Jackson de Figueiredo, fundador do Centro dom Vital e da revista *A Ordem*, entre os anos de 1921 e 1922, é visto por Villaça como um intelectual de linha reacionária, leitor de Donoso Cortéz e de Joseph de Maistre, e que “via na Igreja antes de tudo a autoridade”¹⁵³. Já quanto a Alceu Amoroso Lima, o autor vê, em sua obra, “temas sociais constantes – cristianismo e democracia, apostolado leigo, economia e humanismo, inteligência e ação”¹⁵⁴. Os três tiveram papéis importantes nesse período de mudança no modo de pensar o catolicismo, embora Jackson e Alceu tenham se destacado quando se trata de militância. Segundo Leonardo Dávila:

Em 1921, com a fundação da revista *A Ordem* no Rio de Janeiro pela iniciativa de Jackson de Figueiredo, abriu-se um espaço institucional marcado por letras que reivindicariam a necessidade de recatolicizar o Brasil mediante uma reação espiritualista que, no entanto, estaria a par com os preceitos e a tutela da hierarquia eclesiástica católica. Com a consolidação do Centro Dom Vital no ano seguinte, reúne-se uma intelectualidade muito peculiar que toma para si a atribuição de exercer uma militância anti-individualista, antiliberal, antipositivista e anticomunista, tendo inicialmente, como base teórica, autores antirrevolucionários como Joseph De Maistre. Ao mesmo tempo, notam-se nos escritos desse grupo a marca de tendências espiritualistas e vitalistas de alguns autores como Henri Bergson ou Raimundo Farias Brito, cujas teorias se difundiam à época. Esse duplo intuito de reatividade e especulação metafísica, por assim dizer, vai muito além de uma simples defesa da religião, visto que a ação organizada da parte de leigos, mais do que cumprir um trabalho pastoral ou teológico, deveria se dedicar a debater toda sorte de questão social, teórica ou política na intenção de fornecer um ponto de vista católico para esses e outros âmbitos de discussão.¹⁵⁵

intelectuais católicos empenhados nesta tarefa. Tratava-se de uma ideia de Igreja “combativa e muito atuante” que buscava fiéis atuantes e persuasivos, dispostos a trabalhar em nome da doutrina católica (RODRIGUES, p. 30 In: ANDRADE; LIMA, 2014)

¹⁵⁰ VILLAÇA, Antonio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

¹⁵¹ Como sabemos, em *A Ordem*, o reconhecido crítico literário assinava seus textos com o pseudônimo Tristão de Athayde.

¹⁵² VILLAÇA, Antonio Carlos. op. cit.; p. 137.

¹⁵³ Ibidem, p. 161-162.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 185.

¹⁵⁵ DÁVILA, Leonardo. *Ordenar o espiritual: letras e periodismo católico no Brasil (1928-1945)*. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

Fernando Antonio Pinheiro Filho, por sua vez, observando esse grupo de fiéis atuantes na esfera intelectual, dividiu-os em duas frações, sendo uma delas a “galvanizada por Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima em torno do Centro Dom Vital e da Revista *A Ordem*”¹⁵⁶, de intelectuais de ação mais política, cuja ideia central é ter na religião a base de uma sociedade organizada sob a divisa da ordem. Segundo Pinheiro Filho, Jackson de Figueiredo, influenciado pelas leituras de Pascal e por seu contato com a Pastoral de Dom Sebastião Leme, torna-se adepto de uma filosofia espiritualista, combatendo o racionalismo materialista que ganhava terreno nessa passagem de século. Inspirado nos postulados de Pascal sobre a hierarquia verticalizada representada pelo par Deus (ser suficiente) / homem (ser dependente)¹⁵⁷ – o fundador do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem* ficou marcado, segundo Francisco Iglésias, por sua postura conservadora e reacionária¹⁵⁸, a qual se deve, principalmente, à forte influência do pensamento conservador europeu, “em trajetória ascensional, [...] depois da primeira grande guerra e da revolução russa”¹⁵⁹

Jackson de Figueiredo insurge-se contra as correntes políticas de seu tempo. Homem de sensibilidade para o ambiente, pronto a entender, a colaborar, a denunciar e a reagir, é natural que viva plenamente os problemas do Brasil, sobretudo em seus últimos anos, que são os da movimentada década de 20. As posições que assume, em defesa da ordem, fazem dele batalhador semelhante aos que se encontram nos países europeus: pela ordem e pela tradição, contra o que consideram a calamidade revolucionária, que pressentem em tudo, no liberalismo ou no socialismo, com as diversas colorações que tais correntes apresentam.¹⁶⁰

¹⁵⁶ PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. “A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil”. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 19, n. 1, p. 33.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 37-38.

¹⁵⁸ Na definição de Francisco Iglésias, há proximidade entre os conceitos de reacionário e de tradicionalista. Segundo ele, “o tradicionalista ou restaurador ignora ou quer negar que há um processo que leva à permanente mudança: vê a realidade de maneira idílica, perfeita e bela que não deve ser alterada. Negando-se a aceitar ou não reconhecendo o movimento, pensa em termos de uma filosofia que supõe eterna, livre do tempo ou do ambiente. Como a realidade que lhe é dado viver não é a que idealizou, condena-a como erro, desvio da verdade, loucura dos homens. E passa a combatê-la, a fim de restaurar o que lhe parece certo. Para ele, é absurdo a pretensão de igualdade, uma vez que os homens são naturalmente desiguais; existe então uma hierarquia, com diferentes atribuições a cada um, em sociedade em que há os que mandam e os que obedecem. Os movimentos pela liberdade parecem-lhe não só perigosos como falsos frutos de ótica viciada, vistos antes como libertários, libertinos ou liberticidas. A ideologia da ordem é conservadora, quer perpetuar um estado de coisas que lhe parece encerrar toda a verdade; como um mundo em que vive já não apresenta essa situação, é reacionária, luta contra ele, quer voltar ao passado. Há paradoxo no caso: no culto da tradição, dos elementos que informaram o processo de uma cultura, de um povo ou de uma nação, a ideologia volta-se para a história, à qual atribui valor por vezes absoluto: não reconhecendo a mudança, entretanto, nessa visão estática, é anti-histórica. O tradicionalismo é romântico e falso; na suposição de uma verdade eterna, imutável, é anti-histórico, pois desconhece o fluxo, que é a própria essência da história. Para o tradicionalista ou reacionário, houve épocas em que o mundo esteve mais ajustado. E é para essas que ele se volta. O período que é geralmente visto como ideal é a Idade Média, em que os valores de apego à terra, hierarquia, respeito às autoridades, cavalheirismo, nobreza, heroísmo, tudo aparecia como não se encontra em período posterior”. (IGLÉSIAS, Francisco. *História e ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 112).

¹⁵⁹ Ibidem, p. 110.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 111.

Contrário à anarquia, que enxergava como característica da modernidade, Jackson Figueiredo pregava a manutenção de uma organização social estática e hierarquicamente estabelecida, valorizando o passado católico brasileiro. Propunha a formação de uma elite intelectual católica que, buscando estabelecer a ordem, estaria apta a aplicar as diretrizes da Igreja em todos os setores da sociedade. Nesse sentido, foram fundamentais para a divulgação de suas ideias o Centro Dom Vital e sua publicação, a revista *A Ordem*, que, segundo Carolina Vianna Dantas,

[...] tinha como objetivo divulgar as concepções doutrinárias, políticas e filosóficas católicas e combater a indiferença e a oposição à Igreja. Também buscava aumentar a influência dessa instituição na sociedade, angariando o apoio de intelectuais para um projeto conservador de salvação nacional, baseado na defesa da moral e da ordem.¹⁶¹

Defender a moral e a ordem¹⁶² significava, para Jackson Figueiredo, ser contrário a qualquer movimento revolucionário que atentasse contra a organização (e hierarquia) social vigente, mantendo, dessa forma, “a diferença (e a desigualdade) natural entre os homens [...]”¹⁶³. Seu substituto na liderança do movimento católico e na direção do Centro Dom Vital e d'*A Ordem* foi Alceu Amoroso Lima, que mesmo não apresentando o mesmo radicalismo de seu antecessor, manteve o projeto de restauração da ordem e de expansão da participação da Igreja na sociedade. Quanto à relação entre estes dois líderes do movimento católico e à troca de comando ocorrida após a morte de Jackson Figueiredo, Gomez de Souza afirma que:

Jackson, bom observador, pusera atenção no jovem Alceu Amoroso Lima, cético e dileitante. Por anos se corresponderam quase diariamente; vivendo na mesma cidade, pouco se encontravam, era pelas cartas que crescia um diálogo, ou melhor, um embate tumultuado em que o crítico defendia sua ‘disponibilidade’ e o militante o chamava para as suas fileiras combatentes. E enfim, em agosto de 1928, Alceu, em texto ardente, dava seu Adeus à disponibilidade e se declarava católico. Poucos meses depois, Jackson morreria afogado e D. Leme, na volta do enterro, passava a Alceu o legado jacksoniano.¹⁶⁴

Para o autor, tratava-se da substituição de Jackson Figueiredo por um “jovem crítico, acostumado ao não-compromisso e à observação sem preconceitos” que teria de ser o “continuador de alguém tão diferente dele nas reações e na sensibilidade”¹⁶⁵. Já João Luiz Lafetá

¹⁶¹ DANTAS, C. Vianna. *A Ordem*. Verbete. Disponível em: < <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/pri-meira-republica/ORDEM,%20A.pdf> >. Acessado em 14 ago. 2015.

¹⁶² Na visão de Villaça, os temas caros a Jackson Figueiredo foram “o catolicismo, a ordem, a autoridade, a contrarrevolução, o nacionalismo, a restauração moral” (VILLAÇA, Antonio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 163).

¹⁶³ PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. op. cit., p. 38.

¹⁶⁴ SOUZA, Luiz Alberto Gomez de. op. cit., p. 189.

¹⁶⁵ Idem.

preferiu observar Alceu segundo sua mudança de postura enquanto crítico literário. Analisando o que produziu para jornais após sua conversão (no intervalo de 1929 a 1941), percebe uma significativa alteração. Para Lafetá, o autor, que teve grande reconhecimento a partir de 1919 por sua lucidez, inteligência e imparcialidade – ao converter-se ao catolicismo – que “guarda traços de sectarismo e intransigência” – perderia estas qualidades¹⁶⁶. Identificada tal mudança, Lafetá passa a descrever quais os traços da ideologia de Alceu mais se destacavam em seus textos publicados ao longo da década de 30:

[...] o primeiro desses traços, que surge em todos os artigos e na base de toda a sua produção ante aos vários problemas que enfrenta, é a crítica constante ao materialismo, que enquadra na denominação genérica de “naturalismo”. [...] Frente ao marxismo, à psicanálise, ao pensamento histórico ou sociológico evolucionista, à psicologia experimental ou à economia e à política de bases materialistas, sua atitude é sempre de reação e crítica, contrapondo-os àquilo que considera a visão globalizante do mundo e do homem, à filosofia que, no seu modo de entender, não perde de vista nem a matéria nem a substância e confere-lhes o seu exato lugar na hierarquia necessária das coisas. Defendendo o caráter científico da metafísica e da teologia, faz dessa posição o ponto central de seus debates contra todos os “naturalistas”.¹⁶⁷

Seguindo essa filosofia “antinaturalista”, Alceu Amoroso Lima deixaria suas preocupações essencialmente literárias para dedicar-se a questões de cunho político-ideológico, podendo ser destacado seu envolvimento no debate acerca da identidade nacional. Segundo Lafetá, Alceu encontra-se dentro da tradição literária brasileira ao se preocupar com o nacional, mostrando-se também “perfeitamente imbuído do espírito modernista de ‘redescoberta do país’”¹⁶⁸. Entretanto, diferente daqueles que Lafetá chamaria de “tropa de choque do movimento”, Alceu afirmaria que, para trilhar novos rumos, o Brasil teria que necessariamente resgatar suas raízes católicas¹⁶⁹. Além disso, Alceu Amoroso Lima via na religião católica um elemento unificador, sendo responsável pela manutenção de uma unidade nacional ao longo da história do Brasil:

¹⁶⁶ LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000, p. 77-78.

¹⁶⁷ LAFETÁ, João Luiz. op. cit., p. 82-83.

¹⁶⁸ LAFETÁ, João Luiz. op. cit., p. 92.

¹⁶⁹ Segundo verbete que formulou para a Enciclopédia Delta-Larousse, o catolicismo brasileiro teve três momentos: o primeiro foi a “catequese e a formação da consciência católica”, encerrado com a Independência; o segundo ficou marcado pela “decadência do espírito cristão” e pela “subordinação da Igreja ao Estado”; e o momento de “revitalização do ideário cristão entre as elites e luta pela expansão da ortodoxia da Igreja, desligada do Estado, entre as diversas classes sociais”, observado nas primeiras décadas do século XX.

A obra dos jesuítas teria sido, no seu entender, essencialmente uma obra de “coesão nacional”, pois a religião é um laço que une as classes sociais e raças diversas, conferindo-lhes um mínimo de homogeneidade e igualdade. A mestiçagem intensa que se processou no Brasil só foi possível, sem se degenerar “numa perda absoluta da personalidade”, graças justamente à existência “desse laço de fé que estabeleceu sempre um nível comum sobrenatural, para compensar o desnivelamento incessante das condições e operações culturais.”¹⁷⁰

Alceu criticou o que via como “caráter agnóstico e laico da constituição republicana”¹⁷¹, colocando-se contrário, por exemplo, ao monopólio do Estado sobre a educação e lutando pela constitucionalização do ensino religioso. Neste aspecto, o trabalho de Jackson de Figueiredo foi limitado por sua morte prematura. Entretanto, sua atuação na formação de uma elite intelectual católica atuante foi suficiente para perpetuar suas ideias. Declarando-se abertamente em favor da “ordem”, dizia que qualquer decisão política deveria se dar “de cima para baixo”, ou seja, pelo governo e pela elite católica, excluindo-se qualquer participação popular. Quanto a isso, Hamilton Nogueira – em artigo publicado em *A Ordem*, afirma que, “com o seu exemplo admirável procurou elevar, enobrecer o Brasil, lutando pela reivindicação dos direitos da inteligência sobre os instintos, do superior sobre o inferior, das elites sobre as multidões”¹⁷²

¹⁷⁰ LAFETÁ, João Luiz. op. cit., p. 97.

¹⁷¹ Ibidem, p. 99.

¹⁷² NOGUEIRA, Hamilton. “O pensador político”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, ano VIII, vol. 1, jan. 1929, p. 247.

2.2. A Igreja e a política: a aproximação com o Integralismo

As observações acerca da filosofia e da postura destes dois líderes católicos indicam um ponto de vista central do qual compartilhavam: o reconhecimento do catolicismo enquanto base estrutural para a construção de um Brasil moderno. Este aspecto, além da vocação autoritária e da recusa a qualquer movimento que viesse a desordenar a sociedade brasileira, tornaria possível uma aproximação entre esta nova intelectualidade e partidos políticos de extrema direita como foi a Ação Integralista Brasileira. Entretanto, o modo e os campos de atuação dos católicos na política foram pautas que geraram certa divergência entre alguns intelectuais.

Em 1931, alguns artigos publicados em *A Ordem* já traziam o questionamento sobre qual seria o lugar da Igreja diante da política. Em “A Igreja e a Política”¹⁷³, Henrique Sobral Pinto inicia seu texto com as seguintes indagações:

É a política um domínio defeso à atividade da Igreja? No desempenho da superior missão, que lhe foi cometida pelo seu Divino fundador, não existirá momento em que os supremos interesses da Religião se vejam, necessária e inelutavelmente, mesclados e envolvidos pelos interesses temporais contingentes? Ou será possível sempre e constantemente, isolar, sem possibilidade de confusão com as atividades profanas, o apostolado sagrado das autoridades religiosas?¹⁷⁴

O autor apresenta alguns significados do termo “política” e, recuperando um passado recente da história brasileira, destaca a pouca participação da Igreja nas principais tomadas de decisão realizadas nesse âmbito. Ao retomar o que dissera o papa Leão XIII, Sobral Pinto reafirma que a atividade do católico deve permanecer distante da política, se entendemos política como “sinônimo de programa de partidos, cuja ação se limita à direção dos povos nos seus interesses unicamente temporais”¹⁷⁵. Segundo a encíclica *Rerum Novarum*, não é problema o cristão ter a sua preferência por uma forma de governo, desde que alguns princípios fundamentais à vida humana sejam colocados acima de qualquer divergência partidária. Baseado nisso, Sobral Pinto declara que Deus, a alma e a vida sobrenatural são os fundamentos que devem ser observados por qualquer organização humana que tenha como objetivo estabelecer a ordem necessária para que se realize a paz e a felicidade humana. Dessa forma,

¹⁷³ SOBRAL PINTO, Henrique. “A Igreja e a Política”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, ano XI, vol. 5, jan. 1931, p. 74-81.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 74.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 75.

Têm eles [os católicos], sem distinção de nacionalidade, de cultura, de posição social, de influência mais ou menos extensa, têm a obrigação, por força de sua consciência religiosa, de intervir nos acontecimentos sociais de sua época [...], difundindo e espalhando, por entre os seus concidadãos, e sob a orientação de seus pastores, os ensinamentos que a Igreja, sem cessar liberaliza à inteligência humana.¹⁷⁶

Já para Alceu Amoroso Lima, o católico enquanto membro do Estado, deve prestar seus serviços em benefício da vida civil. Segundo ele, o “serviço” de eleitor que exerce o católico seria de fundamental importância para que, “em meio a desorientação ambiente”, mantenha-se o mínimo do espírito cristão na vida pública. Esta é, segundo o crítico, a postura que o momento político exige dos católicos:

Nem nos desinteressarmos dele [momento político], nem nos arregimentarmos em *partido*. Nem ficarmos indiferentes e “au dessus de la mêlée” na atitude apática ou displicente dos céticos ou dos sibaritas, – nem mergulhamos imprudentemente nas ondas revoltas de um caos político que até hoje, desde a Revolução de 1930, só tem feito tragar aqueles que imprudentemente tem tentado atravessar o pélagos, a nado... E o dever eleitoral é o mínimo exigido para manter o equilíbrio necessário, nem fugindo à liça, nem nos embaraçando nela.¹⁷⁷

Fica claro que, no meio intelectual católico, há um desejo de participação política, desde que ocorresse segundo o postulado oficial da Igreja a qual, por meio da encíclica *Rerum Novarum* do papa Leão XIII, desaprovava qualquer relação partidária de seus fiéis. Diante de tal circunstância e dada a preocupação em relação ao católico enquanto eleitor, fez-se necessária a criação de um órgão capaz de orientá-lo. Diante da confusão política do momento, mencionada por Alceu Amoroso Lima, seria imprescindível que o católico direcionasse seus votos para candidatos que estivessem de acordo com a doutrina da Igreja. Surgia, assim, em 1932, a Liga Eleitoral Católica que, segundo Sérgio Miceli, foi um braço da organização católica responsável por

[...] divulgar as diretrizes e as tomadas de posição da Igreja entre os fiéis e canalizar os votos dos eleitores católicos em favor dos candidatos dos diferentes partidos que estivessem prontos a sustentar as posições católicas em questões delicadas e controversas, como indissolubilidade do casamento, o ensino religioso nas escolas públicas, a assistência eclesiástica às forças armadas, etc.¹⁷⁸

Em relatório das atividades desenvolvidas pelo Centro Dom Vital entre os anos de 1931 e 1932, publicado na revista *A Ordem* de dezembro de 1932, anunciava-se a instalação oficial

¹⁷⁶ SOBRAL PINTO, Henrique. “A Igreja e a Política”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, ano XI, vol. 5, jan. 1931, p. 79.

¹⁷⁷ LIMA, Alceu Amoroso. *Pela Ação Católica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Anchieta, 1935, p. 113-114.

¹⁷⁸ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 130.

da L.E.C. em 8 de setembro de 1932, “no afã de alistar o maior e o melhor número de católicos para as futuras eleições, a fim de apoiar os candidatos à deputação que aceitem o seu programa de defesa da doutrina social da Igreja”¹⁷⁹. A L.E.C. passaria a ser constantemente abordada nas páginas da revista, levantando questionamentos específicos sobre a sua vinculação definitiva a algum partido e sobre a possibilidade de criação de um partido próprio. O artigo “1932-1933”, ao fazer um balanço sobre as realizações do Centro Dom Vital após a morte de Jackson de Figueiredo, coloca o trabalho da L.E.C. em destaque. O artigo registra que:

A Liga tem despertado os mais desconcertados comentários, desde os chefes de partidos que nos queriam ver patrocinando integralmente a sua causa, porque incluíram em seus programas as nossas reivindicações mínimas ou assumiram compromisso de votar as mesmas na Assembleia, – e até de católicos que nos queriam formando um partido nosso. Esquecem-se os primeiros que essas reivindicações não são da LEC e sim do próprio povo brasileiro em sua esmagadora maioria, e nós exigimos apenas que se torne explícito o que está na consciência de todos. O bom-senso, a tradição e a feição nacional que, em boa hora, se pretende dar à nova Constituição, é que justificam a aceitação desses pontos mínimos e não o interesse eleitoral em jogo. Por outro lado, não pode a Liga fugir à sua natureza, previamente conhecida e expressa em seus estatutos, que a isentam naturalmente de toda aliança meramente política. [...] Quanto à formação de um partido católico, tudo indica que é prematuro em nosso meio.¹⁸⁰

Quanto à vontade de alguns católicos em fundar um partido, o próprio Jackson de Figueiredo, segundo, Gomez de Souza, teria sido favorável, anos antes da Revolução de 1930, mas acabou sofrendo forte oposição de Dom Sebastião Leme, que optou pela criação da Liga Eleitoral Católica¹⁸¹. Em fevereiro de 1934, Paulo Sá, sobre a postura dos católicos diante dos eventos políticos – afirma que a esses caberia “estar diante do governo, na atitude serena e livre dos que nem aderem nem se opõem por sistema, porque, afinal de contas, o reino a que pertencem não é deste mundo”¹⁸². Anteriormente, em artigo publicado no ano de 1932 e reunido em 1935, no livro *Pela Ação Católica*, Alceu Amoroso Lima declarava que a ação católica, segundo definiu o papa Pio XI, deveria se dar fora e acima dos partidos. O autor voltaria a criticar essa tentativa de partidarização da ação católica em artigo de 1934, onde se encontra a seguinte declaração:

¹⁷⁹ S/A. “Mais um ano de trabalho” relatório de atividades do Centro Dom Vital 1931-1932, *A Ordem*. Rio de Janeiro, nov. 1932, p. 334.

¹⁸⁰ S/A. “1932-1933”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, out. 1933, p. 806.

¹⁸¹ SOUZA, Luiz Alberto Gomez de. op. cit., p. 190.

¹⁸² SÁ, Paulo. “Os católicos e o problema político”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, fev. 1934, p. 95-96.

De um lado... há os que continuam a condenar toda e qualquer intervenção dos católicos na política..., são pessimistas impenitentes. [...] De outro, os indiferentes que continuam placidamente a sua vidinha de católicos dominicais, e são incapazes de dar um passo para participar de um serviço social, ou perder um dia para tirar se quer seu título de eleitor [...] Temos, finalmente, os que se entusiasma demais pela L.E.C., só veem na Ação Católica a atuação da L.E.C., subordinam tudo mais à nossa intervenção política, e querem fazer da L.E.C. praticamente um partido.¹⁸³

As divergentes opiniões sobre a participação política dos católicos fizeram do Partido Integralista um possível destino para os desejosos de uma atuação mais direta na sociedade. A Ação Integralista Brasileira, chefiada por Plínio Salgado, surgiu em 7 de outubro de 1932, anos após a morte de Jackson de Figueiredo, mas é possível perceber certa compatibilidade entre as ideias do líder católico e os pressupostos de Plínio Salgado. Ambos eram contrários ao materialismo e ao liberalismo, e favoráveis a estruturas políticas baseadas na “ordem”, controladas por uma elite, pois “a massa”, sozinha, não estaria apta para se autogovernar. Há ainda o caráter “espiritual” ao qual se apegavam, sendo a religião o aspecto principal da ideologia da ordem. Jackson de Figueiredo, segundo Hamilton Nogueira, mesmo não vivendo para acompanhar a fundação do partido brasileiro, chegou a manifestar interesse pelo integralismo lusitano:

De um modo afirmativo, não há nos escritos de Jackson de Figueiredo, pelo menos no que foi publicado, menção alguma sobre a forma de governo que ele considerava mais perfeita em relação ao ponto de vista brasileiro. É verdade que sua política antidemocrática deixa transparecer, naturalmente, sua tendência para os governos fortes e autoritários. Ele era um monarquista convicto, se bem que, em público, nunca o tivesse afirmado claramente. Mas a sua monarquia, a monarquia que ele julgava capaz de salvar o nosso país, em nada se parecia com as monarquias modernas e muito menos com a monarquia liberal e voltaireana do nosso Dom Pedro II. A sua monarquia era a monarquia absoluta, inteiramente informada pelo espírito católico. E era nesse ponto de vista que Jackson de Figueiredo se aproximava do integralismo lusitano de Antonio Sardinha. Sim, para Jackson de Figueiredo como para Antonio Sardinha a ordem sobrenatural era o fundamento de toda a sua doutrinação política.¹⁸⁴

Já o sentimento de Alceu Amoroso Lima, frente ao partido de Plínio Salgado, foi sempre de uma simpatia declarada, embora não demonstrasse entusiasmo ou disposição para aderir oficialmente a ele¹⁸⁵. Mesmo nunca tendo se filiado, o então diretor do Centro Dom Vital chegou a recomendar o movimento integralista aos jovens católicos que se interessassem na adesão partidária. Em 1935, Alceu Amoroso Lima publica uma série de três artigos nos quais analisa a relação entre católicos e o partido. No segundo texto da série, o diretor do Centro Dom Vital declarava ser compreensiva a participação de católicos no movimento integralista, desde que

¹⁸³ LIMA, Alceu Amoroso. “Os católicos e a política”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, set. 1934, p. 159.

¹⁸⁴ NOGUEIRA, Hamilton. “O pensador político”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, ano VIII, vol. 1, jan. 1929, p. 247.

¹⁸⁵ Ver LAFETÁ, João Luiz. op. cit., p. 110.

se respeitasse algumas condições, quais sejam: “que conservem intangível a preeminência de sua consciência católica sobre a sua consciência política; que tenham realmente vocação política e não apenas inclinação social, cívica ou partidária; que não tenham responsabilidades de direção na Ação Católica”¹⁸⁶.

Lima via a Ação Integralista Brasileira como “um movimento de renovação, na política brasileira, no espírito do século XX”¹⁸⁷, e reconhecia que o ingresso de alguns católicos se justificava por ser o partido integralista “o que mais se aproxima da doutrina social católica e se empenha na defesa expressa das instituições que a Igreja invariavelmente defende como nucleares de toda sociedade sadia”¹⁸⁸. A luta contra o liberalismo, contra a ideologia comunista, e em favor dos valores cristãos fez com que alguns católicos – movidos por um imediatismo da ação e diante de certa “passividade” de órgãos ligados à Igreja, como a L.E.C. – buscassem no integralismo a sua proteção.

[...] esse ambiente de entusiasmo, de dedicação e heroicidade militante, que será a marca indelével do movimento integralista nessa hora de abdicação que estamos vivendo e pelo qual lhe devem gratidão perene todos os corações bem formados – esse ambiente se apodera do católico que ingressa no Integralismo. E vai exercendo sobre ele uma ação secreta, que pode levar às mais radicais transformações em sua vida interior. Dominado por esse espírito de purificação moral, temperado pela oratória inflamada das sessões, absorvido pelas tarefas de catequese política a que se entrega, e alimentado diariamente pela necessidade de uma ação imediata, violenta e exterior, com risco de vida e a conquista do poder como ideal, não remoto mas a curto prazo, pois a revolução verde, e não a reforma branca ou cinzenta, é que se espera do movimento – nesse ambiente se processa, insensivelmente, um retraimento da consciência católica ao contato da consciência política. [...] A Ação Católica é sub-repticiamente desprestigiada, como sendo uma ação inoperante e efeminada [...] O respeito da Igreja pelos partidos políticos, dentro de sua posição extrapartidária, passa a ser um oportunismo democrático intolerável. A Liga Eleitoral Católica é franca ou disfarçadamente combatida, como anacrônica e a participação de católicos em partidos liberais, considerada uma traição ao verdadeiro catolicismo, que é antiliberal por natureza. A reserva dos católicos ante o emprego dos métodos violentos de ação política é posta à conta de covardia e comodismo burguês. E a nossa preocupação de estabelecer os pontos de contato e os limites entre o catolicismo e o Integralismo, simples “literatura” diante do inimigo eminente.¹⁸⁹

A preocupação de Alceu Amoroso Lima reside, principalmente, na submissão da consciência católica do ingressante no integralismo à consciência política. Destaca ainda o perigo de se caracterizar o movimento integralista como o salvador da Igreja frente às ameaças liberal e comunista. Segundo o crítico, “esse é o ponto central, por parte dos integralistas, das críticas à atitude política dos católicos, e mesmo da Igreja, que não se faz imediatamente fascista ou

¹⁸⁶ LIMA, Alceu Amoroso. “Catolicismo e comunismo II”, *A Ordem*. Rio de Janeiro, jan. 1935, p. 5.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ LIMA, Alceu Amoroso. “A igreja e o momento político”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, jul. 1935, p. 9.

integralista”. Apesar de certo receio diante do aspecto totalitário do integralismo, Alceu Amoroso Lima opta por uma atitude de cooperação em face do movimento integralista e finaliza seu terceiro artigo afirmando estar certo de que “para o bem da civilização cristã em terras do Brasil, só podem resultar benefícios do entendimento sincero e leal entre integralismo e catolicismo”¹⁹⁰.

2.3. A oposição do poeta frente à partidarização da Igreja

De outra forma pensaria Murilo Mendes. Nos textos em que trata do tema, na série publicada no jornal *Dom Casmurro*, o poeta critica, de forma aguda, a tentativa de vinculação da Igreja Católica à política integralista e a postura reducionista de alguns católicos ao afastarem-se de princípios básicos do catolicismo. Os artigos “O catolicismo e os integralistas”¹⁹¹, “Integralismo, mística desviada”¹⁹² e “Resposta aos Integralistas”¹⁹³, retomam o debate acerca da atuação política da Igreja – e, conseqüentemente, de alguns católicos. Murilo, já quase no final da década de 30 e às portas do golpe que instauraria a ditadura varguista, toma como base os princípios definidos pela Ação Católica para criticar o modo de atuação do integralismo que, mesmo não se opondo à doutrina cristã, faz da fé católica instrumento para alcançar seus objetivos. Entre os pontos mais destacados por Murilo encontra-se a confusão que o integralismo promove entre o que é do plano temporal e o que pertence ao plano espiritual. No artigo “O catolicismo e os integralistas”, o poeta afirma que:

Está se desenvolvendo em nossos meios católicos uma mentalidade errada em relação ao problema catolicismo – integralismo. Que o integralismo como doutrina não se oponha, em seus princípios fundamentais, à doutrina católica, estou de acordo; mas que os católicos sejam obrigados a entrar para o integralismo a fim de “salvarem” a Igreja, a religião católica e o Brasil, aí é que começa a briga. Torna-se necessário fazer alguns esclarecimentos, porque a confusão aumenta dia a dia, passando da esfera privada para a esfera pública: efetivamente, revistas e jornais católicos estampam artigos e opiniões firmados por nomes autorizados, não só do laicato como do clero, onde se chega a pregar a obrigação, que tem os católicos de entrar para o Partido Integralista. Se o clero brasileiro – ou por outra, uma parte do mesmo, pois felizmente não são todos os padres que se metem em política – continuar com tal atitude, vamos ter de novo a questão religiosa no nosso país. Ou o clero absorve o integralismo, ou o integralismo absorve o clero. Aumentará consideravelmente a onda anticlerical, permitindo a confusão entre o temporal e o espiritual de forma a autorizar a versão comumente explorada pelos nossos adversários a de que a Igreja é um partido político.¹⁹⁴

¹⁹⁰ LIMA, Alceu Amoroso. “Catolicismo e Integralismo – III”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, fev. 1935, p. 86.

¹⁹¹ MENDES, Murilo. “O catolicismo e os integralistas”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 13, 5 ago. 1937, p. 2.

¹⁹² MENDES, Murilo. “Integralismo, mística desviada”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 14, 12 ago. 1937, p. 2.

¹⁹³ MENDES, Murilo. “Resposta aos integralistas”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 15, 19 ago. 1937, p. 2.

¹⁹⁴ MENDES, Murilo. op. cit., “O catolicismo e os...”, p. 2.

A forma como o partido integralista fora tratado por Alceu Amoroso Lima, no artigo “Catolicismo e comunismo II” de 1935, como uma via possível para o católico que buscasse uma atuação mais dinâmica e incisiva na política, na visão de Murilo Mendes, parece ter se transformado quase que em única saída para a Igreja. Ao afirmar que membros autorizados do laicato e do clero pregavam a obrigatoriedade de adesão do católico ao partido integralista, o poeta identifica uma inversão na hierarquia dos valores. Segundo Murilo, ignorando a separação dos planos temporal e espiritual, já indicada pelo papa Leão XIII¹⁹⁵, os chefes do integralismo caminhavam no sentido de elevarem sua ação política ao plano divino, enquanto rebaixavam a Igreja a um mero partido.

Para José Chasin, a confusão entre o temporal (cultural) e o espiritual fazia parte da estratégia desenvolvida pelo integralismo para a realização de sua revolução. Esta, segundo o autor, processar-se-ia em dois planos simultaneamente: plano espiritual mediato e o plano cultural imediato. O primeiro relacionado à revolução subjetiva e o segundo à revolução objetiva, entretanto,

[...] se buscarmos distinguir os meios propostos para cada uma das revoluções apontadas, [...] observaremos que ambas convergem para o “aperfeiçoamento individual”, de modo que, em última análise, o que distingue a revolução subjetiva da objetiva, neste aspecto, é que a primeira é mais profunda, atingindo a matéria-prima do tecido social – a espiritualidade humana, enquanto que a segunda alcança constituir-se em instrumento da primeira, consubstanciando, assim, uma etapa auxiliar e preliminar. Ambos, em termos práticos, se confundem, figurando, pois, como momentos distintos de um mesmo processo.¹⁹⁶

¹⁹⁵Segundo a Encíclica *Immortali Dei*: “Nos Estados em que a legislação civil deixa à Igreja a sua autonomia, e onde uma concordata pública interveio entre os dois poderes, a princípio grita-se que é preciso separar os negócios da Igreja dos negócios do Estado, e isso no intuito de poder agir impunemente contra a fé jurada e fazer-se árbitro de tudo afastando todos os obstáculos. Mas, como a Igreja não pode sofrê-lo pacientemente, pois seria para ela desertar os maiores e os mais sagrados dos deveres, e como reclama absolutamente o cumprimento religioso da fé que lhe foi jurada, muitas vezes nascem entre o poder espiritual e o poder civil conflitos, cujo desfecho quase inevitável é sujeitar aquele que é menos provido de meios humanos ao que é mais provido. Assim, nessa situação política que muitos favorecem hoje em dia, há uma tendência das ideias e das vontades para expulsar inteiramente a Igreja da sociedade, ou para mantê-la sujeita e acorrentada ao Estado. A maior parte das medidas tomadas pelos governos inspiram-se nesse desígnio. As leis, a administração pública, a educação sem religião, a espoliação e a destruição das Ordens religiosas, a supressão do poder temporal dos Pontífices romanos, tudo tende a este fim: ferir no coração as instituições cristãs, reduzir a nada a liberdade da Igreja Católica, e ao nada os seus demais direitos”. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01111885_immortale-dei.html> Acessado em 06 out. 2015.

¹⁹⁶ CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. 2. ed. Belo Horizonte; São Paulo: UNA: AD Hominem, 1999, p. 508-509.

Tal confusão entre os planos surge, no segundo artigo de Murilo, “Integralismo, mística desviada”¹⁹⁷, personificada na figura do chefe integralista. Analisando alguns discursos de Plínio Salgado, Murilo vai procurando “desmistificar” a ideia integralista de transformar o Estado em algo divino. Para o poeta, “o integralismo repousa em grande parte na mística do chefe temporal. Dá-se mesmo uma transferência da mística religiosa para o plano político”. Retomando o que foi dito por Alceu Amoroso Lima no artigo “Catolicismo e comunismo II”, o poeta afirma haver um perigo para os jovens católicos, nesse momento. Os discursos inflamados e as propostas mais rígidas diante da ameaça comunista poderiam levar os jovens católicos a transferirem “a mística de Jesus Cristo para a pessoa do chefe nacional”¹⁹⁸, no caso, Plínio Salgado¹⁹⁹.

Além de sua crítica quanto à tentativa de aplicação da mística católica ao plano político do integralismo, Murilo mostra a diferença entre a missão do integralismo, destacada pelo chefe, e aquela que cabe ao católico, desenvolvida pela Ação católica. Citando o que havia dito Plínio Salgado, em discurso do dia 4 de agosto, o poeta destaca a seguinte frase: “combater o comunismo, eis tudo”²⁰⁰. Parte daí sua crítica quanto ao propósito limitado que o integralismo pode oferecer ao católico: “Ora, esse tudo é muito pouco para o católico, que tem tarefas positivas para cumprir”. Murilo Mendes retoma os princípios básicos da Ação Católica, difundidos desde o começo dos anos 30, e já apresenta alguns motivos que devem levar o católico a repensar sua aproximação do Partido Integralista, um deles sendo o seu caráter militar e violento.

Por sua postura frente ao integralismo, Murilo receberá críticas de outro intelectual católico, Tasso da Silveira²⁰¹, assim como dos jornais vinculados à Ação Integralista Brasileira, *O Povo e Ação*²⁰². Em “Resposta aos integralistas”, o autor rebate tais críticas e tenta desmistificar

¹⁹⁷ MENDES, Murilo, op. cit., “Integralismo, mística...”, p. 2.

¹⁹⁸ Idem.

¹⁹⁹ Acerca da figura do chefe na A.I.B, Hégio Trindade diz que: “A organização integralista, inspirando-se nos modelos fascistas, é dirigida por um Chefe Nacional. Os estatutos lhe atribuem a direção total e indivisível do movimento, tornando seu poder *centralizado, total e permanente*. [...] O poder do Chefe é também total, na medida em que está presente em todos os setores importantes do movimento. Detém em seus poder a definição da doutrina, a decisão política e o controle da ação. [...] O aspecto que caracteriza melhor a natureza do seu poder é seu caráter permanente. Os estatutos consideram que a pessoa do Chefe é ‘inatingível’ e sua função ‘perpétua’” (TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª Edição. São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL, 1979. p. 172).

²⁰⁰ MENDES, Murilo, op. cit., “Integralismo, mística...”, p. 2.

²⁰¹ O escritor paranaense, segundo Leonardo Dávila, “ainda que [...] contribuísse com o *Centro Dom Vital*, procurou dele sempre se distinguir, tendo suas próprias iniciativas e agrupamentos, os quais estarão em tensão com a visão espiritualista católica” (DÁVILA, Leonardo. *Ordenar o espiritual: letras e periodismo católico no Brasil (1928-1945)*. Tese de Doutorado em Literatura - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015, p. 107).

²⁰² Segundo Renato Alencar Dotta, “O diário *Acção*, órgão da Ação Integralista Brasileira na capital paulista, teve seu primeiro número lançado em 7 de outubro de 1936, quarto aniversário de fundação da AIB. [...] Pretendia ser um jornal de circulação estadual (ou “provincial”, nos termos integralistas) e, se possível, ser lido em outros estados. Circulou ininterruptamente até 23 de abril de 1938, já durante a vigência do Estado Novo. [...] A *Acção* foi, sem dúvida, o maior investimento, em termos de imprensa, da AIB em São Paulo, tendo se tornado um dos

a imagem que Tasso da Silveira faz do integralismo: “Tasso da Silveira descreve no seu artigo o mal-estar e a confusão do mundo moderno e depois aplica o remédio para o Brasil: Integralismo!”²⁰³. Na visão do poeta, o equívoco de alguns católicos, como Tasso da Silveira, é enxergar nas propostas do partido integralista a única saída.

Para Murilo, o combate ao comunismo – principal bandeira dos chefes integralistas, como afirmou anteriormente o poeta – também era feito pela Igreja, mas restrita ao seu papel de divulgadora de ideais cristãos como o desapego material e a caridade. Em relação à tese de Tasso da Silveira, segundo a qual “ao comunismo deve-se opor o integralismo”, Murilo a considera “anticatólica e perigosa”, pois não estaria de acordo com o que declarava o papa Pio XI na encíclica *Divina Redemptoris*, cujo trecho foi citado no artigo:

Se se pretende alcançar essa finalidade [desviar os povos do comunismo] com meios puramente econômicos e políticos, cai-se na trama de perigoso erro. Nem a força, ainda a mais bem organizada, nem os ideais da terra, sejam embora os maiores e aos mais nobres podem dominar um movimento, que tem por base precisamente a demasiada estima dos bens terrestres.²⁰⁴

Murilo vale-se da boa relação que entende haver entre Igreja e Estado no atual governo brasileiro para destacar a divisão dos campos de atuação de cada um. Para o autor, a Igreja, nesse momento, gozava de liberdade e contava com a colaboração dos órgãos oficiais. Dessa forma, caberia ao Estado não atrapalhar a atuação da Igreja em seu trabalho de evangelização, da mesma forma que não deveria a Igreja querer se manifestar diretamente no plano político. A respeito da separação do plano espiritual do material, Alceu Amoroso Lima, em artigo de 1932, apontava como ações concernentes à Igreja:

[...] manter a Nação católica, desenvolver purificar, intensificar a consciência desse catolicismo [...] a fim de que possa com eficiência trazer o seu espírito à formação do Estado, não permitindo que ideologias estranhas à sua índole venham perpetuar a dissociação em que até hoje têm vivido, entre nós, Governo e Povo.²⁰⁵

Da mesma maneira parece pensar Murilo. Ciente do modelo de combate que deve exercer o católico, sua postura, duramente crítica em relação ao integralismo, constrói-se, principalmente, a partir de sua interpretação dos documentos oficiais da Igreja – como as encíclicas papais, que aparecem com frequências em seus artigos – e de sua rejeição à ideia violenta de

mais importantes veículos publicitários do partido. (Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho de 2011.)

²⁰³ MENDES, Murilo. op. cit., “Resposta aos ...”, p. 2.

²⁰⁴ Idem.

²⁰⁵ LIMA, Alceu Amoroso. *Pela Ação Católica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Anchieta, 1935, p. 122.

combate pregada pelo partido. Em seu entendimento, o Partido Integralista instaura um clima hostil desnecessário, pregando o ódio aos inimigos, ou seja, indo contra princípios básicos do catolicismo:

Ora, o principal trabalho da Igreja Católica na época atual consiste em libertar-se de incômodos compromissos de ordem política e temporal e que entravaram durante três séculos a obra da evangelização. A libertação da Igreja só poderá ser realizada pela Ação Católica, que é a continuação da obra da Redenção através dos tempos — e não pela sua aliança com partidos políticos, mesmo que estes contenham ideias excelentes, ideias rigorosamente católicas. Para que, portanto, um partido cujo chefe e cujos jornais usam a todo o instante uma linguagem anticristã, que falam frequentemente em “prestação de contas” e na perseguição implacável aos adversários? ... Para que essa ostentação antidemocrática e antibrasileira de forças, essas paradas militarizadas, esses comícios que semanalmente enlutam a família brasileira — para que, enfim, essa germanização da política nacional? ... Fala-se muito no agente de Moscou, mas não se fala no agente de Berlim, nessa atmosfera de terror que o integralismo desencadeou ultimamente entre nós. [...] Vingança! Justiça! Ódio aos comunistas! Matemos os judeus! Gritam os sigmáticos. Amor! Perdão! Clemência! Amemos nossos adversários! Preguemos-lhes a beleza e a universalidade do Evangelho! Adotemos o grego, o bárbaro, o russo, o judeu, o operário escravizado e lhes mostremos a superioridade da doutrina de Cristo encarnado na Igreja — devem responder os católicos.²⁰⁶

É evidente o receio de Murilo quanto aos efeitos negativos da proximidade da Igreja (ou de alguns católicos) com um partido que prega a perseguição e a extinção dos seus inimigos. O poeta, que insistirá no caráter universal do Evangelho, denunciava a concepção limitada de catolicismo proposta pelo integralismo, chamando atenção para o ataque que sofriam alguns intelectuais católicos, como Jacques Maritain, por se mostrarem em desacordo com os regimes totalitários que cresciam na Europa. Cabe aqui ressaltar que, na série de artigos voltados à crítica ao integralismo, Murilo faz referências à Guerra Civil Espanhola, em curso naquele momento. Este evento foi bastante tratado nos meios católicos brasileiros devido aos ataques sofridos por igrejas, conventos, mosteiros e outras instituições católicas espanholas, realizados pelos movimentos populares de orientação socialista, comunista e anarquista. O episódio acirrou a repulsa que a intelectualidade católica brasileira nutria pelo comunismo e favoreceu o discurso do ódio deflagrado, principalmente, pelo partido integralista. Sobre a situação da Espanha, afirmaria Hobsbawm:

²⁰⁶ MENDES, Murilo. op. cit., “Resposta aos ...”, p. 2.

Não foi por acaso que a política interna desse país notoriamente anômalo e autossuficiente se tornou o símbolo de uma luta global na década de 1930. Suscitou os principais problemas políticos da época: de um lado, democracia e revolução social, sendo a Espanha o único país na Europa onde ela estava pronta para explodir; do outro, um campo singularmente rígido de contrarrevolução ou reação, inspirado por uma Igreja Católica que rejeitava tudo o que acontecera no mundo desde Martinho Lutero.²⁰⁷

Em “Resposta aos Integralistas”, Murilo recupera o artigo de Tasso da Silveira no qual a defesa do integralismo parece ter como um dos argumentos os fatos ocorridos na Espanha:

Tasso da Silveira, como todos, de resto, que falavam a favor do integralismo, cita a Espanha. É preciso agir para que não se reproduza aqui a matança de padres e o incêndio de igrejas. É justamente porque reflito sobre a Espanha que receio que o integralismo, caso tome o poder, venha a criar em nós um grande movimento anticlerical.²⁰⁸

No artigo “Prendam o Papa”²⁰⁹, o poeta defende a postura de um dos principais intelectuais católicos do século XX, Jacques Maritain, quanto à sua crítica ao fascismo e, mais especificamente, quanto ao que se via na Espanha durante a guerra civil. A defesa de Maritain passa necessariamente pelo ataque de Murilo à atitude pró regimes fascistas de alguns órgão da imprensa, principalmente, de jornais e revistas integralistas. O poeta questionava a análise limitada de jornais como *O Povo*, que se resumia em classificar os intelectuais antifascistas como comunistas:

A confusão ultimamente aumentou conforme acentuei no começo em torno da atitude assumida por Maritain e outros escritores católicos franceses diante da revolução espanhola. Nos últimos números, o jornal “O Povo”, simpático ao integralismo, tem a audácia de expor o retrato de Maritain ilustrando violentos artigos, apontando-o como “traidor da igreja” e “agente do Komintern”. [...] Pela sua autoridade e serenidade de filósofo cristão, rigorosamente fiel à disciplina e obediente às diretrizes da Igreja, Maritain está realmente fora e acima dos partidos políticos, sendo suas opiniões isentas de ódio, de parcialidade e independentes de interesses subalternos.²¹⁰

O filósofo francês, Jacques Maritain, ao longo da década de 30, frequentou com assiduidade as páginas da revista católica *A Ordem*, por meio de seus textos ali publicados, ou através de textos sobre sua obra. Foi tratado como “corifeu da escolástica tomista”, ou como “o eminente neo-escolástico”, chegando a ser tema de uma conferência pronunciada por Oliveira Franco Sobrinho, onde afirma:

²⁰⁷ HOBBSBAWM, E. J. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 158.

²⁰⁸ MENDES, Murilo. op. cit., “Resposta aos ...”, p. 2.

²⁰⁹ MENDES, Murilo. “Prendam o Papa”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro. n. 18, 9 set. 1937, p. 2.

²¹⁰ MENDES, Murilo. op. cit., “Prendam o...”, p. 2.

A obra de Maritain não é comum. Ela penetra todos os domínios da inteligência e projeta-se na esfera do mundo com a força formidável do realismo filosófico do autor. O sentido integral que possui – estudando as várias atividades do indivíduo e da pessoa – fala-nos de perto, da vantagem de uma apreciação mais panorâmica e mais metodizada, dos problemas espirituais e temporais da nova cristandade. Não possui Maritain, como parece à primeira vista, um simples senso da vida tal como Marx ou tal mesmo como Comte, e sim uma visão única que se biparte, abrangendo, com rara objetividade, a realidade cósmica do todo universal. Fez, o pensador católico, obra de amplitude máxima. Não se deixou ficar na sociologia ou na política, no direito ou na moral. [...] Alargou consideravelmente os limites da simples inteligência [...] Essa foi a maior conquista da filosofia nos dias que passam. Foi realizar, – não só realizar, mas fazer sentir às massas – num tempo em que tudo concorre para a dissociação das forças que garantem a velha civilização, a união lógica entre a ideia de Deus e a ideia do homem.²¹¹

O filósofo, que teve uma relação muito próxima com os acontecimentos ocorridos na Espanha durante a guerra civil, passaria de “a nova cara da filosofia cristã do século XX” a traidor ligado ao socialismo russo. A origem de seu livro *Humanismo Integral*, publicado em 1936, foi um curso ministrado na Universidade de Santander, em 1934, cujas conferências foram publicadas na Espanha com o título de *Problemas espirituais e temporais de uma nova cristandade*. Com a publicação de *Humanismo Integral*, segundo Pozzoli:

[...] foram aquecidos os ânimos de diversos segmentos da sociedade. Inflamou, também, as mentes e os corações de muitos católicos que descobriram uma nova forma de exercer seu cristianismo no coração dos angustiantes problemas apresentados pela realidade social e política da época. Mas acendeu também ferozes paixões de ódio aos que se opunham (partidários do franquismo) às nítidas posições políticas assumidas por Maritain.²¹²

Voltando ao artigo “Prendam o Papa”, percebe-se mais uma vez a persistência do poeta no que diz respeito ao papel do católico na sociedade. Apesar de ele mesmo realizar a sua própria leitura do catolicismo e de suas normas, insiste, aqui, que o católico deve primar por seu conhecimento sobre o catolicismo e ser um estudioso da doutrina. Quando afirma que este conhecimento evitaria que o católico sofresse com interpretações erradas, transmitidas pelos jornais, Murilo qualifica sua atitude de interpretar a seu modo os pressupostos do catolicismo. Segundo ele, o perigo deste desconhecimento – ou de um conhecimento pautado – é o que levaria à adesão rápida da massa a ideologias belicistas, como a do integralismo, e ao ataque equivocado a importantes estudiosos do catolicismo, como Maritain.

²¹¹ SOBRINHO, Oliveira Franco. “O sentido da obra de Jacques Maritain”, *A Ordem*. Rio de Janeiro, jan. 1936, p. 444.

²¹² POZZOLI, Lafayette. *Maritain e o direito*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 164.

Que noção têm esses teólogos de última hora da estrutura espiritual da Igreja, da vida sobrenatural que circula no Corpo Místico de Cristo, da solidez inabalável do dogma, do caráter transcendente da Hierarquia eclesiástica, da eternidade, das promessas do Redentor, para virem à rua de apito na boca, zelosos, concitando os fiéis em massa para aderirem ao fascismo para “salvarem” a Igreja? O fato não mereceria comentário se o público tivesse tempo de separar o joio do trigo e estudar a doutrina.²¹³

Murilo se vale da confusão que alguns órgãos da imprensa criaram em torno do comunismo para destacar a importância do envolvimento do católico com a doutrina, assim como de seu contato com as determinações da Igreja. Segundo o poeta, tal confusão poderia ter sido evitada com a leitura da encíclica *Quadragesimo anno*, na qual o papa Pio XI trata dos abusos do capitalismo enquanto “ditadura econômica” e da necessidade de se limitar a propriedade privada, ao mesmo tempo em que afirma que “a coletivização de certos bens pode e deve ser admitida para servir ao bem comum”²¹⁴. Recorrendo às encíclicas²¹⁵, Murilo Mendes coloca em questão o que declarava grande parte da intelectualidade católica brasileira: ser o Partido Integralista o que mais próximo estaria dos preceitos do catolicismo.

2.4. Uma visão sobre o catolicismo universalista

Pensar o catolicismo na obra muriliana trata-se de uma tarefa espinhosa, arriscada e fora das intenções deste trabalho. Entretanto, caberia aqui, ao menos procurar reconstruir traços do modo como o poeta concebe o catolicismo. E isso poderia ser feito a partir das críticas que Murilo fez a alguns católicos que não estariam de acordo com a algo que, segundo ele, define a Igreja Católica: sua universalidade. Trata-se de um conceito muito vago para que, em poucas linhas, seja possível trabalhá-lo de forma adequada. No entanto, poderíamos traçar um esboço desse catolicismo presente em grande parte de seus artigos publicados na década de 30.

²¹³ MENDES, Murilo. “Prendam...”, p. 2.

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ A citação das encíclicas foi uma das estruturas argumentativas de Murilo. Entretanto, é interessante destacar que algumas encíclicas também condenaram o comunismo e justificaram perseguições realizadas por católicos ao longo dos séculos; e que a astúcia muriliana atua, aqui, no sentido de que o poeta soube lançar mão destes textos oficiais da Igreja de acordo com seu interesse. Ainda quanto às encíclicas, Maria Betânia Amoroso, ao tratar da influência de intelectuais católicos franceses que age sobre o pensamento católico brasileiro, afirma que “[...] embora as encíclicas papais sejam continuamente citadas por Murilo Mendes como a lei a ser obedecida, o pensamento filosófico que motiva e conduz os embates brasileiros sobre catolicismo e sociedade não vem de Roma; e não vem de Roma nem mesmo a inspiração para o intelectual laico que se dispõe a combater a Igreja tradicional. A fonte para essa visão moderna estava em Paris” (AMOROSO, M. Betânia. “Murilo Mendes nos jornais: entre a política e a religião”. *Literatura e Sociedade*, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, São Paulo, nº 16 (2012), p. 82-98.

Antes de tudo, podemos pensar que, vinculada à ideia de um catolicismo “ideal”, está a imagem de um católico “ideal”. E é isso o que, muitas vezes, percebe-se nesses artigos. Desde de seus últimos textos para o *Boletim de Ariel*, foi ao apontar os erros de alguns “cristãos distraídos” que Murilo passou a formular uma visão do catolicismo. Em “Atrairei tudo a mim. S. João (XII, 32)”²¹⁶, o autor afirma ser “realmente escandaloso um católico taxar de comunistas todos os escritores que estudam com carinho a vida dos miseráveis e dos explorados [...]”²¹⁷, pois, segundo ele, este seria justamente o aspecto ao qual deveria se ater um “discípulo do Redentor”. E, em “Poesia Universal”, publicado no *Boletim*, em 1938, o poeta definiria o verdadeiro católico desta forma: “O católico autêntico é, por definição, um espírito universal, atento a todas as manifestações da vida e da cultura”²¹⁸.

Já nas páginas de *Dom Casmurro*, logo em seu primeiro artigo, “Perfil do Catolicão”, foi sua preocupação definir, de forma caricata, todos os possíveis defeitos que observa na postura de muitos católicos. Neste texto, com muito humor e certa dose de ironia, Murilo vai construindo a imagem do católico mais antiquado e conservador, ao mesmo tempo em que faz surgir como antítese a ideia de uma Igreja mais moderna

O catolicão não procura conhecer o pensamento da Igreja a respeito das grandes questões e dos problemas que agitam o mundo. Relativamente à questão social, ele acha que há muito exagero, que os operários são muito bem pagos, que a polícia resolve tudo, e que “essa gente, o que precisa é de cadeia”. Quanto aos últimos Papas que se levantaram contra o liberalismo econômico, contra o individualismo burguês, e que apresentam as diretrizes seguras que deverão presidir a nova sociedade comunitária cristã, o nosso amigo os acha “políticos”. Quanto ao Pio XI, é um marxista, um comunista. E quanto aos comunistas: São demônios, filhos do inferno, aliados do Satanás (linguagem também frequente na boca de certos padres). Não adianta explicar que a Igreja, pela voz de seus mais autorizados guias, manda distinguir a intolerância dogmática da intolerância social [...].²¹⁹

Quanto ao aspecto social da Igreja – lembrando de que, naquele momento, grande parte da intelectualidade católica era contrária ao pensamento materialista e ao comunismo – o poeta afirma que o “catolicão” vê a Igreja apenas como defensora da propriedade privada, desconsiderando que, na realidade, ela defende o direito de todos à propriedade, e não somente aos “gananciosos” que conseguem seus bens através da exploração dos mais fracos. Mostrando a complexidade de seu modo de pensar, o poeta – que também se manifestou, em outros momen-

²¹⁶ MENDES, Murilo. “Atrairei tudo a mim (S. João, XII, 32)”. *Boletim de Ariel*, jan. de 1937, p. 106-107.

²¹⁷ Idem.

²¹⁸ MENDES, Murilo. “Poesia Universal”. *Boletim de Ariel*, maio 1938, p. 220.

²¹⁹ MENDES, Murilo. “Perfil do Catolicão”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 8, 10 jul. 1937, p. 2.

tos, contrário ao comunismo e ao modo como alguns intelectuais, ditos marxistas, desconsideravam o papel social da religião católica – critica a posição de muitos católicos, descrevendo a Igreja como defensora de ideais caros à ideologia de esquerda.

Este movimento de contrapor tais visões também pode ser observado no artigo “A Comunhão dos Santos”²²⁰, no qual contrasta o espírito de comunidade observado na Igreja Católica com o idealizado pelo comunismo marxista. Neste texto, ao traçar as características do católico – tomando como base a figura do Cristo enquanto origem do modelo ideal – mostra a insuficiência de se julgar os católicos segundo a mesma visão limitada, já observada nos debates acerca da literatura social, em que se tentava avaliar os autores de acordo com seus credos políticos.

Fala-se muito hoje em catolicismo de esquerda e catolicismo de direita. Tais designações servem praticamente como pontos de referência, mas não correspondem a uma realidade espiritual, que é justamente a que mais interessa na vida religiosa. Talvez houvesse maior propriedade em se falar em católico direito e católico esquerdo... Uma das principais características do espírito católico é o de atravessar as épocas, adaptando-se a todas as circunstâncias de tempo e de lugar, e ficando, através de todas as transformações, igual a si mesmo; devendo-se isto, em grande parte, à vitalidade litúrgica e sacramental da Igreja.²²¹

O catolicismo para Murilo Mendes vai ganhando forma ao longo dos artigos. Não promoveu o ódio contra comunistas e marxistas como o fizeram alguns intelectuais católicos defensores do integralismo. Pelo contrário, o modo como organizou seus artigos, contrapondo aspectos do marxismo à sua visão do catolicismo, criou um movimento de aproximação que culminava com uma imagem da religião que superava as limitações dos postulados políticos. Artigos como “A Comunhão dos Santos”, “Breton, Rimbaud e Baudelaire” e “Cordeiros entre lobos”, trazem este movimento. No primeiro, apesar de ressaltar a natureza divina do homem, criado à imagem e semelhança de Deus, reconhece a relevância do aspecto material:

A vida invisível da Igreja militante escapa completamente aos olhos de um leigo; mas nas simples aparências materiais pode-se constatar esse espírito de comunidade sobre que repousa socialmente a Igreja. Uma Igreja está aberta para todos; os gordos donativos do rico como o tostão do pobre transformam-se em pedra, em tijolos, em quadros, em estátuas, em vitrais, em órgãos que são outras tantas fontes de prazer espiritual - e sensorial - [em] que todos se abeberam. Sem o dinheiro do povo, sem a sua participação, não se constroem Igrejas [...].²²²

²²⁰ MENDES, Murilo. “A Comunhão dos Santos”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 19, 16 set. 1937, p. 2.

²²¹ Idem.

²²² MENDES, Murilo. “A Comunhão dos Santos”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 19, 16 set. 1937, p. 2.

O marxismo e o comunismo, na sua visão, fizeram apenas transladar para o plano “leigo e materialista”, o dogma da “Comunhão dos Santos”. A ideia de comunidade, o apelo feito por Marx e Engels pela união dos proletários, são transfigurados segundo o pressuposto de que “todo católico deve ser automaticamente comunista”²²³. Por isso, não é necessária nenhuma restrição política marxista ou leninista que tome em separado proletários e burgueses, uma vez que o Cristo já havia pregado a união de todos os homens. Assim, para Murilo, a Igreja acaba sendo, tanto no plano espiritual quanto no temporal, a corporificação da ideia de comunidade.

O combate ao liberalismo burguês, também surge nos artigos de Murilo, mas a crítica que lhe dirige encontra como alvo aquele católico que, assim como o “catolicão”, saca o chapéu ao passar diante da “grande industrial, ou do Banco do Brasil [...], numa vasta reverência”²²⁴, e “empresta a juros a 10% ao mês”. O poeta, no artigo “Cordeiros entre lobos”²²⁵, chega mesmo a “delegar” algumas funções aos católicos. Segundo ele, em meio à equivocada divisão da sociedade entre esquerda e direita, ou entre proletários e burgueses, orientada por falsas doutrinas, caberia aos católicos a função de mediadores, assim como a de “desemburguesar” a sociedade por meio do evangelho. Já em “Breton, Rimbaud e Baudelaire”²²⁶, Murilo viria a observar que a burguesia, “materialista e cética”, não estaria interessada na “glória espiritual”, uma vez que somente se aproximava da Igreja por ver ali uma protetora da propriedade individual. Na leitura que propõe de Rimbaud, chega a encontrar, em *Une saison en enfer*, um catolicismo que define como não burguês e não burocrático, mas sim catastrófico. Segundo Maria Betânia Amoroso,

Murilo Mendes nos seus artigos e ensaios de militância católica - e o retrato do catolicão é um desses momentos - participa de um embate contra essa ignorância religiosa, bem conhecida e arraigada na elite brasileira, levado por inúmeros intelectuais e religiosos católicos nos anos 1920 e 1930 no Brasil, em luta contra a religião de hábito, por uma sofisticação do catolicismo como pensamento religioso e político, capaz de estabelecer novas bases, institucionais e doutrinárias, para que a Igreja Católica se apresentasse como uma força moderna de integração da sociedade.²²⁷

Por fim, assim como visto nos artigos publicados no *Boletim de Ariel*, principalmente, em “Ismael Nery, poeta essencialista” – no qual Murilo coloca a experiência da vida/poesia como forma de se alcançar a vida “essencial” – aqui, em “Poesia Católica”²²⁸, último artigo da

²²³ MENDES, Murilo. “A Comunhão dos Santos”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 19, 16 set. 1937, p. 2.

²²⁴ Tal trecho consta no artigo “Perfil do Catolicão”, mas é uma referência direta ao que já havia sido dito em “Atrairei tudo a mim (S. João, XII, 32)”, publicado no *Boletim de Ariel* em janeiro de 1937.

²²⁵ MENDES, Murilo. “Cordeiros entre lobos”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 17, 2 set. 1937, p. 2.

²²⁶ MENDES, Murilo. “Breton, Rimbaud e Baudelaire”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 16, 26 ago. 1937, p. 2.

²²⁷ AMOROSO, M. Betânia. Murilo “Murilo Mendes nos jornais: entre a política e a religião”. *Literatura e Sociedade*, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, São Paulo, nº 16 (2012), p. 88.

²²⁸ MENDES, Murilo. “Poesia Católica”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 20, 23 set. 1937, p. 2.

série publicada no jornal *Dom Casmurro*, observa o papel fundamental da poesia, agora como *poesia moderna e católica*²²⁹; fato muito bem observado por Maria Betânia Amoroso:

Mas tudo isso são os anos 30; na década de 1950, cada vez mais, a religião vai perdendo terreno junto à sua poética, o que se torna evidente nos esforços despendidos em separar o poeta do católico quando se apresenta na Itália em 1957. Naquele primeiro momento, ao contrário, as noções de *catolicismo*, *civilização* e *poesia* são intercambiáveis, todas reunidas em um projeto que se quer *universal e eterno* seja em Florença, em Paris ou no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX; o empenho de Murilo ao participar do debate pela imprensa nos faz perceber o quanto ser poeta, católico e brasileiro informa uma situação e circunstância bem palpáveis.²³⁰

Os ecos da filosofia *essencialista*, como bem notou a autora, são visíveis. Se no *Boletim*, Ismael Nery é descrito como alguém que “não podia ver um homem fixado num determinado instante de vida”, pois logo buscava “examinar a existência de seus antepassados, sua infância, seu ambiente moral e físico, seu desenvolvimento no tempo e no espaço e as possibilidades da sua projeção no futuro”²³¹, aqui, Murilo afirma que:

O presente de um homem é, porém, um resultado do seu próprio passado e dos seus antecessores. Os momentos e as épocas não são estanques, são ligados aos movimentos e às épocas passadas. A admirável liturgia católica celebra a vida do homem desde a sua origem até a consumação dos séculos. Uma síntese tão poderosa só pode ser feita pela encarnação de um Deus cuja vida, atos, palavras, paixão e morte e ressurreição a Igreja celebra *hoje* como há dois mil anos atrás; um Deus que triunfou do espaço e do tempo, e cuja doutrina não está sujeita - como todas as outras sem exceção - à influência das correntes políticas e econômicas de uma época. [...] Um homem verdadeiramente católico está sempre no seu tempo, e mais ainda com a soma dos tempos atrás de si. [...] O espírito católico é cioso de todos os aspectos da vida [...]. Por isto [...] é eminentemente vigilante, organiza todos os elementos para o registro e inspeção de tudo que vai germinando e nascendo.²³²

Diante das “tendências supérfluas” que, segundo Murilo, encontram-se “em todos os setores da atividade humana”²³³, tais como as impostas pelas correntes políticas e econômicas citadas acima, o crítico, assim como visto no capítulo anterior, organiza seus textos de modo a realizar o mesmo movimento de oposição entra as ideias que compõem o debate em torno do catolicismo, naquele momento. Murilo desloca-se de um local seguro onde bastaria ao católico apenas manifestar-se contrário ao liberalismo, ao comunismo marxista e ao materialismo; e ocupa uma posição de questionador diante destas contradições. O poeta vai contra o liberalismo

²²⁹ AMOROSO, M. Betânia. Murilo “Murilo Mendes nos jornais: entre a política e a religião. *Literatura e Sociedade*, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, São Paulo, nº 16 (2012), p. 88.

²³⁰ Ibidem, p. 97.

²³¹ MENDES, Murilo. “Ismael Nery, poeta essencialista”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1934, p. 268.

²³² MENDES, Murilo. “Poesia Católica”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 20, 23 set. 1937, p. 2.

²³³ MENDES, Murilo. op. cit., “Ismael Nery, poeta ...”, p. 268.

burguês, mas vai também questionar o católico que só vê a Igreja enquanto defensora da propriedade privada; em vez de suscitar o ódio contra o comunista, vai reconhecer na Igreja Católica a capacidade de promover a justiça social e de constituir uma verdadeira comunidade entre os homens; por fim, percebe que a visão materialista é “uma antecipação humana dessa vasta comunidade espiritual, que terá a sua expressão máxima na glória da Igreja triunfante”²³⁴.

Poderíamos, então, diante das expressões desse catolicismo *à muriliana*, afirmar que sua preocupação enquanto crítico atento, e católico atuante, foi romper com o “senso comum” das leituras programadas de um lado, pela imprensa oficial católica, por outro, pelos equívocos de alguns revolucionários de conhecimento restrito, colocando em movimento as contradições que os cercam e fazendo surgir uma ideia de catolicismo transformadora e universalista.

²³⁴ MENDES, Murilo. op. cit., “A Comunhão...”, p. 2.

3. Considerações finais

Murilo Mendes, no caminho que trilhou por entre os grandes temas e polêmicas que marcaram o início do século XX, estabeleceu em seus artigos, publicados no *Boletim de Ariel* e também em *Dom Casmurro*, um estilo muito particular de prosa jornalística. Seus textos, não apresentavam a objetividade informativa que, usualmente, são observados em outros artigos. Talvez porque o poeta tenha optado, na maioria das vezes, por evitar o juízo fácil, o conceito já dado, ou uma verdade já preestabelecida. O que nos parece, após essa breve análise, é que sua escolha foi pela investigação, pelo exercício do pensamento, procurando não seguir o trajeto mais curto dos clichês usados por grande parte da crítica nesse instante. Foi assim desde o início de sua contribuição para o *Boletim*, em 1931.

Quando o cinema atraía a atenção de alguns intelectuais pelas novidades técnicas que trazia para o mundo das artes, o poeta preferiu lhe dar o papel de coadjuvante em seu artigo “O impasse da pintura”²³⁵. Em vez de toma-lo como a arte que melhor representaria a vida acelerada nos tempos modernos, ou de aceita-lo somente através da ótica marxista – como objeto que, de fato, marcaria a relação entre o fazer artístico e o modo de produção capitalista –, Murilo resolveu encará-lo como algo que traria questionamentos sobre o modo de se fazer pintura. Em seu texto, fragmentos de discursos ideológicos, de relatos históricos, de teorias de outras artes (nesse caso, da arquitetura moderna), aproximam-se, em uma sequência nada linear, que leva o leitor ao encontro daquilo que especula ser o futuro da pintura: a pintura em movimento.

Murilo, nos textos que viriam na sequência, embora não mantivesse a mesma radicalidade do primeiro, conservou a atitude de deslocar as discussões que já se apresentavam, muitas vezes, polarizadas. Dessa forma, lançou-se em um dos debates de maior amplitude nas páginas do *Boletim* na década de 30: a questão do romance social. Diante do envolvimento direto de intelectuais em embates ideológicos e políticos, o que percebemos é que o poeta mineiro tendia sempre a duvidar de qualquer caminho que se colocasse como única e verdadeira opção. Questionou os imperativos editoriais que viam no ensaio e na biografia a nova literatura; e mostrou que ainda havia “instinto poético” em alguns autores, como em João Alphonsus e Jorge de Lima, escritores realmente envolvidos com o problema social. Este último com destaque, pois, com *Calunga*, reiterou a possibilidade de se fazer literatura interessada sem que para isso a sua realização artística fosse ignorada.

²³⁵ MENDES, Murilo. “O impasse da pintura”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, out. 1931, p. 10.

O modo como tratou destes temas, não se identificando diretamente a nenhuma uma opção política, fez de suas preocupações estéticas, muitas vezes, seu guia. Nem por isso deixou de afirmar sempre a necessidade de se pensar os problemas de ordem social. Na verdade, Murilo foi contrário à oposição simplista que colocava, de um lado, a arte engajada – como sendo aquela que faz propaganda da ideologia comunista – e de outro, a arte enquanto entretenimento. A divisão que intelectuais como Jorge Amado viram entre indivíduo e coletividade, para Murilo, é contradição posta em movimento. Por isso discorda de Manuel Bandeira quando este afirmara que os grandes romances da época, de José Lins do Rego e Amando Fontes, teriam nos “arrancado” as preocupações individuais. Ao mesmo tempo, critica a ideia de que o romance é o gênero social por natureza. Na visão de Murilo, a poesia seria o local de síntese dessa dualidade individual/coletivo.

Mas não se trata apenas da poesia enquanto gênero. Quando homenageia o amigo Ismael Nery, apresenta-nos a ideia de vivência poética, ou seja, a poesia enquanto experiência humana. Em “Ismael Nery, poeta *essencialista*”²³⁶, escolhe a vida do amigo como “o maior monumento de sua poesia”²³⁷, e encontra em sua metodologia poética um modo diferente de olhar o mundo. O *essencialismo*, como o nomeou Murilo, atribui, à aquele que deseja praticar a poesia, uma atitude crítica diante da realidade. Tal postura remete a uma das principais tarefas de um poeta (intelectual): a de registrar os diversos fenômenos da sensibilidade, extraíndo disso apenas o “essencial”. Ampliar o olhar para alcançar os múltiplos sentidos das coisas, esse seria o aspecto central da filosofia essencialista e que, segundo Mário de Andrade, Murilo vinha “pilotando com bastante engenho”²³⁸. Já para Laís Corrêa de Araújo:

Murilo Mendes determinou sua posição estética, estabelecida com base na palavra-chave liberdade, enquanto opção autônoma do fazer poético. Isso significa, liminarmente, a não-sujeição a dogmas supressores da criação, a barreiras de expressão e vocabulários localizados pelos vários sistemas de regulação estrita da linguagem, postos em voga pelos estudos acadêmicos variáveis e efêmeros de uma lógica redutora formalista e até artificiosa do livre arbítrio da invenção. O autoritarismo da classificação didática recebe logo o contra-ataque da sensibilidade em sua legítima pretensão de vincular linguagem e mundo numa relação inconsútil e infinita. A cultura, para Murilo, não poderia se ajustar apenas ao conjunto dos atos de conhecimento, e sim por cumplicidade do *ser* com as tensões, atritos e contrastes do processo interno e externo de uma presença na *vida* abrangente das coisas e dos homens.²³⁹

²³⁶ MENDES, Murilo. “Ismael Nery, poeta essencialista”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1934, p. 267-268.

²³⁷ Idem.

²³⁸ ANDRADE, Mário de. A poesia em pânico. In MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*; organização e preparação do texto Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 33.

²³⁹ ARAÚJO, Laís C. de. “Murilo Mendes, de novo e sempre”. In *Murilo Mendes 1901-2001*. Organizado por Júlio Castañon Guimarães – Juiz de Fora, CEMM/UFJF, 2001, p.23.

Praticando o *essencialismo*, como observou Mário de Andrade, o Murilo Mendes dos jornais manifesta a mesma postura que o poeta Murilo Mendes diante das restrições impostas pelo ambiente acadêmico e social durante os anos 30.

O catolicismo, nesse sentido, trouxe o aspecto intemporal ao qual Murilo ligou a poesia. Sua crítica ao espírito reduzido de alguns católicos, realizada nos artigos de *Dom Casmurro*, indica que não se rendeu à religião católica de forma passiva. Ao unir a experiência poética à universalidade que encontrou no catolicismo, aceitou a tarefa que tem, segundo ele, o católico, o de ser “um centro estabelecedor de relações”²⁴⁰. Ideia que torna coerente o comentário de Moacir Werneck de Castro sobre seu catolicismo, no qual se afirma que Murilo “foi um católico aberto à compreensão de um pensamento diferente do seu, numa época de ‘guerra fria’, marcada pela intolerância também no campo espiritual”²⁴¹. O poeta fez de seu catolicismo o meio no qual pôs a girar – em um movimento quase dialético – as relações entre vida e poesia, e entre indivíduo e coletividade, pois “a lei evangélica é extensiva não só ao indivíduo como à vida social e coletiva”²⁴². Por fim, entendemos que aquilo que Murilo Mendes pretende nos apresentar, ao longo destes artigos, é uma ideia muito próxima da representada nos primeiros versos de seu, não coincidentemente, “Poema Dialético”:

Todas as formas ainda se encontram em esboço,
Tudo vive em transformação:
Mas o universo marcha
Para arquitetura perfeita.²⁴³

²⁴⁰ MENDES, Murilo. “Cordeiros entre lobos”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 17, 2 set. 1937, p. 2.

²⁴¹ CASTRO, Moacir Werneck de. “Sem medo do Bispo ou do Partido”. In *Murilo Mendes 1901-2001*. Organizado por Júlio Castañon Guimarães – Juiz de Fora, CEMM/UFJF, 2001, p.20.

²⁴² MENDES, Murilo. “Perfil do Catolicão”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 8, 10 jul. 1937, p. 2.

²⁴³ MENDES, Murilo. “Poema Dialético”. *Poesia Liberdade*. In MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*; organização e preparação do texto Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 410.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS CONSULTADAS

AMOROSO, M. Betânia. “La saggistica in Brasile: il rittatto come critica ed invenzione”. In Cantarutti, G., Avellini, L. e Albertazzi, S. (orgs) *Il saggio. Forme e funzioni de ungenere letterario*. Bologna: Il Mulino, 2007.

_____. “Murilo Mendes nos jornais: entre a política e a religião”. *Literatura e Sociedade*, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, São Paulo, nº 16 (2012), p. 82-98.

ANDRADE, Carlos Drummond; LIMA, Alceu Amoroso. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade & Alceu Amoroso Lima*. (Organização, introdução e notas Leandro Garcia Rodrigues). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. Trad. Carlos Nelson Coutinho, in: *Teoria da cultura de massa*. Introdução, comentários e seleção de Luiz Costa Lima. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 33ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo, SP; Campinas, SP: EDUSP: Editora da Unicamp, 2006.

CARTA PASTORAL de Dom Sebastião Leme, arcebispo metropolitano de Olinda, saudando os seus diocesanos. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1916.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. 2. ed. Belo Horizonte; São Paulo: UNA: AD Hominem, 1999.

COSTA, M. T. da. “Los tres mosqueteros. Una reflexión sobre la militancia católica lega en el Brasil contemporâneo”, *Prismas*, Buenos Aires, v. 11, n. 11, 2007, p. 55-67.

DÁVILA, Leonardo. *Ordenar o espiritual: letras e periodismo católico no Brasil (1928-1945)*. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Territórios/ Conjunções: poesia e prosa críticas de Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993, p. 81.

HOBBSAWM, E. J. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IGLÉSIAS, Francisco. *História e ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000.

- LIMA, Alceu Amoroso. *Pela Ação Católica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Anchieta, 1935.
- LUCA, Tania R. de. *Leituras, projetos e (Re)vistas do Brasil (1919-1944)*. 1ª Edição. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.
- LUCA, Tania R. de. “O jornal literário *Dom Casmurro* e a condição do intelectual”. In: *Os intelectuais e a imprensa*. (Org.) ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flávia Fernandes de. GUERELLUS, Natália de Santana. Rio de Janeiro, 1ª Edição, Mauad, Faperj, 2015.
- MENDES, Murilo. *Formação de discoteca e outros artigos de música*. Introdução. Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: EDUSP/ Editora Giordano, 1993.
- _____. *Recordações de Ismael Nery*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP; Editora Giordano, 1996.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PEREIRA, Lucia Miguel; VIEGAS, Luciana (Coaut. de). *A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros*. Rio de Janeiro: Graphia, 1992.
- PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. “A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil”. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 19, n. 1, p. 33-34.
- POZZOLI, Lafayette. *Maritain e o direito*. São Paulo: Loyola, 2001.
- SOUZA, Luiz Alberto Gomez de. *Do Vaticano II a um Novo Concílio?* São Paulo: Loyola, 2004.
- TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª Edição. São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
- VILLAÇA, Antonio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ARTIGOS CONSULTADOS

Boletim De Ariel

- AMADO, Genolino. “Contra o Coração”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro jul. 1932, p. 13.
- _____. “Os Parnasianos e o cinema”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1932, p. 25.
- AMADO, Gilberto. “A crise da livre crítica no Brasil”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1932, p. 3.
- AMADO, Jorge. “Em Surdina”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1934, p. 97.
- _____. “P.S.”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1933, p. 292.
- BORGES, Saul. “A Deformação Republicana”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1932, p. 9.

- COELHO, Arthur. "A relatividade no cinema de Eisenstein". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jun. 1932, p. 18-19.
- CRULS, Gastão. "Conversa fiada ...". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, out. 1931, p. 2.
- _____. "Sang Reservé". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1931, p. 5.
- FALCÃO, Edgar de Cerqueira. "Um anacronismo que corre o mundo". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1932, p. 23.
- FARIA, Octavio de. "Grasset e a morte do romance francês". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio 1932, p. 6.
- _____. "Jorge Amado e Amando Fontes". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, out. 1933, p. 7.
- _____. "O Lênin de François Porché". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1932, p. 9.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. "A propósito de um romance: Cacau". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1933, p. 288.
- JUREMA, Aderbal. "Literaturas Reacionárias e Revolucionárias". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio. 1934, p. 211.
- _____. "O novo livro de Jorge Amado". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1934, p. 331.
- _____. "Poesia e Saudosismo". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio 1935, p. 224.
- _____. "Subindo a Escada Vermelha". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, fev. 1935, p. 141.
- LEWIN, Willy. "Saudação a Murilo Mendes". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1934, p. 321.
- MACHADO, Aníbal. "História do Brasil". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1933, p. 260-261.
- MARÇAL, Heitor. "Literatura Proletária". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1932, p. 19.
- MENDES, Murilo. "A Poesia e os Confusionistas". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, dez. 1935, p. 63.
- _____. "Apresentação da 'Galinha Cega'". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1932, p. 41.
- _____. "Atrairei tudo a mim (S. João, XII, 32)". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1937, p. 106-107.
- _____. "Calunga". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1935, p. 291.
- _____. "Ismael Nery, poeta essencialista". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1934, p. 268.
- _____. "Manuel Bandeira cai no conto do vigário". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1935, p. 88.
- _____. "Nota sobre Cacau". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1933 p. 317.
- _____. "O impasse da pintura". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, out. 1931, p. 10.
- _____. "Poesia Universal". *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio 1938, p. 220-221.

- MONTENEGRO, Olivio. “Em torno de Banguê”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1934, p. 300.
- PEIXOTO, Afrânio. “Le mariage et la morale, de Bertrand Russel”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, out. 1931, p. 3.
- _____. “O crepúsculo das letras”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, fev. 1932, p. 3.
- PEREIRA, Lucia Miguel. “Blaise Pascal et sa soeur Jacqueline – Souffrances et bonheur du chrétien, de François Mauriac”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1931, p. 6.
- _____. “Cabocla”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1932, p. 8.
- REGO, José Lins. “Poesia”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1935, p. 2.
- REIS, V. de Miranda. “Burgueses e Proletários”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1932, p. 19-20.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. “Homem Antigo”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, maio 1932, p. 1.
- SAMPAIO, Jack. “Cinema”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, out. 1931, p. 16.
- SILVEIRA, Paulo. “Sempre Ele!”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, fev. 1932, p. 4.
- TORRES, Alberto. “Como ensinar História”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. 1932, p. 9.
- VIDAL, Adhemar. “Dois Revolucionários”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1932, p. 37.
- _____. “História do Brasil”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. 1933, p. 284.

A Ordem

- CORREIA, Alexandre. “Crônica Filosófica: Iniciação Tomista”. *A Ordem*, Rio de Janeiro, n. 5, fev. 1930.
- FARIA, Octavio de. “O cinema no século vinte”. *A Ordem*, Rio de Janeiro, jan. 1929, p. 360-367.
- LIMA, Alceu Amoroso. “A igreja e o momento político”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, jul. 1935, p. 9.
- _____. “Catolicismo e comunismo II”, *A Ordem*. Rio de Janeiro, jun. 1935, p. 5-15.
- _____. “Catolicismo e Integralismo – III”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, fev. 1935, p. 86.
- _____. “Os católicos e a política”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, set. 1934, p. 159-160.
- NOGUEIRA, Hamilton. “O pensador político”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, jan. 1929, p. 240-248.
- S/A. “Mais um ano de trabalho” relatório de atividades do Centro Dom Vital 1931-1932, *A Ordem*. Rio de Janeiro, dez. 1932, p. 334.
- SÁ, Paulo. “Os católicos e o problema político”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, fev. 1934, p. 95-96.

SOBRAL PINTO, Henrique. “A Igreja e a Política”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, jan. 1931, p. 74-81.

SOBRINHO, Oliveira Franco. “O sentido da obra de Jacques Maritain”, *A Ordem*. Rio de Janeiro, jun. 1936, p. 444.

Dom Casmurro

MENDES, Murilo. “A Comunhão dos Santos”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro. n. 19, 16 set. 1937.

_____. “Breton, Rimbaud e Baudelaire”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro. n. 16, 26 ago. 1937, p. 2.

_____. “Cordeiros entre lobos”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 17, 2 set. 1937, p. 2.

_____. “Integralismo, mística desviada”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 14, 12 ago. 1937, p. 2.

_____. “O catolicismo e os integralistas”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 13, 5 ago. 1937, p. 2.

_____. “Perfil do Catolicão”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 8, 10 jul. 1937, p. 2.

_____. “Poesia Católica”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 20, 23 set. 1937, p. 2.

_____. “Prendam o Papa”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 18, 9 set. 1937, p. 2.

_____. “Resposta aos integralistas”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 15, 19 ago. 1937, p. 2.

Outros

AMADO, Jorge. “Sobre romance internacional”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 out. 1934, p. 2.

BANDEIRA, Manuel. “Entrevista”. Suplemento *A Noite Ilustrada*, 25 set. 1935, p. 19.

ANEXO

Boletim de Ariel

O impasse da pintura¹

A pintura está em crise. A máquina fotográfica e o cinema, como é universalmente sabido, modificaram de maneira importante as condições de existência dela. Depois de infindáveis especulações sobre faturas abriram-se as “válvulas da imaginação” e se fizeram todas as combinações possíveis de formas de cores e de assuntos. A pintura, como tem sido compreendida até agora, é um produto da organização capitalista da sociedade. Por conseguinte sofre atualmente as consequências da superprodução. As sociedades burguesas queimam quadros? Não, queimam café. Bonito. Poupam os quadros. O produtor do quadro é mal pago, vive mais ou menos de “médias”, os companheiros não fazem greve, o dono da galeria, capitalista, ganha um dinheirão nas costas do pintor, e o adquirente mais a família dele tem a renda prazer. Um ou outro pintor mais felizardo, que consegue se livrar dessa pressão imperialista, vinga o resto da classe fazendo desenho político, sátira de costumes, etc. Parece que a orientação atual se faz no sentido de dar à pintura uma finalidade educativa. O quadro enfeite de parede tende a desaparecer, pois o espírito da arquitetura moderna rejeita a decoração – ou por outra, a decoração é naturalmente feita pela distribuição das massas e a disposição das luzes. Mesmo as representações líricas na pintura se veem quase sempre prejudicadas pelas exigências de cor, assumem logo um aspecto decorativo. Aspecto esse que desaparece, por exemplo, com a técnica do branco e preto. O cinema não substituirá a pintura, mas, pintura, em movimento, suceder-lhe-á. Com a vantagem do seu caráter de universalidade.

¹ MENDES, Murilo. “O impasse da pintura”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, out. 1931, p. 10.

Apresentação da ‘Galinha Cega’²

A Galinha Cega já foi apresentada, mas não faz mal. Eu torno a apresentar. Participo a todas as pessoas de destaque que não sou crítico. Como ia dizendo, a Galinha Cega passou a enxergar depois que João Alphonsus a tirou da sua cachola. João Alphonsus é um sujeito entre gordo e magro, com, possivelmente, 1,70m de altura, promotor em Belo Horizonte, e, é incrível! Promotor inteligente e poeta. Tenho a impressão que João Alphonsus vive numa eterna conspiração com repórteres, datilógrafas, costureiras, quase suicidas, motorneiros garçons, gatos, boticários, e que, apesar de casado, deixa uma noiva em cada esquina. O livro dele é indiretamente um panfleto contra o espírito do século. Ele abandona o plano quinquenal, as paradas de Hitler, as correrias dos *gangsters*, os *meetings* dos sem trabalho, os concursos de Los Angeles e volta-se para os indivíduos que estão sendo postos à margem, acreditando que o sentimento, anarquista como é, jamais nivelará os povos. Continua calmamente a escrever novelas em Belo Horizonte durante a revolução, que nem Beethoven compondo a 4ª Sinfonia enquanto Napoleão bombardeava Viena. Tem tempo de socorrer uma galinha que bate as asas, tonta, sem enxergar – considerando que uma galinha é uma entidade biológica como qualquer outra, com seu código próprio e seus direitos. Lembrando-se da noiva morta, não a descreve nos resplendores da glória, num círculo de anjos, mas fazendo funcionar continuamente a humanidade que todas as coisas têm. Creio que dificilmente João Alphonsus tomará partido, se inscrevendo numa fórmula rígida ou numa das categorias políticas do século. Não quero dizer com isto que ele seja um, digamos, cético, mas sim que a visão poética dos fenômenos é que constitui propriamente a sua disciplina. Máquina por mais aperfeiçoada que seja nunca arrancaria do homem o instinto poético – pelo contrário, o progresso contínuo dos maquinismos poupará o tempo do homem – e que irá ele fazer depois senão inventar novos mundos poéticos? De resto a própria máquina já nos conduziu a uma mística nova. – Parece que este final é mesmo só para atrapalhar... É a peninha no rabo da Galinha Cega.

² MENDES, Murilo. “Apresentação da ‘Galinha Cega’”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1932, p. 41.

Nota sobre *Cacau*³

Será *Cacau* um romance proletário? Pergunta Jorge Amado logo na entrada do livro. Antes de mais nada precisávamos de saber o que é que o autor entende como romance proletário. Acho que a mentalidade proletária está ainda em formação; agora é que o proletário está tomando consciência de seu papel histórico; portanto, sobretudo em países de desenvolvimento capitalista muito atrasado como o nosso, ainda não existe uma mentalidade proletária. Naturalmente o escritor que não encontrar motivos de inspiração na vida já em decomposição, da sociedade burguesa, terá que observar a vida dos proletários, e, se quiser ser um escritor revolucionário, terá que se integrar no espírito proletário, do contrário fará simples reportagem. O caso recente de Pagú é típico. “Romance proletário”, anuncia a autora no frontispício do *Parque industrial*. Houve engano. É uma reportagem impressionista, pequeno burguesa, feita por uma pessoa que está com vontade de dar o salto mas não deu. Assiste-se à entrada de fábrica, à saída de fábrica, a encontros do filho do grande capitalista com a filha do operário, etc. Parece que para a autora o fim da revolução é resolver a questão sexual. Sobre o *Parque industrial* propriamente pouca coisa se fica se sabendo. Já este livro *Cacau* tem outra consistência. O autor examina a vida dos trabalhadores de fazenda de cacau com uma visão ampla do problema, e não sacrifica o interesse humano do drama ao pitoresco. Do ponto de vista literário é bem escrito, sem abuso de detalhes descritivos; os quadros da vida das fazendas são apresentados esquematicamente. Tem movimento, naturalidade nos diálogos. Os personagens têm bastante realidade, se bem que a filha do coronel lá para o fim do livro dê uns palpites que a gente fica pensando que o autor quis fazer literatura. Discordo de alguns críticos que acharam abuso de palavrões no romance. Acho os palavrões enquadrados ali com muita espontaneidade, não se descobre preocupação de exotismo, de efeito, no escritor. O palavrão é necessário, é desforço, um desabafo, chega mesmo às vezes a ser um elemento lírico. Com este livro entra Jorge Amado para o 1º team dos novos escritores brasileiros.

³ MENDES, Murilo. “Nota sobre *Cacau*”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, set. 1933, p. 317.

*Calunga*⁴

Poderão objetar que Jorge de Lima neste livro poussa um problema e não indica sua solução. Entretanto a solução compete aos políticos, aos economistas, aos técnicos. *Calunga* é um esquema poderoso da vida miserável do Nordeste. E é um documento social de grande alcance, que atinge a realização artística justamente por ter sido escrito sem preocupação de tese ou propaganda política. Atualmente no Brasil há uma certa tendência a se considerar “literatura social” somente uma determinada expressão de literatura que visa enaltecer os postulados comunistas. É um erro, porque um escritor da direita pode perfeitamente ter uma compreensão social da literatura e da sua influência sobre uma coletividade. Pode-se mesmo dizer que não há nenhuma espécie de literatura que não seja também social. Jorge de Lima compreendeu a dupla função individual e social da literatura, colocando-se numa posição de equilíbrio. Se o indivíduo é anterior à sociedade, como poderá o escritor observar, reproduzir e recrear os fatos de significação social, se não construir a sua personalidade de maneira eficiente a poder julgá-los com acerto? A confusão em torno da literatura “proletária” aumenta dia a dia no Brasil, embora Trotski, Rosa Luxemburgo e outros já tivessem posto os pontos nos “is”. Esta chegou mesmo a escrever que o fim da arte é comover a alma humana, qualquer que seja a posição política do artista. É claro que não existe arte desinteressada, o que varia são os *alvos do interesse*. Nada mais interessado do que, por exemplo, a poesia religiosa, a poesia que converge para Deus; pois que Deus é o supremo interesse. Jorge de Lima não é político nem economista. É um poeta e um artista. Mas como a poesia é uma das chaves do conhecimento da vida, ele serviu-se deste meio para mostrar aos outros homens a miséria do nordestino, suprimindo assim a imperfeita sensibilidade alheia, pois a função da arte é eminentemente educativa, e, como se sabe, esta precede muitas vezes à ciência.

O dedo indicador de Jorge de Lima, poeta e médico, *aponta* ao outros a doença que ele mesmo não sabe ou não pode curar. Que venham outros auxiliar. Até o momento presente não conheço nenhum romance de esquerda que possa contrabalançar *Calunga*. A grandeza individual do homem perde-se diante da terra que o acaba esmagando com sua força bruta e suas doenças a que nenhum paliativo reformista dá jeito. Sente-se que só uma transformação da estrutura econômica da sociedade poderá melhorar aquilo. Há no livro uma espécie de força genésica que não abandona nem uma de suas páginas. A atmosfera da ilha, com sua imundice, sua flora e sua fauna, que às vezes assumem mais importância que o próprio homem, a

⁴ MENDES, Murilo. “*Calunga*”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, ago. de 1935, p. 291.

degradação dos instintos, tudo isso pesa sobre a gente como a própria maleita que é um dos personagens centrais do livro. A façanha de Pióca com os cabras do Delegado é uma página de agilidade incrível. Anna, embora esquisada, é uma admirável figura feminina, extremamente humana. O Santo, símbolo da falsa religião do Norte, e o Coronel Tôô, são duas fortíssimas criações. A novela é lançada em linhas muito simples, mas às vezes atinge quase o épico, como no final, em que as duas gerações personificadas no Coronel Tôô e no Doutor Lula se fundem numa mesma unidade de miséria, absorvidos pelo redemoinho que eles não souberam vencer. Um ou outro preciosismo enfeia o livro. Algumas concessões à modernice, que já passou e já está ficando pau. Mas uma força poética muito grande, servida por uma boa documentação realista. Sem dúvida, um dos grandes livros da literatura brasileira, em todos os tempos.

Ismael Nery, poeta *essencialista*⁵

A vida de Ismael Nery é o maior monumento da sua poesia. Essa vida complexa, tumultuosa e matemática, foi constante afirmação de poesia. Para Ismael a poesia não consiste, em última análise, no cultivo dos “estados de alma”, nem na contemplação das formas exteriores, nem em divagações abstratas: é a antecipação de um estado sobrenatural que o homem só atinge depois de passar por todas as experiências da sensibilidade e da inteligência. Ismael não podia ver o homem fixado num determinado instante de vida; procurava descobrir as raízes desse indivíduo, examinar a existência de seus antepassados, sua infância, seu ambiente moral e físico, seu desenvolvimento no tempo e no espaço e as possibilidades da sua projeção no futuro. Daí a sua indiferença diante de toda a representação poética limitada ao registro de sensações epidérmicas, ou de impressões e anotações imprecisas, aéreas, que formam geralmente o lastro da bagagem dos poetas. Reconhecendo a deficiência da realização artística, preferia praticar a poesia, em vez de escrevê-la. Ismael, como disse no princípio, deu na sua vida diária o mais importante testemunho da potencialidade do seu gênio poético. E nos seus quadros, nos seus inumeráveis desenhos e em alguns poemas que consegui salvar da destruição, indicou o caminho dos mundos que nasciam e renasciam na sua cabeça poderosa. Somente nos últimos meses de sua existência é que Ismael começou a tentar a representação da poesia escrita. Estou certo que, logo sejam revelados, certos poemas seus como *Os filhos de Deus*, *A virgem inútil*, *Eu e o Poema post-essencialista*, entre outros, comoverão a todos os que os lerem pela sua complexa substância poética e pelas suas raízes biológicas, – mas sem preocupações cientificista, é claro.

Os contatos de Ismael com o plano intemporal determinaram nele uma trepidação poética que se estendia aos que lhe estavam próximos e rasgava as fronteiras do mundo natural. Junte-se a isto uma prodigiosa compreensão das formas plásticas e de seu dinamismo, uma sensualidade universal que desejaria gravar para sempre todas as formas que receberam em diversas épocas o batismo da visão de Ismael. Eis a equação da poesia de Ismael Nery: sensibilidade micrométrica mais visão intemporal dos acontecimentos. O registro dos diversos fenômenos da sensibilidade é necessário ao poeta como elemento de conhecimento da matéria poética; entretanto não deve o artista se deter nesse campo, do contrário se tornará um escravo do seu próprio temperamento. Atingindo, por experiências biológicas certas, pelos cálculos da inteligência, uma zona moral construtiva, o poeta elimina conscientemente as tendências que

⁵ MENDES, Murilo. “Ismael Nery, poeta essencialista”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jul. de 1934, p. 268.

lhe causavam repulsa, isto é, as tendências supérfluas – em todos os setores da atividade humana – chegando assim a realizar a vida “essencial”. Portanto: primeira etapa da aventura da poesia – organização da matéria poética, dos elementos de conhecimento biológico, podendo ser empregados todos os meios que se acham ao nosso alcance, inclusive os meios mecânicos; segunda etapa – penetração na ordem sobrenatural, que começa no amor e na caridade, até atingir o plano supra-terrestre: este nos dará a plenitude de nosso ser definitivo, conforme as revelações de Jesus Cristo, o poeta máximo, pois pregou a poesia que não muda, a que resiste a todos os preconceitos, a todos os modismos – enfim, a poesia dos grandes temas necessários à conservação da unidade do homem, a poesia “essencial”. Resumindo: a poesia começou no instante da criação do mundo, continua no plano temporal e se completará um dia na eternidade. A teoria da poesia segundo Ismael Nery – da qual traço aqui apenas um ligeiríssimo esquema – não será talvez devidamente apreciada, isto porque o que vem caracterizando os chamados poetas modernos é a ausência total da poesia que se observa na vida e na obra deles. Salvo raras exceções, esses poetas fazem questão fechada de se afirmarem como anti-poetas, chegando mesmo a demonstrar profundo nojo diante de toda manifestação de poesia.

Quanto à aproximação que procurei estabelecer entre a poesia essencialista e o plano poético do catolicismo, lembrarei que Aníbal Machado, com sua reconhecida lucidez e penetração crítica, e com a responsabilidade que lhe advém da sua aceitação dos postulados marxistas, não hesitou em escrever: “Ismael não pode ser compreendido à luz dos elementos mais correntes na interpretação dos homens”. E insiste: “Esse artista passará incompreendido, se julgado pela escala normal dos valores humanos”. É que Ismael só poderá ser de fato explicado á luz da revelação católica. A Igreja de Jesus Cristo, pela sua doutrina, pelos seus dogmas, pelos seus ritos, é a única entidade capaz de conferir ao homem esse estado de “supernaturalidade” a que Breton alude no manifesto do surrealismo, e que em vão os poetas desse grupo procuram encontrar na deformação de certas lendas, nas especulações espíritas e na representação automática das ideias e das imagens. A Igreja cristã, sim, é completa: na sua concepção do mundo figuram os dois planos, o realista e o supra-realista. As representações do espírito essencialista no campo poético têm-se manifestado: nas últimas fases de desenho e pintura de Ismael; em alguns poemas em prosa e em verso que ele escreveu; e em vários poemas que tenho escrito. No meu primeiro livro publicado, *Canto do noivo, Vidas opostas de Cristo e de um homem, Alma numerosa, Poemas sem tempo*, são amostras da poesia pré-essencialista – além da 1ª parte do meu livro *Deus no volante*, ora no prelo e em outros livros meus inéditos. Se se reconhecer um alargamento do campo poético nos poemas que vou publicar sob a rubrica *Poemas essencialistas*, que esse mérito recaia sobre o nome de Ismael Nery. É difícilimo

demonstrar num ligeiro artigo as possibilidades da poesia essencialista. Oportunamente serão divulgados diversos documentos que a elucidarão melhor. Por hoje me limitei a dar – a confirmar, aliás – o testemunho público de que vi, ouvi e toquei o imenso poeta Ismael Nery, que, morrendo, me converteu à lei de Jesus Cristo, fonte da poesia viva.

A Poesia e os Confusionistas⁶

Continuam os confusionistas a oferecer palpites errados em matéria de poesia. No último número da revista *Movimento* (Outubro de 1935, Rio) o professor Hermes Lima sai-se de seus cuidados para afirmar dogmaticamente que “Castro Alves é toda a poesia brasileira” (sic). Eu não tenho o prazer de conhecer pessoalmente o professor Hermes Lima. Acredito que ele conheça muito bem assuntos de direito. Em assuntos religiosos e eclesiásticos posso afirmar que ele boia – e pretendo oportunamente comentar alguns artigos seus sobre a Igreja Católica, em que ele se mostra um perfeito desconhecedor do assunto. Em questão de poesia temos agora a sua chapa radiográfica: esta inesperada declaração a respeito de Castro Alves. Não resta dúvida que Castro Alves é um dos grandes poetas brasileiros. E que seus dois poemas libertários, *Vozes d’África* e *Navio Negreiro*, contam-se entre as melhores coisas que jamais se escreveram em verso entre nós. Daí para se concluir que “Castro Alves é toda a poesia brasileira”, vai um abismozinho... O professor Hermes Lima querera se candidatar a “desmemoriado do Rio de Janeiro”? O professor, ao escrever isto; descobriu que iria ficar muito cotado entre os esquerdistas. Sentiu-se imediatamente vermelho, rubro, e saiu para a rua, pronto para fuzilar burgueses e atacar bancos. De repente notou que a arte possui um conteúdo social.... Que novidade! Pena é que eu seja o autor do livro *História do Brasil*, classificado pelo insuspeito Mário Pedrosa como um dos poucos livros nossos em que se afirma forte simpatia pelos oprimidos, e tenha escrito neste mesmo *Boletim* uma nota sobre *Calunga*, onde se pode ler que não existe propriamente uma arte desinteressada, nem mesmo a poesia religiosa! Ilustre professor, por que não deixa a poesia em paz? O direito e a economia já dão muito assunto...

No último número de *Momento* (Recife), o crítico Valdemar Cavalcanti, a propósito da *Antologia de poetas modernos* organizada por D. Milano, põe mais uma vez as manguinhas de fora. A inteligência é severamente poupada, nessa crônica... Começa o crítico estranhando o título, pois que entre esses poetas modernos figuram quatro mortos! ... Esta é muito boa. O camarada Cavalcanti positivamente não está regulando. O mais curioso é que linhas abaixo ele censura o organizador da antologia porque não inclui Rodrigues de Abreu e Manuel Maia Júnior entre os nossos modernos poetas. Isto é, dois poetas mortos – e bem mortos. Tão fracativos, coitados, salvo o devido respeito... D. Milano, no prefácio, alude à influência que, de qualquer maneira, exercem as ideias da revolução social sobre os poetas atuais, vem o camarada Cavalcanti, e, não se sabe se ingênua ou maliciosamente, pergunta ao A. se ele se refere à

⁶ MENDES, Murilo. “A Poesia e os Confusionistas”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, dez. de 1935, p. 63.

“revolução” de 30! ... Francamente, a má-fé também deve ter limites.... Aconselho o camarada Cavalcanti a consertar os óculos e tomar o caminho que indiquei ao professor Hermes Lima. A propósito: devo esclarecer que não há a menor referência a D. Milano na nota que publiquei aqui mesmo sobre Manuel Bandeira e a poesia – e onde se fala em “literatos à milanesa”. O fato de ser inédito não impede D. Milano de ser, como é, um dos grandes poetas do Brasil. Portanto, com muito mais autoridade para organizar uma antologia, do que o camarada Cavalcanti, que é um anti-poeta e um mau crítico. Deus me livre de pensar que ele não possa vir a ser um excelente vulgarizador de programas políticos!

* * *

No mesmo número de *Momento* ataca-se fortemente o livro *Tempo e Eternidade*. A nota não está assinada, mas pelos modos foi escrita por um dos dois Juremas – Aderbal ou Odorico – ou então pelo citado Valdemar, que também é jurema. O juremismo é um fenômeno que vai se alastrando assustadoramente. Tende a absorver o Exército do Pará... As características principais de seus adeptos são: a falta de formação artística, a cultura apressada, – ou melhor, a incultura proletária, o ódio a todo indivíduo que não se declara soviético, e a obsessão que têm em se julgarem donos da história. O juremismo está fecundando maus poetas, críticos unilaterais, sociólogos à milanesa, romancista por receita, etc. O pior é que um homem da inteligência e da cultura de Aníbal Machado vem prestigiando, por excesso de polidez, o movimento juremista... Afirma o crítico de *Tempo e Eternidade* que o meu companheiro Jorge de Lima e eu nos cobrimos de ridículo, escrevendo poemas a Jesus Cristo. Pela minha parte, digo que esse livro gira principalmente em torno de Cristo e da minha musa. Cristo é o supremo Poeta. E a minha musa, posso assegurar que é belíssima. Deus e a mulher continuam a ser grandes fontes da poesia, queiram ou não queiram o passadista Marinetti e todos os juremas. Salvo se a mulher é pavorosa, como, por exemplo, madame Krupskaja, que eu já vi no metrotone. Pobre Lênin...

Manuel Bandeira cai no conto do vigário⁷

Parece mentira. Mas infelizmente é verdade. Não seria um outro Manuel Bandeira, um homônimo do poeta de *Libertinagem*? Já existe um outro Manoel Bandeira, desenhista. Mas não. Era mesmo o de *Libertinagem*, porque a notícia vinha acompanhada de retrato (*A Noite Ilustrada*, de 25-9-1935). Insofismável. O conto do vigário consistia nisto: uns malandros, uns espertos andaram espalhando esta coisa inverossímil: a poesia já deu o que tinha de dar. A nossa época é do ensaio, da crônica, do romance. A urgência da questão social não permite poesia. Os poetas vivem à margem da realidade. A poesia está liquidada. A questão social a matou. Quem falava assim eram ensaístas, eram romancistas aflitos para venderem seus ensaios e seus romances. Para tal era necessário boicotarem a poesia. Todos esses cidadãos começaram a aplicar sanções contra a poesia. Surgiram depois outros pândegos que “descobriram” à última hora a questão social e resolveram que a poesia está falida. E outros pândegos endossaram essa declaração. E puseram isto nas folhas. E vieram artigos, ensaios, discursos, estudos, meetings contra a poesia e os poetas. Alguns tímidos resolveram botar uma fichinha na “poesia proletária”. Achavam que a “poesia proletária” se salvaria do dilúvio da poesia. A poesia proletária seria a família de Noé da antiga literatura. Vieram outros primários, outros ingênuos e outros pândegos. Tentou-se formar a frente única contra a poesia. A postos, críticos, ensaístas, comunistas de café, “simpatizantes”, literários à milanesa, políticos, romancistas, editores! Pronto. Acabou-se a poesia. O mais espantoso é que vejo um homem inteligente, um dos melhores poetas do Brasil, aderir. Ou quase aderir. Pelo menos é o que se depreende da citada entrevista de Manoel Bandeira. Lê-se ali, entre outras, esta incrível declaração: “Os livros dos nossos romancistas atuais – os Lins do Rego, Amando Fontes, etc. – nos arrancaram com grande força de solidariedade humana às nossas preocupações individuais”. Esfrego os olhos, torno a ler, e a frase sinistra lá está. Acho muito bons os livros de Lins do Rego e Amando Fontes, mas não acredito que eles tenham arrancado Bandeira de suas preocupações individuais. Será que Bandeira tenha se tornado também confusionista, virando de repente “coletivista”, negando valor e a importância do indivíduo?

O contato imediato com a poesia social superou a própria poesia, diz Bandeira. Há engano. É preciso tomar a sério a questão social. Isto não impede de tomar também a sério a poesia. A poesia não poderá acabar enquanto houver um alento de vida no mundo. *A poesia não pode ser interrompida porque existe a questão social*. Isto é para os trouxas. Quanto a mim,

⁷ MENDES, Murilo. “Manuel Bandeira cai no conto do vigário”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, nov. 1935, p 88.

acho formidável ser poeta; sei que a poesia é eterna, definitiva, inexpugnável – e que todos os políticos, economistas, “simpatizantes”, críticos, editores e ensaístas não prevalecerão contra ela. E muita gente boa pensa como eu. Manoel bandeira, quando fará você a sua “amende honorable”?

Atrairei tudo a mim (S. João, XII, 32)⁸

A POLIDEZ DIVINA

Um dos aspectos da Igreja que mais me atraíram nas vésperas de entra nela, ou por outra, nas vésperas de voltar para ela, foi o da sua largueza, da sua universalidade de vistas. “Uma, santa, católica, apostólica”. Foi a catolicidade, dentre estas quatro notas fundamentais, a que mais me seduziu. Incorporei-me no catolicismo, não para me diminuir, mas me aumentar. Este espírito ecumênico da Igreja é o espírito do próprio Cristo que reuniu na sua Pessoa divina e humana a síntese de todas as qualidades positivas. É por isto que me entristeço quando vejo católicos se afastarem deste espírito universal da Igreja, que acolhe com um gênio incomparavelmente realista todas as manifestações de atividade que pelo menos tangenciem a verdade cristã. Tenho tido ocasião de folhear revistas e jornais católicos do Brasil onde se criticam escritores, poetas, romancistas, etc., que não são confessadamente cristãos, com um azedume e uma deselegância impróprias em discípulos d’Aquele que, na sua suprema polidez. Declarou no Sermão da Montanha: “Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem e caluniam. Para que sejais filhos de nosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o sol sobre bons e maus, e chover sobre justos e injustos”. (S. Matheus, V- 44, 45).

CRISTÃOS DISTRAÍDOS

É sabido que o individualismo burguês que nasceu da Reforma, tendo quebrado o conceito de comunidade, insinuou-se até mesmo no seio da própria Igreja Católica, provocando a decadência religiosa que se estendeu até fins do século passado, determinando reflexos inevitáveis na arte e na literatura. Nós somos terrivelmente responsáveis uns pelos outros. Assim como o pai é responsável pelo filho, o educador o é pelo aluno, e nós todos somos responsáveis pelos que estão próximos de nós. A Igreja sentiu vivamente o perigo da influência do individualismo burguês sobre a sociedade, reagindo a tempo com a restauração de grande conceito do Corpo Místico de Cristo; respeitando a personalidade de cada cristão, mas fazendo-o inserir na comunidade total. Ora, muitos dos escritores e artistas que não estão oficialmente integrados na sociedade católica, e que mesmo a combatem às vezes, o estão indiretamente,

⁸ MENDES, Murilo. “Atrairei tudo a mim (S. João, XII, 32)”. *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, jan. 1937, p. 106-107.

mesmo porque ainda perduram vestígios vivos do espírito católico, apesar de todas as deformações. Escrevia eu há tempos no Boletim da Sociedade Felipe d'Oliveira que nosso caro Manoel Bandeira (um dos poucos que foram além do exame vestibular da poesia) é um poeta pré-católico – talvez sem o saber, pois que me declarou uma vez não gostar de catolicismo. Depois da publicação do Boletim, o poeta em conversa comigo esclareceu que não tinha se referido à religião católica, e sim àqueles católicos que pretendem transformar a Igreja num partido político. Respondi a Bandeira que “pretendem, mas jamais conseguirão, a Igreja é uma sociedade eminentemente religiosa, mas aconselha seus fiéis a exercerem a atividade política que organiza o bem da Cidade terrestre”.

Anti-católicos e acatólicos são nossos irmãos transviados. Pertencem todos ao Cristo. Para falar franco, acho que Jorge Amado, José Lins do Rego e outros, embora não rezem e batam no peito, são muito mais cristãos do que certos frequentadores de igreja que tiram o chapéu diante do Banco do Brasil. Também é preciso não esquecer que, mesmo do ponto de vista rigorosamente religioso, o são de fato, pois não me consta que tenham renegado sua qualidade de batizados; que excelente discípulo de Cristo não faria, por exemplo, esse Jorge Amado, que vive a lidar com o mar, com redes, peixes e pescadores! José Lins do Rego, que também se inclina de preferência sobre os humildes e sofredores, que o Cristo e a Igreja sempre olharam e olham com especial dilação. Convém lembrar aqui que José Lins do Rego publicou em 1932 um artigo intitulado “O Brasil precisa de catolicismo”, e fez uma conferência há 4 ou 5 anos no Norte, em que exaltava o catolicismo e dava um viva a Cristo Rei; artigo e conferência que ele não renegou, conforme me autorizou a declarar aqui. É realmente escandalosos ver um católico taxar de comunista todos os escritores que estudam com carinho a vida dos miseráveis e dos explorados, quando é justamente este o setor da vida que um discípulo do Redentor deve examinar com especial cuidado. A que ponto chegou a descristianização do mundo! Não resta dúvida: como diz a Igreja, o primeiro dever dos católicos é converterem-se ao catolicismo.

CATOLICISMO E PURITANISMO

Folheando há dias uma revista católica brasileira, dei com um artigo em que o autor sugeria que se proibisse a importação de livros de Lawrence, como imorais! ... Achei espantoso. Imoral, Lawrence, esse poeta extraordinário que, pagão, faz na *Defense of Lady Chatterley* um magnífico elogio do casamento católico; esse Lawrence que possuía, talvez sem o saber, um conceito quase litúrgico do amor, que torna o homem participante da natureza divina. Nós católicos, estamos muito mais próximos do espírito pagão, do que do espírito burguês. É claro

que estamos muito acima do paganismo, como de tudo mais. Porque a revelação de Cristo jamais será superada. Mas quero acentuar que estamos longe do espírito burguês e do puritano. Estou vendo que há católicos que não podem ler Mauriac. Que não podem ler Santa Theresa de Jesus. Por causa de alguns palavrões, não podem ler Léon Bloy. Não poderão ler a Bíblia... Discípulos do Cristo, que andava no meio das prostitutas e dos fariseus (para convertê-los, sem dúvida). Fieis desta Igreja que enviou ao mais violento de todos os anticlericais – a Voltaire – um pedacinho do hábito de S. Francisco de Assis, padroeiro da Ação Católica! ...

TÉCNICA DE CRISTO

Sei muito bem que nem todos os católicos brasileiros têm um espírito tão estreito – e tão mau gosto. Há muitos que sabem distinguir a intolerância dogmática da intolerância social. Mas esses errados aos quais me referi são os que mais aparecem, através de jornais e revistas. Desfiguram a Igreja diante dos que não conhecem sua totalidade. Permito-me lembrar-lhes que todos devemos – não repelir, mas atrair, meditando continuamente e realizando as divinas palavras que encimam este artigo.

Dom Casmurro

O Perfil do Catolicão¹

O catolicão tem quase sempre mais de 30 anos. Na adolescência e na primeira mocidade o homem é generoso, idealista, impulsivo, frondeur. Raramente poderá ser um catolicão.

* * *

O catolicão vai pontualmente à missa aos domingos (embora muitas vezes ignore o que se passa no altar). Contribui com uma pratinha para as despesas do culto, assina A União, confessa-se e comunga-se uma vez por ano, pertence a uma irmandade ou associação e discute política com o vigário.

* * *

O catolicão recebeu a religião como se recebe de herança um terreno, uma apólice, alguns contos de réis. Sabe que sua religião é muito boa; mas não sabe por quê. Diante dos ataques nosso herói permanece mudo. Não exhibe nenhum argumento. Ou então se irrita, fica vermelho, encolerizado, solta uns urros e abandona o campo declarando que religião "não se discute".

* * *

O catolicão não conhece, não estuda a Bíblia. "Essa coisa de Bíblia é para os protestantes..." Em vão a gente mostra ao nosso homem a encíclica de Bento XV, *Spiritus paraclitus*, onde o Papa insiste sobre o valor da palavra de S. Jerônimo: "Ignorar as Escrituras, é ignorar o próprio Cristo"; o catolicão dá de ombros, achando que a Bíblia é "muito complicada...", e mergulha a cabeça no venerado jornal conservador, bússola infalível de suas opiniões.

* * *

O catolicão, se não conhece a Bíblia, muito menos conhece a liturgia, que é a Bíblia encarnada e vivida. O catolicão geralmente desconfia do culto. Pensa que o culto é composto de cerimônias convencionais que poderão ser abolidas com a evolução dos tempos... Não sabe, por exemplo, que Os Evangelhos, tendo sido escrito 30 anos depois da morte do Salvador, foram pregados, vividos nas reuniões das assembleias — igrejas —, na comunidade da fração do pão, e que a Igreja vem observando mística e historicamente esta continuidade litúrgica através dos séculos, pela qual nos sentimos irmanados aos primeiros apóstolos e discípulos, e por eles ao próprio Cristo.

* * *

¹ MENDES, Murilo. "Perfil do Catolicão". *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 8, 10 jul. 1937, p. 2.

O catolicão lembra-se de Deus nos apertos, nos momentos decisivos de aflição — e quando tem dor de cabeça. Para o catolicão, Deus é cafiaspirina. O catolicão admira na Igreja a defensora das categorias secundárias — a ordem pública, a propriedade privada etc. Não lhe convém saber que a Igreja opina que a propriedade privada deve se estender a todos - e não a uma minoria gananciosa que baseia muitas vezes seus bens sobre as explorações dos mais fracos. Que a Igreja impõe limitações a essa mesma propriedade privada - e que admite, conforme a necessidade dos tempos, a coletivização de certas propriedades e de certos serviços públicos. O catolicão não quer saber das razões doutrinárias, teológicas, ou determinadas pela experiência histórica, que levam a Igreja a expor sua concepção da propriedade; porque as razões dele, catolicão, são as do estômago.

* * *

O catolicão não se incomoda que a filha seja bolinada nos chás dançantes de caridade (proibidos pelo Papa), mas atira logo a primeira pedra quando sabe que alguma moça (levada talvez por um impulso amoroso sincero) deu um mau passo. O catolicão recebe de mau humor o pobre sujeito que lhe vem pedir um auxílio. Mas empresta a juros a 10% ao mês, não podendo ignorar que a Igreja sempre condenou tão violentamente a usura que os homens do comércio, para tapeá-la, forma obrigados a inventar a nota promissória.

* * *

O catolicão, quando avista uma igreja, finge consertar os cabelos para se descobrir diante do símbolo augusto de sua fé - a Cruz. Mas, ao passar diante do grande industrial, ou do Banco do Brasil, tira o chapéu até o chão, numa vasta reverência.

* * *

O catolicão não procura conhecer o pensamento da Igreja a respeito das grandes questões e dos problemas que agitam o mundo. Relativamente à questão social, ele acha que há muito exagero, que os operários são muito bem pagos, que a polícia resolve tudo, e que "essa gente, o que precisa é de cadeia". Quanto aos últimos Papas que se levantaram contra o liberalismo econômico, contra o individualismo burguês, e que apresentam as diretrizes seguras que deverão presidir a nova sociedade comunitária cristã, o nosso amigo os acha "políticos". Quanto ao Pio XI, é um marxista, um comunista. E quanto aos comunistas: São demônios, filhos do inferno, aliados do Satanás (linguagem também frequente na boca de certos padres). Não adianta explicar que a Igreja, pela voz de seus mais autorizados guias, manda distinguir a intolerância dogmática da intolerância social: não adianta apresentar a encíclica de Leão XIII, *Graves de communi*, onde se recomenda uma serenidade, uma clemência, um amor especiais aos nossos adversários, considerados individualmente: O catolicão não quer ouvir, pretexta um

trabalho urgente, e toma o ônibus depressa, respirando satisfeito ao verificar que os cavalarianos passeiam para lá, para cá, sinal certíssimo de que tudo está em ordem na consciência do catolicão, no seu palacete, nos palacetes de seus respeitáveis amigos, e no universo inteiro.

* * *

O catolicão diz-se patriota. Ignora que os elementos vitais das raízes mais profundas que formam a Pátria são geralmente trazidos pelo povo, que trabalha mais, que luta mais, que constrói a língua, fornece materiais preciosos para o poeta, para o músico, para o cineasta, para o dirigente social. Confunde este são e forte patriotismo, pregado pela Igreja, com um nacionalismo estreito, mesquinho, condenado por ela. Um nacionalismo que não se incomoda com os nossos irmãos de outras pátrias, que é a navegação de consciência católica - isto é, universal, ecumênica; indigno de um discípulo daquele que se dirigiu a todos os homens, até a consumação dos séculos, recomendando-lhes: "Sede UM, como eu sou com meu Pai celeste". O catolicão se esquece de que a lei evangélica é extensiva não só ao indivíduo como à vida social e coletiva.

* * *

O catolicão possui um senso tão agudo de propriedade que acredita ser a burrice a propriedade dele só. Ninguém mais tem o direito de ser burro. Os catolicões tiraram patente. Um indício seguro para se reconhecer o catolicão: ele tem um incedível mau gosto em matéria de arte e literatura. O catolicão prefere tudo o que é insípido, incolor, aguado. Repugnam-lhes os alimentos fortes, os tons violentos, precisos. Em literatura é pelo bobalhão Coppée, em pintura pelo adocicado Bouguereau. Não sei se foi a Casa Sucena que determinou o catolicão, ou se foi o catolicão que determinou a Casa Sucena. Só sei que a Casa Sucena é um fenômeno alarmante - e, além do mais, generalizado. O casa sucenismo reflete-se não só nas imagens, nas estampas, como também na literatura, na música, no cinema, e até mesmo na teologia. O catolicão não aborda os livros de Dom Columba ou de Dom Vonier - mas sabe de cor páginas inteiras de Uma rosa desfolhada ou do Manualzinho da perfeita piedade. (Que encanto, que delicadeza, que mimo! ...) Quando se refere ao Cristo cita logo o "meigo nazareno". É claro que as solteironas carolas, as ratazanas de sacristia, acham o catolicão "de uma finura, de uma sensibilidade..." Deus me perdoe; mas eu perderia o ânimo de fazer uma oração diante de uma dessas feias imagens (ou bonitinhas demais), fabricadas em série, que inundam as prateleiras de todas as nossas casas sucenas e igrejas. A vida terrestre da segunda pessoa da santíssima Trindade, Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, é uma formidável obra de arte, do princípio ao fim. Uma transfiguração contínua. As oferendas que lhe entregamos devem ser produto de uma meditação profunda de uma intensa vida espiritual - e suas realizações orientadas de acordo

com os princípios evangélicos e com o espírito eterno da Igreja. Sendo o catolicismo uma doutrina de vida essencialmente dialética, deve o católico saber que todas as manifestações do espírito humano estão contidas no catolicismo, podendo ser compreendidas à luz do Cristo. Não deve, portanto, o artista católico fixar-se numa fórmula rígida, fixa, presa a uma época ou a um ambiente. Deve procurar o ponto de ligação entre todas as teorias artísticas que vão surgindo, de preferência as mais ousadas, as mais fortes e mais substanciais. O catolicão, sujeito tímido e de mentalidade tacanha, que não trata de engrenar sua cultura nas diversas correntes de espírito, que vão aparecendo no decurso dos tempos, é em grande parte culpado de que muita gente só possa ver na Igreja, essa mestra incomparável da arte, a cidadela da feiura e do mau gosto.

* * *

No dia de sua morte o catolicão terá uma bruta surpresa: vai constatar que Deus existe! ...

O catolicismo e os integralistas²

Diz Leão XIII, no final da sua famosa encíclica *Immortale Dei*: "Tratando-se de questões puramente políticas, do melhor sistema de governo, de tal ou tal sistema de administração civil, são permitidas honestas divergências com a Igreja. A justiça não suporta que homens de piedade reconhecida e espíritos dispostos a aceitar docilmente as decisões da Santa Sé sejam acusados como de um crime quando têm opinião contrária sobre os pontos em questão. Seria também injustiça ainda muito maior suspeitar deles, de sua fé, acusa-los de tê-la traído como Nós temos lamentado mais de uma vez".

Estas palavras solenes do grande Pontífice acodem-me ao espírito todas as vezes que leio certos artigos ou ouço certos comentários referentes à entrada de católicos para a Ação Integralista Brasileira. Está-se desenvolvendo em nossos meios católicos uma mentalidade errada em relação ao problema catolicismo-integralismo. Que o integralismo, como doutrina, não se oponha, em seus princípios fundamentais, à doutrina católica estou de acordo; mas que os católicos sejam obrigados a entrar para o integralismo afim de "salvarem" a Igreja, a religião católica e o Brasil... aí é que começa a briga. Torna-se necessário fazer alguns esclarecimentos, porque a confusão aumenta dia a dia, passando da esfera privada para a esfera pública: efetivamente, revistas e jornais católicos estampam artigos e opiniões firmados por nomes autorizados, não só do laicato como do clero, onde se chega a pregar a obrigação que têm os católicos de entrar para o Partido Integralista.

O Papa tem recomendado continuamente a necessidade de se desenvolver a Ação Católica em todos os setores da vida pública, mas de sorte a não ligar o catolicismo a nenhum regimento político, a nenhum partido político. O fiel não pode e não deve invocar a sua qualidade de católico para exercer atividade política neste ou naquele partido. Não pode servir-se da religião para fins políticos. Mas pode entrar em qualquer partido político que não seja condenado pela Igreja, desde que para isto sinta vocação. Portanto, pode entrar no Partido Integralista, que até o momento presente não recebeu desaprovação da Igreja.

Apresenta-se contudo o caso de muitos católicos que não aceitam o integralismo ou por questão de temperamento, ou por motivos políticos, ou por qualquer motivo ponderável. Se ele não aceita o integralismo, fatalmente terá de combatê-lo; daí para ser chamado herege, cismático, apóstata, etc., pelos adeptos do credo verde. Além disto, está se criando mais este dilema: quem não é integralista é comunista - ou então, faz o jogo do comunismo. E é muito

² MENDES, Murilo. "O catolicismo e os integralistas". *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 13, 5 ago. 1937, p. 2.

certo que publicações católicas aceitam artigos que exploram o já famoso dilema chegando a afirmar, que quem combate o integralismo é antipatriota, covarde, etc. Procuram fundamentar sua tese explicando que o integralismo defende as ideias básicas - Deus, Pátria e Família. (Já que a confusão é enorme, devo declarar que não combato de maneira alguma estas ideias! ...) E que os chefes principais do integralismo creem em Deus e se dizem mesmo católicos. Eu acharia tudo isto excelente, se os católicos mantivessem uma atitude discreta em relação ao integralismo e os que sentissem vocação política entrassem no partido e não procurassem envolver o catolicismo nas teias da politicagem. O que se está vendo, entretanto, é o contrário: frequentes manifestações públicas partidas de membros influentes do laicato e do clero, insinuando claramente que o integralismo deve ser o partido dos católicos; que defender o integralismo é defender a religião e a pátria etc. (Acho bom os interessados não me contestarem; possuo comigo a documentação sobre o assunto.) Deixo de lado os leigos, que são dirigidos; quero me referir agora somente ao clero, que dirige. Que os bispos se manifestem a respeito, respondendo aos fiéis que o[s] consultam sobre a possibilidade de entrar para o partido, nada há a estranhar; mas que os encorajem a ingressar no partido, vendo nele o único meio de defender a religião e a pátria - acho simplesmente espantoso. Não ignoro que em recente proclamação o Cardeal Verdier explicou que compete só à hierarquia eclesiástica intervir em matéria de doutrina. Mas não ignoro também, por outro lado, que a Santa Sé muitas e repetidas vezes têm publicado solenes documentos condenando a participação das autoridades eclesiásticas nas lutas políticas. O Brasil está muito longe do Vaticano!

Se o clero brasileiro - ou, por outra, uma parte do mesmo, pois felizmente não são todos os padres que se metem em política - continua com tal atitude, vamos ter de novo a questão religiosa no nosso país. Ou o clero absorve o integralismo, ou o integralismo absorve o clero. Aumentará consideravelmente a onda anticlerical, permitindo a confusão entre o temporal e o espiritual, de forma a autorizar a versão comumente explorada pelos nossos adversários, a de que a Igreja é um partido político.

Quero frisar que, embora não encontre uma incompatibilidade absoluta entre a doutrina integralista e a católica (deixando de lado a ação pública dos integralistas, que acho muitas vezes condenável), observo que certas práticas e processos do integralismo terão necessariamente que encontrar resistência por parte da Igreja. Quem quiser se convencer disto, leia o Monitor integralista de 10 de abril de 1937, onde vem descrito o ritual de batizado integralista. A infiltração pagã é manifesta em tal rito. Considero uma injúria à catolicidade do sacramento do batismo. E que tal acham os nossos caros bispos o artigo 88 do protocolo integralista (jornal citado): "Será permitida a colocação, nas sedes, da imagem do Cristo

crucificado, como símbolo do sacrifício por um ideal. O Cristo-Rei, Chefe da humanidade, vencedor de todos os chefetes políticos, das doutrinas temporais e de força, o Cristo, a Grande Realidade, símbolo do sacrifício por um ideal! ... E que dirá o nosso eminente Cardeal sobre a possibilidade da "nacionalização" da Igreja, da invasão das igrejas por tropas de choque e os anauês (pagãos, é claro) misturados às notas puras do canto gregoriano *católico*? ...

O Brasil católico, felizmente, não é composto somente de magnatas interessados em arrastarem a Igreja em combinações de ordem subalterna. Não nos esqueçamos que a palavra do Papa é clara. E o Evangelho é claríssimo. Todos os católicos sinceros, esclarecidos e conscientes, que não se filiaram à religião por razões de ordem política ou material, devem cooperar para que a Igreja de Deus, que deve se apresentar diante do mundo "gloriosa, sem ruga, santa e imaculada" (Efésios 5, 27) não se transforme na Igreja de César.

Integralismo, mística desviada³

O integralismo repousa em grande parte na mística do chefe temporal. Dá-se mesmo uma transferência da mística religiosa para o plano político. O integralismo oferece, na sua parte ritual, uma caricatura da liturgia católica que, mais cedo ou mais tarde, as nossas autoridades eclesiásticas terão que examinar. É justamente para o cidadão católico que o integralismo oferece perigo. Nada mais sólido e realista, na sua admirável plasticidade, do que a doutrina católica. O católico deve prestar uma obediência ilimitada a Jesus Cristo, e uma obediência limitada ao Papa, seu representante legítimo na terra. Se a obediência ao Papa é limitada, a obediência ao detentor do poder civil o é mais ainda. Respeitamos os poderes políticos, não resta dúvida; mas esse poder cessa onde principia o poder espiritual. O adepto de uma doutrina vaga, como por exemplo a teosofia, talvez não se dê mal no integralismo; é possível mesmo que passe a encarnar no chefe nacional a ideia do Chefe supremo, isto é, de Deus. Mas o católico sabe muito bem que Deus é distinto das pessoas e do mundo; Deus transcende todas as ordens, inclusive a ordem cósmica. E encarnou-se em Jesus Cristo, não em César. O chefe nacional (vide os protocolos e rituais - regulamento publicado no Monitor integralista n. 18) reclama para sua pessoa o direito de intangibilidade, proibindo mesmo os comentários de seus atos. E de se notar que nem o Papa exige isto de seus fiéis. O perigo que denunciei acima não existirá quando o católico já tiver a mentalidade formada. Mas poderá existir para o rapaz, para o estudante católico. O paganismo teosófico-cristão do chefe nacional entrou agora na fase delirante; a demagogia verde, sentinela avançada da propriedade burguesa, urra ao microfone, causando o sobressalto e a inquietude nos lares brasileiros. Em cada partidário das candidaturas José Américo e Armando Sales o chefe nacional vê um agente disfarçado do Komintern, carregando planos que infalivelmente farão saltar o Brasil pelos ares em 24 horas! Descontrolado, receando que o grosso capitalismo o suspeite de infidelidade, o chefe nacional faz afirmações que só poderão ser recebidas pelos católicos com as maiores reservas. No seu discurso de 12 de junho deste ano, no Instituto Nacional de Música, declara que o "Estado Integral transcende das formas políticas e do próprio pensamento filosófico. Porque o Estado Integral, essencialmente, é para mim o Estado que vem de Cristo, inspira-se por Cristo, age por Cristo e vai para Cristo".

³ MENDES, Murilo. "Integralismo, mística desviada". *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 14, 12 ago. 1937, p. 2.

O católico que não enxergar nestas linhas uma flagrante paganização do conceito de Estado (Estado total, absorvendo o espiritual, transcendendo-o até), ou é ignorante, ou então possui um grande número de apólices.

No mesmo discurso diz o chefe nacional: “O Brasil é como urna preciosa relíquia antiga, uma patena de labores nobres, uma espada de copos de ouro, que se reverencia e se beija de joelhos”. Transparece evidentemente neste período a transferência, a que aludi, do plano religioso para o político. Além disto, observa-se uma preocupação mórbida de divinizar a ideia nacionalista, em flagrante contraste com a doutrina católica, que manda conter nos seus justos limites a ideia de pátria.

A doutrina integralista incute desde cedo na criança um vasto amor ao chefe nacional. Abro o jornal integralista (que título prussiano, antibrasileiro, A OFENSIVA!) e vejo o retrato de pobres garotos de 3, 4 anos: O pliniano José, o pliniano Antônio... O menino cresce, vai para o catecismo, e aprende que é cristão, isto é - que pertence ao Cristo. "Vós sois de Cristo, e Cristo de Deus" (1 Coríntios 3, 23). Mas qual o que: o menino é cristão e pliniano! ... Ao grande nome de católico apostólico romano nada mais poderá se juntar. Católico apostólico romano pliniano - que absurdo!

No seu último discurso de 4 do corrente, o chefe nacional declara: “combater o comunismo, eis tudo!” Ora, esse tudo é muito pouco para o católico, que tem tarefas positivas a cumprir. A palavra de ordem da Ação Católica é “restaurar todas as coisas em Cristo”; a do integralismo é – “combater o comunismo”. Ora, o melhor meio de combater o comunismo é viver e propagar a vida cristã. Os Papas cansaram de repetir isto. Não é apelando para a polícia e para as forças militarizadas que se combate o comunismo; nem muito menos transformando o aparelho estatal em Onipotência.

No referido discurso o chefe nacional, intensificando o estado de alarme, não hesita em afirmar que “as famílias trabalhadoras brasileiras estão sendo arrastadas, sem o perceberem, para a ruína moral, para a prostituição, para a feira miserável de luxúria e animalidade que La Passionaria organizou, distribuindo virgens a criminosos e assassinos bestiais. Que o nosso coração bata do lado direito, do lado de Jesus Cristo. Que estas batidas despertem a nação cristã”.

Neste pequeno trecho o chefe nacional conseguiu desmandar-se completamente. Insulta a família brasileira e ousa esperar que as batidas do seu coração despertem a nação cristã. E no meio disto enfia o nome de Jesus Cristo, para impressionar os católicos. O chefe nacional arvora-se em salvador do país. A Igreja proclama incessantemente que o único Salvador é Jesus

Cristo: “pois não há sob o céu outro nome dado aos homens no qual possamos esperar salvação” (Atos dos apóstolos 4, 12).

Eis o perigo para o jovem católico: a transferência da mística de Cristo para a pessoa do chefe nacional. Jovem católico, não caias na esparrela. Sem dúvida tua religião te impõe o dever de cooperar no plano político para a edificação da cidade. Usa, pois, harmoniosamente, dos teus direitos e dos teus deveres políticos. Mas não te deixes impressionar pelo fanatismo e o messianismo político dos chefes integralistas. Reserva o melhor, o mais puro de tuas energias para o Chefe eterno, pedra angular, fundamento de tua vida total: para o Cristo, teu verdadeiro companheiro e amigo, que, prolongado até o fim dos tempos na sua Igreja, te oferece todas as inspirações de que precisares para o alimento de tua vida moral, intelectual e espiritual. Não te esqueças que o integralismo aproveita e canaliza em seu benefício os desvios e distrações da mística religiosa; e nisto ele se mostra hábil, não há dúvida. Mas tu não és teósofo, espírita ou protestante; és católico, representante da mística que, sendo loucura para o mundo, é equilíbrio para Deus. Não te intimides com os arreganhos cesarianos: nada pode contra o espírito. E, como diz S. João: “a vitória que vence o mundo é a nossa fé” (1 João 5, 4).

Resposta aos integralistas⁴

Respondo aqui ao escritor Tasso da Silveira, aos jornais que me atacaram, entre outros *O povo e Ação* e as cartas que recebi a propósito dos meus artigos “O catolicismo e os integralistas” e “Integralismo, mística desviada”.

A Tasso da Silveira: seu artigo não me convenceu coisa alguma. Através [d]o mesmo transparece a tese erradíssima de que ao comunismo deve-se opor o integralismo: tese perigosa, anticatólica. Tasso da Silveira declara que eu fracassei ao citar no meu primeiro artigo a palavra pontifical, porquanto o Papa recomenda nas encíclicas a criação do Estado Corporativista. Que faça, portanto, o obséquio de citar em que trecho dos meus artigos se lê uma linha, que seja, contra o Estado Corporativista. Na mesmíssima encíclica *Divini Redemptoris*, que ele cita com o evidente propósito de querer “me abafar”, o Papa escreve: “Se se pretende alcançar essa finalidade [desviar os povos do comunismo] com meios puramente econômicos e políticos, cai-se na trama de perigoso erro. Nem a força, ainda a mais bem organizada, nem os ideais da terra, sejam embora os maiores e os mais nobres podem dominar um movimento, que tem por base precisamente a demasiada estima dos bens terrestres”. O Papa apela para o Estado, no sentido de que este não entrave a ação espiritual da Igreja. Ora, no atual regimento político brasileiro, a Igreja goza de liberdade, constando mesmo da nossa carta política a tese de uma colaboração entre os dois poderes.

Não digo que a ação da Igreja não seja entravada, porque sei que o é por este ou por aquele motivo: mas, no caso presente, não o é pela hostilidade do Estado brasileiro. O integralismo, além de pretensioso, é pleonástico. Pretende vir a restaurar a dignidade e a moral das famílias por meio de suas ideias e da disciplina de partido invadindo um terreno que de direito pertence à Igreja. A ação integralista rouba parte das atividades próprias à Igreja e parte das atividades próprias à polícia. E pleonástico porque prega as ideias tradicionais que são fortemente prestigiadas pelo regime atual. Com efeito, o nome de Deus encabeça a nossa Constituição. O clero é respeitado e, mesmo, constantemente homenageado pelo governo. O conceito de pátria tem sido vastamente desenvolvido pela propaganda nos jornais, nas escolas, nos cinemas, na praça pública. A legislação brasileira apoia e defende a estrutura básica da família. Para que, portanto, um partido cujo chefe e cujos jornais usam a todo o instante uma linguagem anticristã, que falam frequentemente em “prestação de contas” e na perseguição implacável aos adversários? ... Para que essa ostentação antidemocrática e antibrasileira de

⁴ MENDES, Murilo. “Resposta aos integralistas”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 15, 19 ago. 1937, p. 2.

força, essas paradas militarizadas, esses comícios que semanalmente enlutam a família brasileira — para que, enfim, essa germanização da política nacional?... Fala-se muito no agente de Moscou, mas não se fala no agente de Berlim, nessa atmosfera de terror que o integralismo desencadeou ultimamente entre nós.

Tasso da Silveira, como todos, de resto, que falavam a favor do integralismo, cita a Espanha. É preciso agir para que não se reproduza aqui a matança de padres e o incêndio de igrejas. É justamente porque reflito sobre a Espanha que receio que o integralismo, caso tome o poder, venha a criar em nós um grande movimento anticlerical. Os fanáticos do integralismo (isto recuma [sic] claramente do artigo de Tasso) no seu deslumbramento messiânico, não reparam que a corrente antiintegralista avoluma-se dia a dia, criando dificuldades imensas ao partido se ele tomar o poder. O clero teria certamente uma participação muito pronunciada no governo. Ficaria focalizado, não como um agente espiritual, mas como um agente político. Ora, o principal trabalho da Igreja Católica na época atual consiste em libertar-se de incômodos compromissos de ordem política e temporal e que entravaram durante três séculos a obra da evangelização. A libertação da Igreja só poderá ser realizada pela Ação Católica, que é a continuação da obra da Redenção através dos tempos — e não pela sua aliança com partidos políticos, mesmo que estes contenham ideias excelentes, ideias rigorosamente católicas.

Tasso da Silveira descreve no seu artigo o mal-estar e a confusão do mundo moderno, e depois aplica o remédio para o Brasil: Integralismo! Seus argumentos, antes de serem irrespondíveis, como afirma, são o que há de mais "respondível". Mas talvez não valha a pena, porque o clarão integralista ofusca todas as inteligências do sigma...

A ação fascista e reacionária de Gil Robles como ministro da Guerra precipitou a revolução espanhola, atraindo para o clero o ódio da massa. O resultado foi o que se viu e o que se vê. Evitemos isto no Brasil. É indigno para um cristão o repousar sua confiança na força material. Tenhamos sempre os olhos fixos no nosso único Mestre, que desarmou o braço de S. Pedro e triunfou da milícia romana, tapeando os soldados que montavam guarda ao seu Sepulcro.

Vingança! Justiça! Ódio aos comunistas! Matemos os judeus! gritam os sigmáticos. Amor! Perdão! Clemência! Amemos nossos adversários! Preguemos-lhes a beleza e a universalidade do Evangelho! Adotemos o grego, o bárbaro, o russo, o judeu, o operário escravizado e lhes mostremos a superioridade da doutrina de Cristo encarnada na Igreja — devem responder os católicos. Porque, assim como os primeiros cristãos absorveram dialeticamente o helenismo e o judaísmo, assim nós, católicos, devemos absorver o fascismo e o comunismo, incorporando-os na corrente universal da redenção que arrasta, consciente ou

inconscientemente, os homens para o Cristo “que era ontem, é hoje e será para sempre em todos os séculos” (Hebreus 8, 8).

* * *

O Povo e outros jornais pretendem que eu queira dar lições ao clero brasileiro, insinuando que eu me insurgi contra a autoridade da Igreja. Não pega. Todos os católicos (inclusive bispos) que têm doutrinado sobre o integralismo, acentuam que o fazem individualmente como particulares e não como pastores ou como membros da Ação Católica. Se eu concordar, por exemplo, com o Padre Leopoldo Aires, que afirma (*A ofensiva*, 25/jul) ser a Ação católica *improdutiva e extemporânea* diante das atividades do comunismo ateu, estarei certamente contra o Papa. Se concordar com o Bispo de Aterrado, quando escreve (número de junho da *A União* dedicado ao comunismo) que “o integralismo é o único meio de ação atualmente capaz de impedir a derrocada tremenda que ameaça a religião e a pátria”, continuarei a estar contra o Papa. O clero brasileiro não são alguns padres e bispos. E eu me pronunciei contra os mesmos, *não como membro da Ação Católica, mas na minha qualidade de particular*.

Alguns estranharam que eu tenha me referido “de maneira duvidosa” ao grosso capitalismo e à propriedade burguesa. Declaro, portanto, para evitar confusões, que acato como autêntica, justa e equilibrada, a doutrina da Igreja sobre a propriedade. Exatamente por isto é que posso com toda a calma escrever que o direito de propriedade tem limites distintos suficientes para corrigir os erros e deformações do grosso capitalismo, que levaram em grande parte o mundo à presente ruína econômica. Isto se depreende de vários documentos de Papas e teólogos. Acredito que o atual regime político brasileiro disponha de forças suficientes para corrigir os erros da economia liberal, visto que a legislação social prevê uma intervenção do Estado na organização do trabalho, competindo à Igreja cristianizar os novos institutos que vão nascendo. E que o advento do integralismo agravaria o conflito do indivíduo diante do Estado onipotente — um dos males principais que a Igreja se esforça por debelar.

Breton, Rimbaud e Baudelaire⁵

Em um dos seus últimos livros, *Position politique du surréalisme*, André Breton afirma que a burguesia pretende reivindicar Baudelaire e Rimbaud como poetas católicos, quando na verdade eles foram uns revoltados, uns não-conformistas etc.

Não é preciso mais nenhuma prova para mostrar o quanto a paixão partidária obscurece a inteligência dos homens mais lúcidos. Antes de tudo, devo acentuar que duvido muito que à burguesia interesse que Rimbaud e Baudelaire sejam considerados poetas católicos — ou mesmo poetas simplesmente. A burguesia, de um modo geral, não se interessa pela glória espiritual do catolicismo — adere quase sempre à Igreja porque vê nela a defensora da propriedade individual. Nem mesmo a ordem superior que a Igreja prega — e que Baudelaire exaltou em mais de um poema — a burguesia compreende; confunde-a com a ordem policial. Em suma a burguesia é materialista e cética, pouco se incomodando com a religião autêntica e com a poesia.

Quanto ao caso de Rimbaud, admito reservas e dúvidas. Apesar do testemunho de Isabelle Riviere, sua irmã, segundo o qual o vidente de *Les illuminations* teria se confessado e comungado na hora da morte — e que necessidade teria essa criatura de mentir em tão grave assunto —, os céticos têm direito de duvidar, achando que na semi-inconsciência da agonia tudo é possível... Mas o fato é que a obra de Rimbaud está toda impregnada de um profundo sentimento cristão. *Une saison en enfer*, a começar pelo título! Sempre que o releio, lembro-me daquela fantástica Marie des Vallés — junto da qual Rimbaud é pinto — essa Marie des Vellés que Breton certamente desconhece — e que passou, não uma temporada, mas trinta e três anos no inferno... Nesse livro sombriamente, desesperadamente cristão que é *Une saison en enfer*, não desse cristianismo adocicado de Coppée ou Jammes, mas do cristianismo catastrófico de certos místicos da Idade Média. Que força religiosa, que intuição do martírio e do sacrifício! Queria morrer como Jeane D'Arc, perdendo! Vê levantar-se sobre o mar “la croix consolatrice”. Declara que “la débauche est bête, le vice est bete”, e que só o amor divino confere as chaves da ciência. “Dieu fait ma force et je loue Dieu”. Quando diz que “l'existence est ailleurs” e que “nous ne sommes pas au monde”, copia, talvez inconscientemente, as palavras de Cristo — que Breton naturalmente desconhece... “J'ai reçu au cœeur le coup de la grace!” E as palavras famosas — “changer la vie” — são as que São Paulo aplica ao cristão que deve deixar o homem velho — o homem formalista, o fariseu, que Rimbaud justamente

⁵ MENDES, Murilo. “Breton, Rimbaud e Baudelaire”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 16, 26 ago. 1937, p. 2.

detestava — para se revestir do homem novo, que enxergava todas as coisas à luz de Cristo, e assim transformar a sua vida e a do seu próximo. É a confissão definitiva, que só um espírito católico poderia fazer, a de que a solução de seu problema estava na caridade: “La charité et cette clef”, diz textualmente. Não a pretensiosa e artificial caridade filantrópica — burguesa burocratizada, mas a caridade que é a própria essência divina pela qual o homem participa da Divindade — o amor universal que impulsiona o homem a se despojar do seu egoísmo e a transfundir-se nos outros... Não preciso de me referir em detalhes a diversas partes das *Poésies* como “Les pauvres à l’église”, “Les sceurs de charité” ou “Les premières communions”, ou àquele magnífico poema “Génie” de *Les illuminations* que se refere evidentemente ao Cristo. Porque um livro como *Une saison en enfer* — que determinou a conversão de Claudel (é verdade que Breton considera-o um imbecil...) é suficiente para datar com vigor o espírito cristão de um poeta.

Quanto a Baudelaire, nosso caro Breton torceu de tal maneira a realidade e a evidência que quase nem valeria a pena comentar. Baudelaire é um poeta informado do catolicismo até a medula. Admito que não fosse pontual ao culto, mesmo porque viveu numa época agitadíssima e de grande decadência religiosa. O espetáculo do clero de mãos dadas com governos violentos e reacionários deveria esfriar bastante um espírito sincero e independente. Mas um homem que cultivava em alto grau ideias profundamente católicas, que tinha um conceito gravíssimo de pecado, de julgamento e de inferno como o iluminado de *Les fleurs du mal*, desautoriza pela sua obra a opinião de Breton. Baudelaire é um dos raríssimos homens que, a propósito da crítica de pintura e música, falam do pecado original. E não uma vez, mas muitas (vide *L’art romantique* e *Curiosités esthétiques*). No seu livro *Mon coeur mis à nu* — livro que transpira catolicismo em todas as páginas — declara que “a verdadeira civilização não consiste no gás, nem na máquina a vapor, nem nas mesas”.

A questão se resume nisto. Breton desconhece inteiramente o catolicismo. Ele julga que essa doutrina só pode abrigar os bem-pensantes, os carolas, os conformados com a mediocridade e os fanáticos da ordem policial. Engano puro. Pretendo mesmo que o catolicismo seja mais revolucionário e explosivo que o próprio marxismo. Enquanto o marxismo espera a destruição de uma classe — a capitalista — e a instalação de um confortável paraíso na terra — o otimismo de adolescente!... — o catolicismo espera a destruição do universo inteiro. Não ficará pedra sobre pedra...

Gostaria de mostrar a André Breton o relatório apresentado em abril de 1936, ao Congresso da Federação das Estudantes Católicas da França, pela secretária Renée Dupuy, no qual se transcrevem, entre outros, os seguintes conselhos de Henri Davenson no seu livro

Fondements d'une culture chrétienne — "Procurai a aventura, procurai em toda a parte vosso bem, e tomai-o audaciosamente. Para os puros tudo é puro: tudo que em vós pode refletir a luz eterna é digno de entrar em vossa cultura... No momento não deveis viver muito com vossos correligionários: não somos bastante numerosos, nem infelizmente — bastante puros. Amai os poetas malditos, os blasfemadores, os revoltados. E neles muitas vezes que encontrareis em toda a sua pureza a tensão desesperada da alma para a verdade". Esse relatório de moças estudantes recebeu a aprovação da Igreja.

Gostaria de ver a cara que havia de me fazer Breton se eu algum dia o encontrasse. Porque eu não poderia deixar de lhe explicar que ele é católico sem saber. No mesmíssimo livro *Position politique du surréalisme* ele afirma que o artista deve buscar suas inspirações no tesouro coletivo, na alma popular devido à solidariedade que liga os homens entre si. Ao escrever isto, transcreveu um dos princípios básicos do grande dogma da Comunhão dos Santos...

Cordeiros entre lobos⁶

A posição do católico no mundo moderno é a do mediador. “Eu vos envio como cordeiros entre lobos”, disse o Cristo. (Lucas 10, 3). O católico não deve atizar um homem contra outro, um grupo ou um partido contra outro. Nós somos mandados a este mundo como cordeiros entre lobos. Teremos que vencer pela generosidade, pela clemência, pela simpatia, pelo amor. E completamente errada essa divisão que hoje se estabelece entre direita e esquerda. Para o Cristo não há esquerda nem direita. Há homens que são limitados pelo mal: e justamente os que são mais limitados é que mais precisam da palavra de amor - isto é, os maiores pecadores. Na direita há muita gente safada, na esquerda há muita gente boa - e vice-versa. Os socialistas e comunistas que, mesmo sem o saber, seguem as leis de Deus muito mais do que certos católicos que batem no peito de meia em meia hora. A tal separação a que aludi me parece hoje tão artificial como a divisão do mundo em dois grupos - de um lado o proletário, bom, honesto, puro, santo, e do outro lado o burguês, corrupto, ladrão, sem-vergonha. Diante da mistura heterogênea das classes na sociedade (não só politicamente, mas intelectualmente falando) não se pode mais estabelecer uma regra fixa de distinção. Há dois meses atrás o deputado conservador católico La Cour de Grandmaison censurava em pleno Palais Bourbon o governo da Frente Popular pela sua timidez em executar as reformas sociais. Na mesma época o deputado radical-socialista Campinchi, violento anticlerical, declarava achar estúpida a luta contra a Igreja Católica. Os exemplos se acumulam e não cito mais por falta de espaço. Não quero dizer que não haja certos grupos bem definidos. Por exemplo, o grupo dos grandes banqueiros, industriais e capitalistas é francamente direita - e só consentirá em fazer reformas em benefício público, se a isto for constrangido pelo Estado, quase *manu militari*... É preciso que os católicos mantenham uma posição de equilíbrio, isto é, de mediadores. É claro que um católico não pode e não deve ser comunista. A condenação do comunismo antes de ter sido feita pelos Papas, já consta do Evangelho. A confusão atual é tão grande que um católico, ao anunciar princípios básicos contidos na lei evangélica, passa por comunista. A tarefa do católico hoje é imensa. Trata-se - nada mais, nada menos - de desemburguesar a sociedade evangelizando-a. Isto pode parecer uma loucura - principalmente aos olhos dos burgueses. Os católicos não podem se queixar da falta de trabalho... E necessário confiar menos na polícia e confiar mais no Evangelho. Os cristãos são muitas vezes tentados a acreditar que o Estado resolve todas as coisas, que a polícia é onipotente - e que, não havendo correrias nas ruas, está tudo muito bem.

⁶ MENDES, Murilo. “Cordeiros entre lobos”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 17, 2 set. 1937, p. 2.

Ora, mesmo que amanhã se instalasse no Brasil um governo forte que deportasse, ou mesmo fuzilasse, todos os comunistas brasileiros, o comunismo não acabaria entre nós. O comunismo esfriará quando os católicos resolverem viver pública e particularmente a vida católica em toda a sua grandeza e dignidade, dando aos outros o exemplo que convence. É o que se verifica hoje na França onde o catolicismo é respeitado e admirado pelos seus adversários. A Igreja observa através dos séculos esta doutrina - condenar rigorosamente o erro, é usar de indulgência para com o pecador. Não foi somente em séculos remotos que isto se passou. A doutrina continua ser aplicada até os nossos dias. Escreve Pio X na encíclica *E supremi apostolatus*: “A caridade paciente e benigna deverá ir adiante daqueles mesmos que são nossos adversários e nossos perseguidores, ‘Eles nos maldizem’ - assim o proclamava S. Paulo – ‘e nós abençoamos: perseguem-nos e nós suportamos; blasfemam-nos e nós rezamos’ (1 Coríntios 4, 12-3). Talvez até mesmo eles se mostrem muito piores do que são realmente. O contato com os outros, os preconceitos, a influência das doutrinas e dos exemplos, enfim o respeito humano, conselheiro funesto, levaram-nos ao partido da impiedade; mas no fundo sua vontade não está tão depravada como querem fazer crer. Também o Papa Pio XI, na encíclica *Quadragesimo anno*, no discurso aos bispos espanhóis e na encíclica *Divini Redemptoris*, continua a milenar tradição.

O católico deve ser um centro estabelecedor de relações; deve estar no meio de todos como o próprio Cristo, e não se contaminar porque toca em coisas impuras. O católico precisa estar no meio dos ateus e dos comunistas, procurando ocasiões oportunas para demonstrar que o ateísmo ou o comunismo não resolvem os grandes problemas da existência humana e que só o cristianismo os resolve. Aos que estranharem tal afirmação, responderei que o padre alemão Rossaint foi condenado no princípio deste ano a 11 anos de trabalhos forçados, por entreter relações com elementos comunistas; e que, tendo a imprensa nazista feito uma grande algazarra a propósito, o *Osservatore romano*, replicou que “se tratava de chamar à verdade divina os transviados, aquele era o apostolado mais útil e urgente” (Sept. 07/jun/1937).

Não sou anarquista. Reconheço ao Estado o direito e o dever de se defender contra todos os que pretendem subverter seus fundamentos. O que afirmo, entretanto, é que tal tarefa não pertence aos católicos portadores de uma mensagem de ordem sobrenatural que transcende todos os conceitos, inclusive o de pátria. Não se deve rezar ao chefe da polícia ou ao ministro da justiça; deve-se rezar a Deus por intermédio de Jesus Cristo Nosso Senhor. O grande e profético Papa Pio X, na sua já citada encíclica, escreve ainda: “Existe um grande número de homens que, impelidos pelo amor da paz, isto é, da tranquilidade na ordem, associam-se e organizam-se para formar o que chamam o partido da ordem. Ah! Que vãs esperanças, que trabalhos perdidos! Só há um partido de ordem capaz de restabelecer a tranquilidade no meio

da perturbação das coisas: o partido de Deus. É, portanto, este que devemos promover; é a ele que devemos trazer o maior número possível de aderentes”. Não vão chamar de sonhador o Papa Pio X, que tanto perturbou o sono dos estadistas franceses... Estas observações do santo Pontífice aplicam-se como uma luva ao atual momento político brasileiro. Realmente, o Partido Integralista e o grupo de moços católicos de Recife que dirige a revista *Fronteiras* estão acreditando - não duvido que animados de reta intenção - na regeneração do Brasil por meio de uma ordem política que eternize os princípios conservadores na esfera social e econômica. Quanto a mim, que me chamem de louco, já estou acostumado; mas eu só acredito na transformação do Brasil por um sopro poderoso do Espírito de Cristo, isto é, do Espírito Santo - e não pelo espírito do chefe nacional. No dia em que as almas estiverem renovadas por uma ação vivificante espiritual - isto é, procedente do Espírito Santo -, aí então haverá uma refração disto no plano político e nas instituições sociais. Esperar o contrário será trocar o efeito pela causa.

Aos que confundem minha posição com a do escritor francês Robert Honnert, que recentemente aceitou a aliança proposta pelos comunistas, respondo aqui que se enganam. Discordo de certos padres e bispos, mas não discordo da orientação suprema da Igreja. Robert Honnert é declaradamente anticlerical: eu não sou. Não é possível ser católico e anticlerical ao mesmo tempo. E não é possível também, ser católico e comunista ao mesmo tempo. Honnert está certo em algumas coisas, mas noutras errado. Não pode existir aliança doutrinária e política entre católicos e comunistas. Pode - e deve - haver aproximação humana cordial, para um melhor conhecimento mútuo que ajude a desfazer muitos enganos. E, como às vezes há discordância e oposição de pontos de vista entre os membros do clero, procuro me orientar pelo Evangelho e pela palavra pontifícia, absolutamente seguro de que a Igreja Católica “coluna e fundamento da verdade” (1 Timóteo 3, 15) restabelecerá o equilíbrio num mundo desesperado pela invasão das falsas doutrinas, das quais a mais nefasta é o comunismo materialista e ateu.

Prendam o Papa⁷

Aumenta de volume a confusão que se estabeleceu na nossa imprensa e em certos meios católicos em tomo da atitude de Jacques Maritain e de outros católicos franceses em relação ao fascismo em geral e à guerra civil espanhola em particular. A tática atual consiste em denunciar os antifascistas como comunistas. Já chamei a atenção para os agentes de Berlim e de Roma - entretanto, há quem só se impressione com o agente de Moscou... Duvido muito da sinceridade desses nacionalistas exacerbados que querem nacionalizar a nossa política e imitando os métodos germânicos e italianos... Já repararam que o título do jornal oficial integralista *A ofensiva* é traduzido do jornal *Der Angriff*, do Sr. Goebbels, um dos maiores inimigos do cristianismo?

É preciso desmascarar para sempre esta atitude farisaica de certa imprensa, a começar pelos jornais integralistas: a de pretender comprometer perante a opinião pública os intelectuais que se mostram ideologicamente adversários do fascismo, apontando-os como comunistas. Relativamente aos intelectuais católicos, tal atitude deve merecer a repulsa geral. Tal imprensa se coloca nitidamente contra o pensamento da Igreja. É preciso repetir em alto e bom som. Que noção têm esses teólogos de última hora da estrutura espiritual da Igreja, da vida sobrenatural que circula no Corpo Místico de Cristo, da solidez inabalável do dogma, do caráter transcendente da Hierarquia eclesiástica, da eternidade, das promessas do Redentor, para virem à rua de apito na boca, zelosos, concitando os fiéis em massa para aderirem ao fascismo para "salvarem" a Igreja? O fato não mereceria comentário se o público tivesse tempo de separar o joio do trigo e estudar a doutrina.

Mas grande parte dos leitores deixam-se guiar pelos jornais; premidos pelos afazeres e pelas vicissitudes da vida moderna não podem se dedicar a estudos especializados. E o jornal, que deveria guiar a opinião é o organizador da bagunça. Que existam grandes divergências entre o fascismo italiano o nacional-socialismo alemão e a doutrina católica, está escrito com todas as letras nas encíclicas *Non abbiamo bisogno* e *Mit brennender Sorge*. Mas há certos padres e certos jornalistas que conhecem e interpretam o catolicismo muito melhor que o Papa... Que é ardente o desejo da Igreja que os socialistas e comunistas voltem para a comunhão católica também está escrito com todas as letras nas encíclicas *Quadragesimo anno* e *Divini Redemptoris*, esta última deste ano.

⁷ MENDES, Murilo. "Prendam o Papa". *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro. n. 18, 9 set. 1937, p. 2.

Que o melhor meio de se promover esta volta é a restauração da vida católica, para que o exemplo se transmita aos transviados, também isto se afirma em vários documentos da Santa Sé - e não a implantação da Internacional Fascista e de um *imperialismo nacionalista* denunciado por Pio XI na encíclica *Caritate Christi compulsi* como um dos males da hora presente. Que a aproximação entre católicos e comunistas no plano humano e cordial (nada de aliança política ou doutrinária) seja útil e necessária à obra do apostolado, é a opinião da Santa Sé exarada num artigo do *Osservatore romano* (vide “Sept.” de 07/jun/1937). Que o capitalismo seja a *ditadura econômica*, e que seus desvios e abusos conduziram o mundo à ruína atual; que a propriedade individual tenha limites, que seu conceito tenha variado consideravelmente ao longo dos séculos; que a coletivização de certos bens pode e deve ser admitida para servir ao bem comum - tudo isto vem expresso categoricamente na encíclica *Quadragesimo anno*. Jornalistas! Integralistas! Catolicisantes! Catolicões! Prendam o Papa, este agente do Komintern!...

A confusão ultimamente aumentou conforme acentuei no começo em torno da atitude assumida por Maritain e outros escritores católicos franceses diante da revolução espanhola. Nos seus últimos números, o jornal *O povo*, simpático ao integralismo, tem a audácia de expor o retrato de Maritain ilustrando violentos artigos apontando-o como “traidor da Igreja” e “agente do Komintern”. Não só ele, com[o] seus amigos e admiradores. Se há um homem que pela sua vida exemplar, quase monástica, toda dedicada ao estudo e exegese da doutrina de São Tomás de Aquino, merece o respeito e a consideração de todos, esse é Maritain. Pela sua autoridade e serenidade de filósofo cristão, rigorosamente fiel à disciplina e obediente às diretrizes da Igreja, Maritain está realmente fora e acima dos partidos políticos, sendo as suas opiniões isentas de ódio, de parcialidade e independentes de interesses subalternos. É doloroso constatar que os jornais *O povo* e *O legionário* (de S. Paulo) nada mais fazem que acompanhar a atitude da revista *Fronteiras* de Recife, dirigida por moços católicos que infelizmente se consagram à ingrata causa de fazer perseguição individual aos seus adversários pelas colunas da revista. Nos últimos números da *Fronteiras*, a campanha contra Maritain assumiu feições assustadoras, sendo o eminente autor de *Science et Sagesse* apontado como bolchevista!... No número de julho lê-se que a “influência de Maritain aqui está levando alguns a olhar o comunismo com menos horror, não sabemos e talvez até como um mal menor do que o integralismo. A causa disto é a admiração demasiada e injustificada por Maritain como se fosse o maior filósofo e o maior santo do século XX”.

Não sei se Maritain é o maior santo do século XX porque ainda está vivo e a Igreja só faz canonizações, em regra geral, 50 anos depois da morte do candidato; mas que seus livros de

filosofia sejam tidos em alta conta, pela sua ortodoxia e segurança de doutrina, nos altos círculos da Santa Sé, é um fato que os redatores de *Fronteiras* conhecem certamente muito bem, pelo que se conclui que a referida nota... está envenenada.

Quanto ao manifesto em que Maritain e muitos outros intelectuais e escritores católicos exprimiram seu pensamento relativamente ao caso basco, os redatores de *Fronteiras* devem também saber que recebeu aprovação do *Osservatore romano*; o jornal *O povo*, que está tão seco para *defender* a Igreja, fique sabendo disto e não torne a dizer asneiras.

Fui seguramente informado pelo escritor francês católico Robert Garric, que há pouco nos visitou, que todas as atitudes de Maritain e [de] seus amigos em relação ao comunismo e ao caso espanhol têm sido aprovadas pelo Cardeal Verdier, Arcebispo de Paris.

Se amanhã a Igreja, em documento [sic] de seu magistério, condenasse Maritain, estou certo de que ele se curvaria, pois como ele mesmo afirmou em um de seus livros, “o Papa é o juiz supremo em matéria de doutrina”; e eu também certamente entregaria os pontos, pois sei que na direção da Igreja está o verdadeiro equilíbrio; mas enquanto o Papa não o faz, estarei contra os jornais e os políticos brasileiros cujo apetite teológico acho mais do que suspeito.

Como fui também citado pelo referido jornal *O povo*, venho declarar mais uma vez que considero a doutrina comunista incompatível com a doutrina católica; que, no caso de ser aplicada, aumentaria o mal estar existente no mundo; que a depositária da verdade total é a Igreja Católica Apostólica Romana, cuja orientação pela voz esclarecida e inspirada do Sumo Pontífice, procuro seguir na medida de minhas pobres forças; e que a Igreja está acima e independente de todos os fascismos, comunismos e outros ismos deste mundo, porquanto está apoiada no amor e na fé em Jesus Cristo, isto é, no ETERNO.

A Comunhão dos Santos⁸

Fala-se muito hoje em catolicismo de esquerda e catolicismo de direita. Tais designações servem praticamente como pontos de referência, mas não correspondem a uma realidade espiritual, que é justamente a que mais interessa na vida religiosa. Talvez houvesse maior propriedade em se falar em católico direito e católico esquerdo... Uma das principais características do espírito católico é o de atravessar as épocas, adaptando-se a todas as circunstâncias de tempo e de lugar, e ficando, através de todas as transformações, igual a si mesmo; devendo-se isto, em grande parte, à vitalidade litúrgica e sacramental da Igreja. Diante da fração do pão não há mais rico nem pobre, nem burguês nem proletário, nem patrão nem empregado. As realidades espirituais transcendem a toda a contingência. “Tudo é de vós” - diz São Paulo – “vós sois de Cristo, e o Cristo é de Deus”. Devemos incorporar tudo o que de grande e belo existe no mundo, devemos presidir a todas as transformações. A Igreja Católica, em razão de sua missão apostólica e da sua universalidade (mal nasceu, foi logo batizada de católica por S. Inácio de Antioquia, adquirindo uma consciência total) infiltra-se em todos os lugares, transmitindo a mensagem que seu Divino Fundador trouxe ao mundo. Um dos pontos essenciais dessa mensagem é a libertação dos homens pela Verdade, que não é outra senão Deus encarnado no próprio Cristo. Essa libertação imprime independência no espírito do Cristão. Criado à imagem e semelhança de Deus, o homem traz estampados na sua pessoa vestígios dessa origem sobrenatural. Todo o homem traz naturalmente em si o gérmen de uma vocação superior; o cristão é o homem que desenvolveu esse gérmen pela consciência da Redenção operada pelo Cristo. Em virtude da solidariedade que liga os homens entre si como os membros de um corpo, os teólogos espirituais trazidos pelo Cristo devem ser comunicados, devem circular na atmosfera para que haja equilíbrio dentro da grande ideia de unidade e todos os homens se sintam filhos de um mesmo Pai comum. A comunidade dos bens materiais é uma antecipação humana dessa vasta comunidade espiritual, que terá a sua expressão máxima na glória da Igreja triunfante. A vida invisível da Igreja militante escapa completamente aos olhos de um leigo; mas nas simples aparências materiais pode-se constatar esse espírito de comunidade sobre que repousa socialmente a Igreja. Uma Igreja está aberta para todos; os gordos donativos do rico como o tostão do pobre transformam-se em pedra, em tijolos, em quadros, em estátuas, em vitrais, em órgãos que são outras tantas fontes de prazer espiritual - e sensorial - [em] que todos se abeberam. Sem o dinheiro do povo, sem a sua participação, não

⁸ MENDES, Murilo. “A Comunhão dos Santos”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 19, 16 set. 1937, p. 2.

se constroem Igrejas; eis porque queimar Igrejas é, antes de tudo, atentar contra os bens do próprio povo.

Queremos frisar o caráter social e comunicativo da religião católica que é ao mesmo tempo personalista, pregando e defendendo a todo o transe [sic] a dignidade da pessoa humana. “Creio na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos”, é uma fórmula desdobrada de um só dogma, de um só artigo do Símbolo dos Apóstolos. Esta vizinhança é bem significativa. Em última análise, a Igreja Católica e a Comunhão dos Santos, são uma e a mesma coisa. E o comunismo marxista, não é outra coisa senão a transladação para o plano leigo e materialista desse grande dogma. Todo o católico deve ser automaticamente comunista - e, por isto mesmo, não precisa de apelar para o comunismo de Marx, Engels e Lênin, que tira do cristianismo os poucos elementos de verdade que contém, mas que se resolve numa síntese diametralmente oposta à verdade católica, tornando irreconciliáveis as duas doutrinas. Não é em vão que a frase “Proletários de todos os países, uni-vos” tenha sido, escrita por um cristão em 1833, isto é, 14 anos antes da publicação do manifesto Comunista de Marx e Engels. Foi, realmente, o Padre Lamennais quem escreveu essa frase no seu livro *Paroles d'un croyant*, onde se lê também, entre muitas outras coisas certas e outras erradas, que “em virtude desta ação e desta reação recíproca do indivíduo sobre a sociedade, da sociedade sobre o indivíduo, cumprir-se o progresso ao mesmo tempo social e individual”. A frase famosa do *Manifesto* ainda é reflexo do conselho que foi dado para a eternidade, 1800 anos antes, por Aquele que mandou todos os homens - e não só os operários - de todos os tempos e de todos os países se unirem e se amarem uns aos outros.

O católico de esquerda é o católico que passa por bolchevista diante de certa gente e de certa imprensa que pretende defender a Igreja contra os mais autorizados intérpretes de sua doutrina!... Católico bolchevista é o que acha e escreve que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no reino do céu; que não se pode servir a dois senhores, a Deus e a Mamom; que é preciso tratar com benevolência e caridade todos os homens, não só os amigos, como também os inimigos; que é necessário vestir os nus, alimentar os famintos, humanizar a situação dos encarcerados, solidarizar-se com o empregado e o operário mal pagos; que o Cristo, quando traçou para sempre no capítulo 25 de S. Mateus e em outros, o código da assistência social, condicionou o próprio julgamento divino ao maior ou menor grau de bondade espiritual e material que nós tivermos para com nosso semelhante, ao qual, antes de o socorrer, não precisamos de perguntar se é católico, bate no peito e jejua toda a sexta-feira: é um homem que precisa de auxílio. Católico bolchevista é o que pensa que o Cristo sofre no habitante do mocambo, na empregadinha da loja que ganha 150\$ por mês e

sustenta a mãe e um irmão menor; é o que declara que Cristo mandou S. Pedro embainhar a espada, portanto não se deve pregar a guerra; que se deve dar mais a Deus do que a César, estranhando o positivismo maurrasiano de certos padres e leigos adeptos do *politique d'abord*; que, internacionalista por definição, não concorda que se prenda a torto e a direito intelectuais que se recusam a incensar o ídolo nacionalista; é o que se orienta pelo Evangelho e pelas encíclicas e outros documentos da Santa Sé, em vez de se orientar pelos programas dos partidos políticos, verdes ou vermelhos; é o que declara que a Igreja Católica é mais forte que todas as heresias juntas, e que ela enterrará o comunismo marxista e o fascismo (imperialismo nacionalista); e que se solidariza com alguns intelectuais - se bem que discordando completamente de outras ideias dos mesmos - num ponto comum, que é o do respeito à dignidade da pessoa humana e o da sua liberdade intelectual, sem os quais não pode haver verdadeira cultura - essa cultura que vem do culto - consciente ou inconsciente - que os homens rendem a Deus pelos seus trabalhos, pelos seus pensamentos, pelos seus sacrifícios, pelos seus livros, pelas suas experiências, pelas suas obras de arte, pelas suas provações - e que a Igreja Católica, a consciência do mundo, oferece diariamente à Santíssima Trindade no sacrifício da Missa, ato religioso por excelência da Comunhão dos Santos.

Poesia Católica⁹

La religion seule est restée toute neuve, la religion
Est restée simple comme les hangars de port-aviation.
Seul en Europe tu n'es pas antique, ô christianisme.
LEuropéen le plus moderne c'est vous papepiex.

Quando Guillaume Apollinaire escreveu, no princípio deste século, estes versos que abrem o mais famoso de seus poemas, “Zone”, havia de estar, na certa, consciente da sua profunda significação profética. Não é por acaso que o chefe do mais importante movimento de arte e poesia *moderna* tenha sido ao mesmo tempo o observador e comentador poético desta profunda verdade - que a religião católica é sempre moderna; ela detesta o *velho*, mas conserva o *antigo*. Uma das razões disto é que ela não acompanha o homem e a vida numa só época. O estudo de um homem dentro do tempo isca o homem em um momento determinado. O presente de um homem é, porém, um resultado de seu próprio passado e do dos seus antepassados. Os momentos e as épocas não são estanques, são ligados aos momentos e às épocas passadas. A admirável liturgia católica celebra a vida do homem desde a sua origem até a consumação dos séculos. Uma síntese tão poderosa só pode ser feita pela encarnação de um Deus cuja vida, atos, palavras, paixão, morte e ressurreição a Igreja celebra hoje como há dois mil anos; um Deus que triunfou do espaço e do tempo, e cuja doutrina não está sujeita - como todas as outras sem exceção - à influência das correntes políticas e econômicas de uma época.

Curioso é que esse Papa Pio X, que no dizer de Apollinaire era o mais moderno de todos os Europeus, foi o condenador do movimento modernista em filosofia, teologia, arte e literatura. Condenou a *modernice*, muito antes de nós, modernistas exaltados, a condenarmos... esse mesmo Pio X, segundo alguns críticos musicais, foi o precursor, pelo seu *motu proprio* sobre a música sacra (em que se denuncia a falsidade da ópera), do Grupo dos 6, onde se pregou a volta de Bach e [d]a música pura.

Um homem verdadeiramente católico está sempre no seu tempo, e mais ainda com a soma dos tempos atrás de si. E tem na sua frente a eternidade, pois a vida não pode morrer - assume novas formas, continuando em purificação. O espírito católico é cioso de todos os aspectos da vida, pois reflete a paternidade que decorre da grande paternidade divina. São Paulo diz que os cristãos vivem na expectativa das coisas formidáveis que o universo vai parir. Por isto o espírito católico é eminentemente vigilante, organiza todos os elementos para o registro

⁹ MENDES, Murilo. “Poesia Católica”. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, n. 20, 23 set. 1937, p. 2.

e inspeção de tudo que vai germinando e nascendo. Nós somos os responsáveis pelo mundo, cujas criações devemos catalogar a luz do refletor poderosíssimo que o Cristo nos legou, e que o catolicismo, inigualável *metteur en scene* da vida universal, conserva e conservará até o fim das idades. Nosso Mestre nos diz: “O homem de Deus tira do seu tesouro, *nova et vetera*, riquezas antigas e riquezas novas”.

Este é o sentido do lema “restaurar a poesia em Cristo”. Restaurar a poesia em Cristo não é, como pensam erradamente alguns, desprezar a matéria, bater no peito e enfiar-se na sacristia. É mesmo o contrário... sair da sacristia. É apreciar, pesar, apalpar, tocar, sentir, ouvir, cheirar tudo o que a vida nos apresenta - é considerar tudo isto como parte integrante do Reino de Deus. *É ordenar a matéria a Deus*. Negar a importância fundamental da matéria é heresia. A alta, segundo a doutrina católica, informa e penetra todos os átomos do corpo. Um católico é antes de tudo, pagão; depois é que é cristão. A matéria se transforma e evolui por ordem de Deus. A matéria é bela. É a forma visível do espírito. Grandes forças da matéria se entrelaçam, reproduzindo continuamente mil edições dos pensamentos de Deus. A heresia consistira em afirmar que a matéria é uma força cega e que Deus se confunde com ela; não, a matéria é ordenada pelo espírito (e pela técnica), e Deus transcende da natureza, embora lhe esteja intimamente ligado. Todos os sentidos devem estar vigilantes para captarem os elementos de interesse poético que existem em todas as coisas. Nossa única mestra, a Igreja Católica, nos dá no seu culto quotidiano uma lição materialista de primeira ordem, atacando os nossos sentidos, para que aprendamos a sacralizar as coisas objetivas, na esperança da pacificação da matéria que se há de realizar na Igreja triunfante. No cântico dos três meninos na fornalha, que se reza como ação de graças depois da missa, lê-se o elogio de todas as formas variáveis da criação, cujo tema São Francisco de Assis retomaria mais tarde no “Cântico do irmão Sol”. Sem dúvida alguma, a força de Deus, que é de ordem transcendente e sobrenatural, vivifica todas as coisas, e a um sinal seu a criação cairia no vácuo; mas por isto mesmo que Ele conserva a matéria pela ação da sua Providência, a importância da mesma é enorme. “O Verbo se fez carne e habitou entre nós”. Foi por efeito da encarnação do Cristo que a união do corpo do homem e da mulher tornou-se um ato tão belo, tão grandioso, que São Paulo o compara “à união do Cristo com a Igreja” (Efésios 5, 32), sendo elevado à dignidade de sacramento, pois pela fusão carnal o homem colabora de mais perto com Deus na obra da ampliação do mundo.

Deus opera por intermédio do homem grandes coisas. Como diz magnificamente a poetisa católica Adalgisa Nery -, cujo livro de poemas, a aparecer brevemente, a situará entre os maiores poetas do mundo, sendo um tropeço para os católicos e falsos espiritualistas – “Deus nos pede emprestados” -. Pela força do espírito Ele dilata nossa visão da matéria, tomando-nos

participantes de tudo o que se passa no mundo. Não devemos, portanto, ser inicialmente otimistas ou pessimistas - o que nos levaria a um *parti pris*. A vida nos oferece em seu curso as emoções as mais opostas, emoções necessariamente opostas, pois de outra maneira não teríamos relações construtivas. A poesia católica não deve ser unilateral; nela devem se fundir a alegria e a tristeza, o espírito e a matéria, o tempo e a eternidade, pois todas as categorias são aspectos diversos da múltipla e uma Caridade que preside a vida cósmica, isto é, do Amor sem o qual não existem poetas nem a poesia.